ANNO XXVI — N.º 20
Rio, 14 de Maio de 1932
PREÇO: 1$000

Incomodos...

MELANCOLIA . . . Desanimo . . . Angustia . . . Vertigens . . . Dôr de cabeça . . . Mal estar geral . . .

As molestias das senhoras se aliviam de forma facil, rapida e segura, com o analgesico ideal:

Cafiaspirina

o remedio de confiança

Alivia rapidamente as dôres, sem prejudicar o organismo, antes restituindo-lhe o vigor e o bem estar.

A CAFIASPIRINA é igualmente eficaz para as nevralgias, enxaquecas, dôres de dentes, reumatismo, dôres de ouvidos, resfriados, etc.

SE É BAYER É BOM

O conto brasileiro

A unica opportunidade de um celibatario

De Santino Gomes de Matos

(Ao espirito fulgurante de Bastos Portela)

ESTIROU-SE no divan e abriu, a esmo, uma pagina de romance, não para lêl-a, sinão para gozar toda a delicia daquella solidão.

Teve um olhar de afago para cada objecto e na jarra, sobre a escrivaninha, as flôres lhe corresponderam com um sorriso.

Juntou as mãos sobre o peito, apertando-as, como para se sentir cada vez mais dentro do seu "eu", na paz de um gabinete, entre livros e quadros.

Quanta responsabilidade lá fóra! Quanta fronte ardendo em febre, na imminencia de uma bala que a atravessa de lado a lado!

Levantou-se e correu o caixilho da janella. A noite ia triste e fria. A luz se amortalhava em véos de neblina, cahindo do alto dos postes, como uma ducha de melancolia, sobre os raros transeuntes apressados, mettidos em capas gottejantes.

A resistencia em certos casos serve para consolidar a victoria. Lutamos denodadamente, mas, quando cahimos, cahimos de uma vez, para nunca mais nos erguermos.

Era o caso do Lucindo. As palavras dos amigos continuavam a verrumar-lhe o cerebro. E sentia que se desmoronava, a pouco e pouco, a muralha de principios em que se acastellára.

Olhou por algum tempo a casa fronteira. Havia luzes na sala. E idealizou um quadro muito dôce, sob as caricias da felicidade: marido, mulher e filhos, no convivio delicioso de corações que se querem, de almas que se arrimam na trajectoria da vida.

As mesmas razões que pesavam contra, passaram agora a combater do outro lado, no campo de seu espirito. Tudo pedia um affago, um carinho de mulher. Na jarra, as flôres lhe pareceram mal postas e a solidão ambiente entediou-o. Os quadros mudos, já sem a linguagem dos coloridos e das scenas. Os mesmos livros, num derrame de displicencia, com as suas theorias, as suas premissas e conclusões em que o espirito se granitizava, aridamente.

Foi nessa noite que o Lucindo determinou, de pedra e cal, acabar com a vida de celibato.

Si lhe derem 42 annos, andam muito bem os leitores. Quarenta e dois annos e philosopho, armado assim, vantajosamente, contra a surprêsa das moças e a salafrarice das velhas.

Fez a estréa da vida de sociedade num chá dançante, em casa de um dos amigos. Durante todo o tempo esteve por conta de uma solteirona que lhe pagou elogios baratos, num disperdicio de sorrisos e de ademanes desgraciosos.

Em casa, desabafou, escrevendo no seu caderno de notas: "As mulheres, depois de velhas, são de um prosaismo revoltante. O mysterio, a incomprehensão da alma feminina está no ponto de vista por que os homens a encaram. Somos nós que teimamos em nos enganar, com ressaiva da illusão. A alma não envelhece. E uma alma de velha, embora feminina, não tem erradas de labirynthos. Tres caminhos apenas, abertos aos olhos menos perspicazes: ou reza, ou alcovita ou tráe a sua classe, como unico meio de se impôr á admiração dos ingenuos."

Ninguem fica obrigado a acceitar a philosophia do Lucindo. Quero que não valha grande coisa. Mas o homem tinha lá a sua mania, talvez a unica: não assistia a brigas de gallos e, coherentemente, tambem nunca foi ás sessões do Senado. Confesso, porém, que a mania delle era bastante mais perigosa.

Arrastado por ella, deu-se o Lucindo ao estudo de todas as moças que lhe cahiam na esphera de attracção. Comprehendem: o homem queria casar e o casamento é uma especie de chamma que tem sempre em roda uma multidão de mariposas.

Acho que encontrei isto nos papeis do Lucindo. Mas, vá por minha conta.

— E a quem escolheu, afinal de contas? Uma loira, uma morena?...

Esperem. Tão depressa não se decidiria um philosopho. Encheu o caderno de conceitos á Schopenhauer e foi só.

Resolveu ficar celibatario?

Não, senhoras. Mudou de terreno. Seriam os proprios casados que lhe indicariam, na maneira de vida, a esposa ideal.

E deu inicio ás pesquizas.

Encontrou vasto campo de investigações, mas que mundo insupportavel, o mundo dos casados!

O primeiro que visitou foi um dos collegas dos mais insistentes no conselho de que devia tomar estado. Teve-o por seu desaffecto, deante do que lhe viu e observou da vida no lar. Era um fantoche, uma figura apenas obrigada em face da sociedade, que nas occasiões opportunas vinha apresentada pelo braço da mulher, sem nome, sem personalidade:

— O meu marido.

Depois disso, voltava á condição de insignificancia, retirado a um canto da sala.

Uma noite, lembrava-se bem, tocava-se no luxuoso salão. Faltaram cordas para um bandolim.

— O' homem, não vês?

Elle tomára logo o rumo da porta, apressadamente, ainda com um dito de máu humor pelas costas.

— E' tão esquecido, o Arthur!

Lucindo ficou a engulir em sêcco, olhando a figurinha loura em sua frente. E a nota do caderno rezou assim: "As louras são impertinentes, orgulhosas e autoritarias."

E quanto ás morenas, dias depois: "As morenas são rixentas por ciume, e, ás vezes, sem nenhum pretexto. Si não encontram com quem discutir, arriscam-se a pôr em pratica a expressão corrente de atirar pedras nos cantos..."

E por ahi afóra, todo um ról de casadas, cada qual com o seu defeito — as de olhos negros e azues, as de bôccas pequenas, as tristes, as alegres...

Coisas da Providencia! Foi uma surprêsa e uma alegria inenarravel para o Lucindo! Afinal de contas, achava o seu ideal, justamente quando ia a desesperar. E' da psychologia da Providencia chegar sempre na ultima hora. Do contrario, não seria Providencia.

Aquella, sim! Delicada, amante da familia, vivendo só para o lar, para o seu amôr!

Tentou diversas vezes classificar-lhe o typo feminino, mas era desses

(Cont. na pag. seguinte)

A unica opportunidade de um celibatario — (continuação)

que fogem a toda classificação.

Confrontou-lhe a imagem com todas de quantas se recordava, no decurso dos 42 annos. Nenhuma, nenhuma, siquer num traço, se parecia com ella.

Folheou albuns de retratos antigos e modernos. Os que tinha, os que obteve de emprestimo. Trabalho inutil. E acabou acceitando o mysterio que envolve a mulher, sem poder contrál-o dentro de si mesmo.

De que valêra collocar o sentimento sob o "contrôle" da razão? Máu grado seu, amava a mulher do proprio amigo!

Desviou a culpa para o destino. E' esta uma das vantagens dos philosophos. Nunca ficam sem uma sahida honrosa.

O destino, muitas vezes, lá o levou e de lá o trouxe com o desespero nalma.

Si o marido morresse!

A principio, regeitou o alvitre do destino. Mas, não ha força maior que nos seja das nuvens para baixo.

Passou-lhe na mente um grande numero de molestias, até que parou numa congestão cerebral. Coisa facilima. Podia accommettêl-o de um momento para outro. Quantos casos, diariamente! E contou uns vinte pelos dedos.

Devia preparar o terreno. Com effeito. Um dia, em que a encontrou sozinha, demorou-se mais no aperto de mão e foi geitosamente encaminhando a palestra até que calhou dizer-lhe das suas raras qualidades della e confessar-se terrivel admirador das viuvas.

— A razão é muito simples: têem, a seu favor, a maneira de procêder para com o primeiro marido.

Ella paraceu não se dar por achada. Mas,

UM ORIGINAL "ASTRO" DO CINEMA

SI não é verdade que Rin tin-tin é o mais fulgurante "astro" do cinema, pelo menos elle é um dos poucos actores do film que não têm vaidade. Rin-tin-tin é o unico cão "astro" que trabalha na constellação de Hollywood e o unico, tambem, que ainda não foi bafejado pelo sopro do escandalo. Elle arrostou, como os seus collegas de scena muda com o fogo da guerra, não como actor, que o não era nesse tempo, mas como filho e companheiro do ribombo das metralhas.

Rin-tin-tin nasceu perto de Hindenburg, nas fileiras de guerra, em 1918. Seus paes foram capturados pelo tenente Lee Duncan. Um esclarecedor do Esquadrão aereo n. 135, durante a offensiva de St. Mihiel, no campo dos allemães. Apenas com algumas semanas de idade, Rin-tin-tin foi tirado dos carinhos maternos e consagrado mascotte do esquadrão. Alimentado a leite condensado e farinhas, cresceu e tornou-se um bello cão policial e, sem duvida, o divertimento dos aviadores. Elle fez diversos vôos, e entrou em alguns combates aereos. Aprendeu o trabalho de cão da Cruz Vermelha, carregando medicamentos e ataduras para os feridos, entre as balas, no meio dos combates. Quando a guerra terminou e o esquadrão voltou á America, em 1919, Mr. Duncan

A CONTRARIEDADE DE HONTEM — Em 1907. Surprehendida fumando um cigarro...

enrubesceu ligeiramente, o bastante para mostrar que comprehendêra. Lucindo deu-se pressa em cahir, receioso de maior profanação. Quanta delicadeza de alma, que candura de sentimentos!

Ora, minhas caras leitoras, não se espantem! O mundo é cheio de surprêsas e coincidencias. A noticia correu rapidamente.

— Um ataque de apoplexia — avisamos pelo telephone.

Até que emfim... Sentia-o deveras, sentia-o mesmo, disse o Lucindo ao criado, procurando aproveitar o éco das palavras para um motivo de sentimento.

Parou em frente ao espelho, concertando o laço da gravata. Pintou de negro uns fios grizalhos, nas frontes e no bigode. E, mettido numa bella casaca, perfumado, subiu para o auto, com ordem de marcha lenta ao "chauffeur". Precisava compôr os gestos que tomaria deante da scena de desespero.

O automovel parou atráz de outros carros. Entrou, procurando-a entre as muitas pessôas que enchiam a casa.

Todos se voltaram para elle. Correu um sussurro de grupo a grupo. E o Lucindo tremia, no riso alvar de sua gravata branca.

Appareceu um diplomata de mexericos na pessôa de uma velhota que, conduzindo-o a um angulo de janella, lhe segredou, com voz bastante para encher a sala, as suspeitas de que o Lucindo vinha sendo alvo.

— Fugiu esta manhã, a desavergonhada. Sempre duvidei que fosse com o senhor. Mas, coitadinha, antes fosse! Ora, é muita desfaçatez! Dizem ahi de um guarda-civil. O senhor... bem, mas o senhor... sempre o disse, não seria capaz.

Lucindo, como chumbado ao coalho, não queria acreditar no que ouvia. Afinal, arrancando-se de si mesmo, sahiu precipitadamente, sem nem perguntar pelo enfermo.

Em casa, no caderno aberto, completou a phrase começada:

"O melhor partido é a viuva de um amigo que morre de apoplexia... quando não foge com um guarda-civil..."

Foi philosopho até ao fim...

---

trouxe Rin-tin-tin, e levou-o para a California, onde o educaram segundo o methodo ensinado aos cães policiaes e acabou batendo o *record* do pulo.

Seu dono, então, pensou em apresental-o deante da tela, e, quando viu o successo de Strongheart, não teve mais duvida e fêl-o treinar para a carreira cinematographica. Representar não era tão facil de ensinar e aprender. Rin-tin-tin não se habituava a receber as ordens sem virar a cabeça. Essa difficuldade foi vencida pelo seu professor, pondo-o em quarto circulado por espelhos, de maneira que elle via o signal e ouvia a ordem estando em qualquer posição. Gradualmente, o cão começou a aprender e obedecer ás palavras sem signaes. Depois disso, era tão facil fazêl-o trabalhar quanto a qualquer actor, e, ás vezes, até, mais facil...

Começou por uma ponta em pequena fita sem importancia; dahi seguiu no caminho da gloria até alcançar o logar de "astro" favorito que hoje occupa. Comtudo, o successo de Rin-tin-tin não o levou ao orgulho nem á prosápia dos heróes do genero, e, apesar de ganhar 500 dollars por semana, continúa a viver na mesma casa que occupava quando chegou a Hollywood.

O seu menú de leite, ovos e assado não variou, só tem a mais o seu auto particular, o seu livro de cheques e o seu contracto, sendo que o dono é o responsavel por esses ultimos. Tem rivaes, mas, mesmo nos casos perigosos como o de Strongheart, não ha ciumes entre os concorrentes...

Em conclusão: Rin-tin-tin é a figura mais rara e extraordinaria do cinema...

ACABARAM-SE MEUS CIGARROS

QUE CONTRARIEDADE

A CONTRARIEDADE DE HOJE — Em 1932. Surprehendida sem cigarros...

MEU CHINEZ SENTIMENTAL

O chinez humilde que lava minha roupa é um homem de rosto amarello, assignalado de manchas virulentas, que possúe a sabia virtude do sorriso eterno. Seu inalteravel bom humor o fez digno da quasi admiração que lhe dedico. Quando elle chega á minha habitação para effectuar sua visita dominical, julgo vêr nelle um grande personagem e o cumprimento cerimoniosamente na lingua dos lords: "Morning, Sir". Ás vezes, quiz dizer-lhe "Lord", pois talvez conte entre seus ancestraes algum mandarim de barba aguda, desses que costumavam envolver sua amarella humanidade em claras sêdas decoradas com negros dragões cabalisticos. Outras vezes, o saúdo de "Herr", com breve disciplina germânica, ou em claro e cordial portuguez.

Quando me encontra deante do espelho, preparado para receber a caricia torturante da gilette, sorri sabiamente, com certa ironia cansada, e eu me volto para elle, extendo meus braços para a frente, como o determina a lithurgia do velho Oriente, e, inclinando a cabeça, exclamo: "Saúde, filho de Por Fó, discipulo de Confucio, alma viajôra que, nalguma de vossas transmigrações, fostes, talvez, amante feliz de Li-tai-Pé..."

E meu chinez ri, ri, com um riso que não é o da Marqueza Eulalia...

Meu chinez (e uso o possesivo porque entre os quatrocentos milhões de chinezes, este é o que, ha dois lustros, purifica minhas roupas e segue meus passos entre a intrincada complicação de pensões e hoteis) — meu chinez é um grande senhor, mas, apesar disso, é, para mim, algo como meu *bureau*, meu chapéo ou minha bengala. Em seu trabalho é insubstituivel. Não sei si com outros teve a mesma gentileza, mas a mim jamais se apresentou com despotico aspecto de credor. Nunca pôz deante de meus olhos essas facturas complicadas que ninguem decifra e que nos fazem pensar em bazares riquissimos, em multidões polychromicas, no encanto magico do Oriente mysterioso: Hong-Kong, Tokio, Saigón...

Depois de deixar minha roupa bucolicamente limpa sobre uma cadeira, quasi penalizado, elle me pergunta, afiautando a voz, si eu tenho dinheiro. Si minha resposta é affirmativa e ponho em suas mãos uma ou duas moedas, o que raramente acontece, elle me olha sorridente e as deixa cahirem, com apostolica indifferença, dentro dos bolsos. Si é negativa, tambem sorri e se afasta tranquillamente, murmurando entre dentes: "Outro dia...." E sua resignação, que é exemplar, me fez meditar mais de uma vez na alma complicada do povo amarello. Meu chinez é sentimental, e, provavelmente, seu sentimentalismo o faz esquecer seus direitos de credor. E', além disso, dono de uma bondade inexgottavel e de uma tolerancia sapientissima, e, assim, emquanto recolhe minha roupa, minha imaginação voou com elle ás cidades ribeirinhas do rio Sagrado, e, despojando-o de seus adolitamentos de humilde lava-roupa, julguei vêl-o nos tempos do Imperio, trajando sêdas exóticas, aspirando em seu longo cachimbo de marfim a droga negra e ordenando, de ricos travesseiros, preguiçoso e omnipotente, com gestos augustos de refinado mandarim. Sonhei que este chinez foi um mandarim, e si não elle, algum de seus avôs o fosse, e depois revezes da fortuna — *donna mo-*

De José Nucete - Sardi

bile, — ou a proclamação da Republica o atiraram para terras da America, onde desceu do lombo de seus dragões alados para cahir na complicada *bukardilla* de uma lavanderia, e em suas pupillas estriadas, que viram esplendidezas imperiaes, se reflecte uma sabia resignação. Outras vezes, o suppuz o bonzo Cheu-Tse, officiando em altares perfumados e fumegantes, onde se destaca, entre o luxo das sêdas ornamentaes e os signos cabalisticos, um Budha resignado e monumental. Ou talvez haja sido um valente pirata do mar amarello, traficante de drogas diabolicas, de sêdas riquissimas e de pequenas mulheres malaias, cujos favores gozou na embriaguez de um sétimo cachimbo, ou no bochorno enervante de uma sesta no mar de Borneo.

E emquanto minha imaginação o vê, mandarim, bonzo ou pirata, entre sêdas lithurgicas, ou cheio de raiva selvagem apertando o punhal com os dentes, meu chinez se aproxima de mim, resignado e sorridente, sem sêdas nem dragões, e me confessa que ama loucamente minha vizinha, a quem surprehende nas manhãs de domingo, e cuja passagem, para a missa na capella proxima, espreita da porta da casa que habito. Diz-me que ha muito tempo espera ansiosamente o domingo, unico dia que suas occupações lhe permittem admiral-a, mas que não se atreve a falar-lhe de seu amôr. Confessa-me, tambem, que, lá, numa longinqua cidade amarella, vive uma chineza pequenina, com quem se casára annos antes de abandonar seu paiz de lenda e de mysterio, e, emquanto fala de sua paixão pela vizinha, sorri, e em seus olhos transparece antecipadamente uma resignada renuncia...

Insinuei-lhe que lhe denuncie a sua paixão. Quiz escrever-lhe e eu me offereci para pôr no papel as phrases que meu chinez me dictasse. Minha penna esperava e elle ia dictando, em uma estranha e desconhecida linguagem, phrases que delatavam sua exaltação amorosa, mas que minha penna foi impotente para escrever. Dobrei cuidadosamente a pagina branca, virgem de signaes que não poderiam traduzir aquella paixão e, sem que notasse que não levava nenhum traço, a colloquei em um enveloppe diminuto, que suas mãos receberam com tremor de agradecimento. Eu pensei que por um momento havia servido de amanuense a um mandarim sumptuoso e grave...

O homem amarello sahiu para a porta, de onde dominicalmente espiava a figurinha de *boulevard* que o fizera pensar no amôr, e esperou sua passagem, resignado e alegre. De meu balcão o observei longo tempo e pensei no amôr exótico daquelle homem, que, mandarim ou pirata, bonzo ou lava-roupa, aguardava a passagem de uma mulher que talvez não soubesse lêr, na alvura daquella pagina virgem de signaes, a suave illusão que ella prendêra e que ardia maravilhosamente na vida obscura e solitaria daquelle humilde chinez...

SANDRA (Capital) — O escriptor Edvard Carmilo é muito nosso amigo. E' um espirito fidalgo e captivante. E que radioso talento! Mas a verdade é que não sei si elle deseja que o seu endereço particular seja divulgado. Elle é paulista e reside em S. Paulo. O resto, poram, depende delle...

KAROL (Pernambuco) — Aqui vae a sua linda cartinha azul — perfumada como as suas mãos de boneca nortista:

"Bastos Portella. Saudações. Tendo lido de tempos em tempos algumas de suas secções com o pseudonymo Yves, o que somente agora tive a opportunidade de descobril-o; e ao mesmo tempo gostando e apreciando a maneira de contentar a uns e desvanecer a outros de um modo que o consulente não pode ficar aborrecido, como a que li ultimamente: "O soneto Idilio fica para quando a cesta estiver mais vasia. Ella já está abarrotada, etc. Achei-o simplesmente adoravel, razão por que me animei a dirigir lhe essas enfastiosas linhas, na certeza de que se não fosse a sua resposta satisfatoria, tambem não causaria aborrecimento a minha decepção. O que acho no entretanto muito interessante Yves, é V. encontrar sempre uma resposta amena para todos.

Para não importunal-o mais, vae aqui a minha consulta, aliás um pouco embaraçada confesso: com a graphia e orthographia que me dirigindo a V. segue, o que dirá a graphologia sobre a sua admiradora leitora. — *Karol.*"

Sou muito sensivel ás palavras gentis que me concede. Ellas me agradam tanto mais quanto é certo que v. ex. é minha conterranea... E, como sobe-adoro as pernambucanas e as paraenses.

Relativamente á graphologia, nada direi a v. ex. Estudos de tal natureza só os faço para as pessôas de minhas relações ou que me procuram pessoalmente. Assim, fico certo sobre quem seja a pessôa com quem trato.

Percebe?

W. ABREU (S. Paulo) — A sua carta é interessante. Si bem que esta pagina não se destine á publicidade dellas, a sua, porém, é das que merecem divulgação no "Saibam todos"...

Leiamol-a:

"Illmo. sr. Yves Saúde e paz. Não foi sem um ah! de surpreza que li a sua resposta, a mim dirigida, em o numero 16 de Fon-Fon. Agradeço-lhe com sinceridade a aceitação de meus versos, o que sobremodo me lisongeia e desvanece.

Si errei, colocando a rima *engrinalde* no singular com sujeito composto no plural, peço-lhe perdão. Julguei que, estando estribado em "E lá vay o nosso governo, os nossos logares...." de Manoel Bernardes (N. Floresta), não incorreria em erro.

Isso, porém, não importa, comquanto podemos continuar, sem entrave, as relações literarias. Creio na sua autoridade a respeito e sou demais pigmeu para divergir do mestre.

Corrijo o meu poema e, consoante pedido seu, o remeto datilografado, juntamente com o "Volta".

Grato pelos encomios que teceu gentilmente ao meu querido professor, sr. José B. Cursino, subscreve o admirador e amigo."

Eu não sou homem de grammatiquices. Confesso que não sou jurista e, de quando em quando, dou lá a minha cincada.

No caso do seu verso, a minha exigencia se explica. E que estamos afastados dos classicos, nesta época em que nem os philologos estão de accordo, entre si. De resto, a regra geral é a que citei. A que me apresenta é excepção. E posto que M. Bernardes seja autoridade, o innegavel é que não se despreza a regra para seguir a excepção do mestre portuguez. Não lhe parece?

Ha tanta formula classica desprezada — em proveito das formulas erroneas mas, autorizadas pelo uso...

Os seus poemas ficam á espera de vaga. E dê lembranças ao Cursino, nosso excellente camarada e escriptor de grande brilho.

SEVY (3) — V. ex. deve dizer com mais acerto:

1º — "Faz muitos annos" ou "Ha muitos annos"...

2º — "Pede-se aos viajantes que não atirem". — "Pede-se aos srs. viajantes não atirar" não é erro.

POETOTE (Capital) — Aqui está a sua carta, onde o sr. me diz, num aranzel tati-bi-tati, que está vingado de mim, porque o meu romance "Uma garçonne carioca" foi cruelmente atacado por um critico de um vespertino carioca.

O caso, mais claro, é o seguinte: O sr. me enviou o anno passado, uma versalhada hedionda, para que a julgasse. Fiz umas pilherias com o sr. e mandei os versos para a cesta.

E' natural que o sr. me ficasse odiando, surdamente, como me ficaria querendo bem, si o elogiasse ou tivesse publicado a sua collaboração.

Esperou um anno que eu publicasse um livro. Mesquinho, injusto, despeitado, não viu, ou não quiz ler as varias criticas favoraveis ao meu romance: apegou-se á unica desfavoravel que encontrou e — zás! — escreveu-me uma carta vingativa.

Pusillanimidade literaria, certamente! Ora, em bôa regra, eu não respondo a cavalheiros dessa mentalidade. Mas a sua missiva me suggere esta resposta philosophica.

Eil-a: E' verdade que eu o critiquei, a seu pedido: tambem eu fui criticado, nas mesmas circumstancias. Até o nosso destino é irmão. Dahi por deante não tem nenhum grau de parentesco.

Se não, vejamos.

O sr. foi feliz. Sendo um simples Poetote, — depois da minha critica o sr. desappareceu no fundo da cesta de papeis, apagou-se para sempre. Ao passo que eu aqui continúo, infelizmente, sem encontrar quem me queira substituir e com o destino de escrever novos livros que, por sua vez, serão criticados, por A ou por B, emquanto outros "Poetotes", agachados á sombra do anonymato, ou no fundo da "cesta", estarão promptos para me apedrejar ou me escrever cartas anonymas...

Como vê, o parallelo que me empresta a seu lado, tem a sua differença notavel. Que diz?

ASPASIA (Minas) — Vejamos o que me escreve a sra. (ou senhorita?) Aspasia.

Dois pontos:

"Yves. Um rapaz — um poeta — disse-me que as nossas mãos revelam mui eloquentemente as nossas qualidades pessoais objetivas e subjectivas. — Será verdade?

Não escrevo mais para você não me chamar de "cacete".

Aceite um afetuoso adeuzinho da patricia muito agradecida. — Aspasia."

Admitto a chiromancia, porque esta arte tem uma base scientifica. Mas, para mim, só a graphologia revela o nosso caracter com precisão. E a prova é que, pela sua carta, sem saber quem seja v. ex., posso affirmar que se trata de uma pessoa manhosa, doce, calma, e dissimulada. Mais ainda: é muito zombeteira. Si isso não é verdade, eu cortarei o meu pescoço com um... serrote bem cégo...

F. JOSE' DE CARVALHO (S. Paulo) — Ora essa, caro amigo! Eu aqui estou ás suas ordens. Que deseja de mim? Não me recordo de haver recebido as cartas a que allude. Si quer o meu autographo, não será difficil obtel-o... Ainda si eu fosse importante...

ALVARO DELFINO (R. G. do Sul) — Prezado confrade. Antes de tudo, — obrigado pelo artigo que escreveu sobre o meu romance "Uma garçonne carioca".

Para mim o seu gesto é captivante porque foi expontaneo. De onde não se espera, dahi é que vem, diria o Conselheiro Accacio. Quer dizer, o sr. que nunca me pediu favores, nunca me amolou a paciencia com pedidos insistentes e cacetes, teve a gentileza de comprar o meu livro e escrever um bello artigo sobre o mesmo. E isso tambem sem me conhecer. No emtanto, outros que não fazem outra coisa senão me cacetear com as suas producções detestaveis, não tem a cortezia de perguntar, ao menos: "Como vae o seu livro". O que elles querem, egoisticamente, é que os auxilie os faça apparecer, esquecidos de que a gratidão é rara, mas ainda não desappareceu da face do planeta.

Li a sua novella *Conceita*. E' excellente. Nem sempre entendi certas expressões regionaes, puramente gauchas. O senhor devia ter feito um glossario para taes expressões. Mas, de um modo geral, sua novella, em outro trabalho material, num volume elegante, faria successo aqui no Rio, onde as "drogas" literarias abarrotam o mercado de livro e a "cesta" das redacções. De resto, o sr. sabe escrever. Escreve com elegancia e tem cultura.

Que mais quer?

YEDA LUCIA (Capital) — Não. Tenha paciencia. Não trabalharei mais em favor das mulheres. Ellas são muito ingratas: só nos procuram, quando necessitam dos nossos obsequios. Depois riem de nós...

MARTINS D'ALVAREZ (Ceará) — Obrigado, caro confrade. Espero a sua opinião. Quanto ao mais, conte commigo, naquillo que depender de mim.

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 14-5-932

Data da consulta.....................

Nome do consulente....................

....

Acróbata

De

HENRI FALK

NESTA época de arrivismo, Léon Limandin, homem timido e tranquillo, não era o mais indicado para conseguir bons empregos. Por isso, se limitava a pequenas occupações que lhe proporcionavam um pedaço de pão, e á procura de uma andava quando encontrou Próspero Prom numa cervejaria.

Fôra seu rival em amores. Uma costureirinha o havia preferido a Próspero, e este, desde então, odiava a Léon, embora dissimulasse seu rancor.

Emquanto tomavam o aperitivo, Próspero lhe disse:

— Eu não posso queixar-me. Contractaram-me para imprimir uma pellicula, e o director de scena se interessou por mim. Creio que foi minha sorte.

— Eu, entretanto — disse Léon — estou desesperado. Despediram-me do escriptorio porque havia demais. Si pudesses arranjar-me alguma coisa...

— Veremos — respondeu Próspero.

E pensava: "Si eu pudesse pregar uma peça a este imbecil!..."

A occasião não tardou em se apresentar. No mesmo dia, ouviu, no studio, que o director dizia:

— Precisamos de um acróbata para a scena das barras. Será necessario ir ás agencias.

— Não, não é necessario — disse Próspero. — Eu conheço um gymnasta estupendo: Léon Limandin.

— Você é nosso salvador! Sabe onde elle mora?

Uma hora depois, Léon estava no studio.

O projecto de Próspero era proporcionar a seu antigo rival a alegria de um emprego e vêl-o, depois, desesperar-se ao saber que tinha de trabalhar como acróbata.

— Alegro-me que tenha sido immediatamente — disse o director a Léon. — Ainda esta tarde o senhor começará a trabalhar. Quanto quer ganhar?

— Fica ao criterio do senhor.

— Tendo em conta suas condições, dar-lhe-emos trezentos francos cada dia que trabalhe.

Léon quasi desmaiou e correu á procura de Próspero.

— Sabes que me vão dar trezentos francos por dia? Isto é um sonho!

— Não, filho. E' a diaria corrente em teu trabalho de acróbata.

— Acróbata. Mas, que tenho eu a fazer?

— Trabalhar nas barras fixas.

— Eu?

— Tu, naturalmente. Não me disseste uma vez que eras um pouco acróbata?

— Como poderia dizer-te disse, si tenho vertigens até subindo numa escada?!...

O infeliz foi, immediatamente, desfazer o equivoco. Mas o director, antes que elle falasse, lhe disse:

— Esta tarde, o senhor não poderá trabalhar. Hupfunpk, o operador, mandou avisar que não póde vir. De qualquer modo, o senhor ganhará o dia de hoje. Volte amanhã.

E, sem deixál-o falar, se afastou.

No dia seguinte, avisaram a Léon que não havia filmagem; e quando elle, na outra tarde, voltou ao studio para dizer que não era acróbata, lhe communicaram que fôra cortada da pellicula a scena de gymnastica, e lhe entregaram novecentos francos.

Aquella noite, Léon foi buscar seu pérfido amigo Próspero.

— Estou louco de alegria, camarada! Novecentos francos em tres dias! Isto é que é profissão! Hoje sou eu quem paga. Pede o que quizeres.

Próspero empallideceu de raiva. Mas sua ira foi muito maior quando viu approximar-se da mesa uma linda loira, que se sentou ao lado de Léon, sorridente e mimosa.

— Uma actriz do studio, muito minha amiga.

— Como? — exclamou Próspero, enciumado.

— Sim — proseguiu Léon, piscando maliciosamente um olho — Disse-lhe ante-hontem que lhe daria umas lições de gymnastica...

Os Perigos da Vida

Como os Rins Ficam Doentes

Doenças do Coração

Comer Muito! Beber Demais!

Quando tiver praticado alguma imprudencia ou extravagancia, comido demais, bebido muito Vinho, muita Cerveja, Licores ou outra qualquer Bebida Alcoolica, para não apanhar alguma indigestão ou outro Desarranjo do Estomago, do Figado, do Baço e intestinos, convém muito tomar á noite, quando fôr dormir, Duas ou Tres Colheres (das de Chá) de **Ventre-Livre** em meio Copo de Agua!

Quem sofre de indigestão, de Perturbações do Estomago e Fermentações Toxicas dos intestinos está muito arriscado a pegar as mais Graves Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Para não padecer tão dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**

Estomago Sujo

A's vezes, sem saber porque, nós nos sentimos de repente muito incomodados e indispostos, com Moleza e grande Abatimento Geral, com Mal Estar em todo o corpo e Preguiça para fazer qualquer Esforço, até Dores e peso no Estomago, na Cabeça e no Ventre, emfim sem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas Perturbações aparecem assim de repente, a pessoa deve ter logo certeza de que o seu Estomago e intestinos estão muito Sujos e Cheios de Materias Putridas e Toxicas, e neste mesmo dia comece a usar **Ventre-Livre** meia hora antes do Almoço e do Jantar, para evitar que apareca qualquer Complicação Perigosa e Molestia interna ou Externa!

VENTRE-LIVRE é o Remedio de Confiança para tratar Prisão de Ventre, a inflamação da Mucosa do Estomago, Vontade Exagerada de Beber Agua, Fastio e Falta de Apetite, Gosto Amargo na Boca, Vomitos Causados pela indigestão, Arrotos, Gazes, Dores, Colicas, Fermentações e Peso no Estomago, Dores, Colicas e inflamação intestinal causada pela demorada retenção de Residuos Putridos e Toxicos dentro dos intestinos, Dores, Colicas no Figado e Hemorroidas causadas pela Prisão de Ventre!

Olhe

Ventre-Livre Não é purgante

Os Medicos sabem que os Purgantes, principalmente as Aguas Purgativas, os Sáes Purgativos, os Pós Purgativos, os Xaropes Purgativos, as Capsulas Purgativas, as Tinturas, Pastilhas, os Oleos Purgativos, os Azeites Purgativos e as Pilulas Purgativas, são todos violentos irritantes e, com o tempo, fazem peorar os Doentes, inflamando e causando Grande Mal aos intestinos, Estomago e Figado!

Ventre-Livre é um Vigorizador Especial das Camadas Musculares dos intestinos e exerce uma acção muito salutar sobre a Mucosa do Estomago e Funcções do Figado!

Por esta razão **Ventre-Livre** faz sempre Muito bem a todos os Doentes!

Use **Ventre-Livre**, que os resultados serão explendidos e garantidos!

Tem Gosto Muito Bom!

Não Esqueça Nunca:

Ventre-Livre Não é purgante

VOLUBILIDADE

O barco se afastava devagarinho. Do tombadilho e do cáes os ultimos adeuses tremulavam nos lenços brancos, abertos, no ar, como azas pandas de gaivotas. Lagrimas de profunda saudade nos olhos pisados dos que ficavam; lagrimas de passageira saudade nos olhos brilhantes dos que partiam. A charanga de bordo ia diminuindo, á medida que o vapor se afastava, o volume de sons harmoniosos. E a magestosa nave, impellida pela potencia formidavel das machinas, ia, a pouco e pouco, se tornando menor, até desapparecer entre as immensidades do céo e do mar, que se confundiam no horizonte ora esfumaçado, ora esbatido de "nuances" suaves. Dentro em pouco, no bójo luxuoso daquelle gigante dos mares, começaria nova vida: a vida propria de bordo, onde se funde, num só desejo, num só pensar, toda aquella "familia" nomade que se dissolve como começou: aos poucos. Deixando em cada porto uma parcella daquella "amizade" tão forte em conjuncto quão fragil na dissolução, o barco continúa vogando indifferentemente, beijado de continuo pelas ondas espumarentas ou açoitado sem piedade pelos vagalhões irrequietos, sem sentir os laços que se desfazem com a sua marcha, entre os "bons amigos", os "esplendidos conhecimentos", relações adquiridas entre a espiral de um charuto, uma partida de "pocker" ou um tango dolente e sensual.

Naquella cidade fluctuante seguiu, errante e triste, a alma de Laura. Seu noivo, sonhador, demandava novas plagas, novo ideal, pensando voltar, um dia, cheio de riquezas e de gloria para depositar-lhe aos pés.

Na modesta vivenda de Laura, as menores coisas recordavam-lhe o amôr que partira: a varandinha coberta de myosotis, onde o primeiro beijo cantou um hymno de felicidade a Cupido; a cadeira de vime preferida pelo seu Augusto adorado; o cinzeirinho de crystal onde elle depositava as pontas de seus cigarros. E, com os olhos marejados de lagrimas, acariciava esses objectos como fazia, outrora, com os cabellos negros do seu amado.

Os dias, como um enorme rosario, foram desfiando lentamente pelas mãos tremulas do tempo. Laura tinha uma preoccupação unica: o velho estafeta. Elle era o raio de sol vivificante na tarde violacea da sua alma. Seu coração pulsava desordenadamente quando elle, na indifferença da sua profissão, lhe entregava uma carta timbrada de Paris. Ellas se repetiam tanto e a alegria da moça era tão manifesta que o humilde carteiro teve a attenção desperta. E dentro em pouco a confidencia se estabeleceu entre os dois. Os sentimentos intimos têem o dom inevitavel da approximação. Nada mais consola um espirito affliato que meia duzia de palavras confortadoramente sentidas e pronunciadas. E o velhinho, o olhar terno e manso como o de uma creança, consolava-a, animava-a, incutia-lhe nova dóse de esperança quando o correio falhava ou quando a carta recebida era laconica, breve, nua de carinho.

— Não assobies, Adolpho: vaes chamar a attenção para nós!

Chamava-se Gregorio o bom carteiro. A vida fôra-lhe sempre amarga. No tempo em que a mocidade lhe enfeitára os hombros como o maior e mais brilhante sol da humanidade, como uma grande borboleta doirada adejando em manhã de abril ou como uma flôr radiosa, elle amára uma mulher com toda a eloquencia do seu sentir. Fôra infeliz. Ella não soubéra comprehender o manancial inesgotavel de ternura que emanava daquella alma em embrião. Achára pouco a felicidade que o amôr casto e verdadeiro lhe facultava. E desprezou-o pelo oiro. Vendeu-se. Seu corpo formoso rolou na lama dos vicios mais funestos. Sua mocidade definhou, desappareceu em poucos annos. A agitação e a insomnia consumiram-na. E a velhice precoce veio encontrál-a sem riqueza e sem amparo. Um leito de hospital guardou-a por longos dias. Na pelle rugosa, pergaminhada e gasta, molestias horripilantes deixaram fundas cicatrizes. E mais fundas ainda o remorso e o arrependimento cavaram na sua alma saturada de miserias. Era tarde. Gregorio, como era bom, fôra vêl-a quando o ultimo estertor lhe cortava as derradeiras pulsações. E perdendo em circumstancias tão lamentaveis a mulher que envenenára toda a sua vida, guardára para sempre a sua memoria mesclada de perdão e amôr, talvez interpretando a phrase philosophica de que "errar é dos humanos". Por isso, por esse conjuncto de coisas horriveis, pela experiencia da volubilidade humana, sentia o humilde carteiro uma affeição e uma piedade enormes pela moça saudosamente inconsolavel. "Quem sabe si o noivo comprehendia a joia que Deus lhe reservou para brilhar no futuro!"

As cartas timbradas de Paris foram se espaçando... As longas epistolas repletas de amôr, transbordantes de carinho, cheias de esperança e coragem, foram substituidas por brevissimas noticias, em que a descrença de vencer, a difficuldade de regresso e da realização do seu compromisso, — outróra "seu maior e unico sonho", — ficavam patentes e irrefutaveis. Laura, intelligente e culta, comprehendia a dolorosa verdade mas procurava illudir-se. Era uma verdade demasiado amarga para supportál-a. O estafeta quando se approximava da janella da moça, procurava sorrir. E sorria. Mas

De Gilberto Veiga

O sorriso de alentada esperança fôra subjugado por outro de descrença, e dó. Muita vez, em silencio, esperava que Laura rasgasse o envelope, auscultando com os olhos ansiosos os effeitos da leitura. Nunca mais, porém, vira na face nova da moça aquelle retrato de felicidade de antanho. E, algumas vezes, quando ella terminava, uma lagrima muito redonda e brilhante deslisava face a baixo e vinha esconder-se, me[illegible] no seio oppresso. Gregorio sentia confranger-se-lhe o coração, molharem-se-lhe os olhos e, furtivamente, enxugava a gotta indiscreta. E sorria. Sorria sempre, á semelhança dos palhaços tristes, procurando illudir e illudir-se para ser feliz.

Emquanto isso se passava, Augusto mais e mais enveredava na ociosa e viciosa vida parisiense. As "midinettes", os "cabarets", os "boulevards" absorviam-no por completo. A noiva foi resvalando para um plano secundario, inferior, até o esquecimento integral. A rara correspondencia que ainda lhe enviava era como uma esmola áquella que muito o queria, que soffria as consequencias do "peccado" de muito amar.

Ás vezes, de regresso de noites orgiacas, Augusto olhava o retrato da noiva ausente, sem uma flôr e, confrontando-a com as doidivanas borboletas dos grandes *magazins*, achava-a deselegante, feia e até ridicula! Por fim, cansado, fatigado, fastidiado daquelle amôr, esqueceu-o. A humilde photographia fôra substituida por outras de bellas molduras, onde artistas semi-nuas ostentavam maravilhosas e harmonicas espaduas, posições estudadas e voluptuosas. E as cartas á noiva, mesmo as laconicas, ficaram no tinteiro para sempre...

* * *

Gregorio continuava a distribuir o correio. Nunca mais, porém, alegrou Laura com uma epistola de amôr. Quando elle se avizinhava da casa da moça abandonada, sentia o velho coração bater descompassado. Ella mantinha uns restos de esperança, um quasi nada que ainda a alentava e continuava aguardando com impaciencia a chegada do bom amigo. Sempre á janella á hora da sua vinda! Sempre os olhos humidos ao meneio negativo da cabeça encanecida! A desillusão, por fim, começou a produzir os seus effeitos maleficos. Laura definhava a olhos vistos. O mundo tornára-se-lhe indifferente: não mais se esmerava em "toilettes" e até os cabellos, outróra bem tratados, desciam desiguaes hombros a baixo. As faces pallidas, os olhos sem brilho, os labios sem côr, toda ella era o symbolo vivo do soffrimento. Mumificava-se. A unica pessôa que ainda lhe arrancava um sorriso era o velho Gregorio. Era o sorriso da sua chegada. Era a pequenina esperança vibrando no labios tristes. Um grande amôr muito custa a desertar do coração que lhe deu guarida. Um dia, igual aos demais, o estafeta não encontrou a "sua pupilla" á janella. Elle, que sempre fôra infeliz e que envelhecêra como uma arvore maldita, sem lar e sem familia, affeiçoára-se áquella creatura desventurada com toda a sua alma de bom. Queria-a como si ella fôsse um pedaço delle proprio. E a sua ausencia naquella manhã trouxe-lhe ao espirito cruentas apprehensões. Batera á porta e disseram-lhe que Laura estava acamada. Quiz vêl-a. Quiz consolál-a. A moça o recebeu com o sorriso triste de sempre. Choraram. Elle procurou alentál-a com a pouca força que lhe restava, com a "divina mentira" de que nos fala Paulo Mantegazza. Ella balançára a cabeça bonita em desalinho, como a demonstrar-lhe, a dizer-lhe que tudo estava perdido, que tudo havia acabado. De facto, Laura não supportou a dôr do isolamento e da ingratidão e, sem uma queixa, sem uma revolta, sem a mais leve accusação ao seu amado, baqueou sob o guante da morte. Numa noite trevosa e triste como a sua alma, o anjo negro cortou-lhe o fio da vida, seqcou-lhe as lagrimas dos olhos.

Gregorio ficou desolado. Ficou mais velho e mais triste. Perdêra a ultima affeição que a desventura uniu ao seu destino negro. Mas continuou, pela necessidade physica, na honradez de seu trabalho.

Havia tres dias Gregorio chorava a partida da sua ultima affeição, da sua "filha triste", como elle a chamava de si para si.

Era ainda muito cêdo quando elle recebeu a correspondencia que deveria entregar. E pondo pacientemente as cartas pela ordem numerica das ruas, notou, surpreso e triste, uma missiva timbrada de Paris e endereçada a Laura. Talvez um grito de remorso na consciencia do noivo transviado, victima do meio e da sua propria fraqueza! E o bom carteiro foi, piedosamente, levar a epistola ao seu destino. Comprou um ramo de flôres. E á tarde, quando o sol esmaecia pondo scismas no seio da terra, depôz a carta intacta e o punhado de flôres cheirosas sobre a tumba daquella que morreu de amôr, como um preito fervoroso da sua piedade e da sua recordação inapagavel. E regou, com as gottas puras dos seus olhos de velho, o torrão egoista que escondia o corpo da creatura que fôra o seu mais puro affecto. E ajoelhou-se contricto, sem rezar, como symbolizando uma estatua de dôr, immerso numa grande e dolorosa saudade, emquanto lagrimas lhe corriam a fio pelas faces engelhadas e pallidas...

O GRANDE PREMIO ANNUAL DA ANTIGA GRECIA — Pegazo, o favorito, ganha de ponta a ponta...

OS PEQUENOS HERÓES

O "coroner" do suburbio londrino de Hackey felicitou publicamente o menino Arthur Ballot por um acto de heroísmo pelo mesmo praticado nas aguas do rio Lee, que passa bem perto da capital ingleza.

Arthur Ballot caminhava por uma das ruas lateraes do cáes quando ouviu a voz de outro garoto chamando, desesperadamente, por soccorro.

Arthur correu em direcção ao cáes, onde viu o que se passava. Em meio do rio havia um menino a debater-se afflictivamente emquanto no cáes um sem numero de homens corriam e gritavam sem saber o que fazer. Ninguem se animava a atirar-se á agua. O bravo pequeno comprehendeu, num relance, a gravidade da situação e, sem perder um só instante, arrojou-se á agua. Nadando, então, com todas as suas forças, conseguiu chegar até o pequeno que se afogava, no momento mesmo em que este perdia os sentidos, salvando-o da morte certa.

AS VICTIMAS DA CIVILIZAÇÃO

O camello, outra victima da civilização! Os dias do camello, considerado como meio de locomoção e transporte nas immensidades dos desertos, estão contados.

Agora, nos areiaes ardentes do Sahara, do da Lybia, do da peninsula arabica e dos da Asia, vêem-se, gravadas, as marcas das rodas dos automoveis turistas. O camello, a proxima victima da civilização tem, assim, os seus dias contados! Actualmente, ultimam-se os projectos para a creação de caravanas automobilisticas destinadas não só aos prazeres do turismo como a fins commerciaes em geral. Nos ultimos annos, os autos de 6 rodas e poderosos pneumaticos, transportando turistas de oásis em oásis, demonstraram a superioridade da tracção mecanica sobre o animal, mesmo no clima infernal do Sahara.

O "GULF STREAM"

De accordo com as investigações scientificas realizadas pelo professor Claude, a Real Sociedade Geographica de Stockolmo resolveu financiar uma expedição para o estudo da corrente do "Gulf Stream" em suas origens, quer dizer, nos limites do mar de Behring-Spitzberg e costa oriental da Groenlandia. A expedição será dirigida pelo professor Sanastrom. Os estudos a realizar-se terão como objectivo principal esclarecer este enigma, até agora inexplicavel: porque, emquanto nas costas e interior da Suecia a temperatura e baixissima (até 15 gráos abaixo de zero), na Islandia se registram temperaturas de 7 gráos acima de zero e, em Spitzberg, chove torrencialmente como se fosse uma região tropical.

Na pequena cidade allemã de Singen, proximo da fronteira suissa, construiu-se, ha alguns annos, uma ponte sobre o rio Arch, que é um curioso subterraneo do Danubio no lago de Constança. A ponte chama-se Scheffel, em honra do poeta popular desse nome, nascido na localidade. A municipalidade de Singen fez gravar na ponte não só o nome do poeta, as armas da cidade e a data da inauguração como tambem o custo da referida obra de engenharia. E como a mesma tivesse sido construida na epoca da inflação foi preciso escrever a enorme somma de............ 15.201.890.926.024 de marcos.

Em epocas futuras crêr-se-á, assim, lendo-se semelhante somma que a ponte foi feita de platina ou de ouro.

*

O IDIOMA TURCO — A ultima edição do diccionario turco, na qual foi adoptado o alphabeto latino, comprehende

25 mil palavras. Segundo um observador, os turcos mais instruidos possuem um cabedal de 10 mil palavras e os de instrucção media 2.500 a 4.000.

PORQUE A SERPENTE É O SYMBOLO DA MEDICINA. — Na Grecia, muito antes de Jesus Christo, os sacerdotes eram encarregados de attender os enfermos. Haviam erguido em Epidauro um templo a Esculapio e alli creavam serpentes, as quaes, segundo affirmavam, tinham a virtude de curar as enfermidades.

No anno 296, antes de Christo, uma peste horrorosa assolou Roma. Esperando-se poder debellar a epidemia, pediu-se aos sacerdotes de Epidauro que enviassem uma serpente sagrada. Esta foi enviada enrolada num bastão. Ao chegar ás margens do Tibre conseguiu fugir, internando-se no matto.

A peste, porem, cessou como por encanto e os romanos ergueram um templo no logar mesmo onde a serpente se escondera.

*

O CHÁ — Em certos paizes o chá é a unica bebida de seus habitantes. Bebem-no sem assucar durante as refeições e em qualquer hora do dia. Seu poder alimenticio é considerado insuperavel, a ponto de, entre as classes pobres da China, logo depois de tomada a infusão, haver o habito de se comer o residuo, ou, melhor, as folhas servidas para o preparo do chá, as quaes se guardam como reserva... alimentar.

A PALAVRA QUE FALTAVA

FOI aquelle maldito telegramma o culpado do aborrecimento. Elle, George Bentley, era completamente innocente. Não tivéra a menor intenção de omittir a palavra beijos no fim do despacho que enviára a sua esposa. Apenas a tinha esquecido em sua precipitação, pois escrevêra a mensagem minutos antes da partida do trem que devia reconduzil-o ao lar. Era uma verdadeira tolice da parte de Bessie o ter dado tanta importancia a um detalhe tão insignificante. E ainda maior tolice o haver mostrado o telegramma a sua intima amiga Mary Pitkins, que, immediatamente espalhára a sensacional noticia de que George Bentley deixára de ser o marido modelo de El Dorado, em Nova-Jersey.

El Dorado era, por sua vez, uma cidade modelo. Completaria vinte annos de existencia no proximo 4 de julho, dia da independencia norte americana. Os Bentley figuraram entre seus primeiros moradores, tendo-se installado alli pouco depois de seu casamento.

George fôra um rapaz alegre e amigo de aventuras, e em seus dias de estudante, a fama lhe attribuira qualidades de conquistador. Um dia, durante as ferias, conheceu Bessie em uma festa e, por brincadeira, lhe propuzera casamento. Bessie aceitára a proposta e, muito tarde, George havia descoberto que Bessie não o fizéra por brincadeira...

George não tivéra a intenção de casar-se com Bessie. Seu desejo era, como o da maioria dos rapazes, viajar, explorar o mundo inteiro. Alaska o attrahia particularmente. Assim como muitos jovens sonham com aventuras sob uma immensa e voluptuosa lua tropical, George Bentley sonhava com uma lua pura, pequena e brilhante como uma moeda recem-cunhada.

Bentley colleccionára muitas outras moedas durante seus vinte annos de casado, mas uma só lua, que, por ser de mel, não tardára em derreter-se e desapparecer. Era, na actualidade, um homem rico, possuidor de uma casa commercial florescente, e sua esposa Bessie e sua filha Bettina tinham seu futuro bem garantido. Bettina estava em vespera de casar com o filho do pastor de El Dorado. George Bentley estava decidido a retirar-se dos negocios e dedicar-se exclusivamente ao golf e a Bessie.

Fôra, sempre, um excellente marido. Nunca, em vinte annos, esquecera o anniversario de seu casamento, o natalicio de Bessie e todas as outras datas a que ella dava alguma importancia sentimental, o que não é pouco. Além disso, diariamente, tocava o telephone para ella, do escriptorio, enviando-lhe flores aos sabbados, era attento com ella em publico, na intimidade, e, — com uma unica excepção annual — só sahia com ella. A excepção era o banquete annual de casados do club de golf que se realizava no outomno e durante o qual George voltava momentaneamente a seus dias de solteiro. Bessie fingia não perceber tal acontecimento.

George regressára da cidade, aonde fôra em viagem de negocios, ao mesmo tempo para tomar parte no banquete annual. Só faltavam vinte e quatro horas para o famoso banquete que George esperava avidamente. Talvez estivesse pensando nelle quando passou o celebre telegramma a sua esposa.

Encontrou Bessie fóra de si. Houve lagrimas durante o jantar.

— E o peor — soluçava ella — é que só havia nove palavras em teu telegramma. De modo que não economizaste nada supprimindo a palavra beijos.

— Esquecia — disse George. — Esquecia simplesmente.

— Mas nunca o esquecesse! Isso é que me desconsola, pois me faz pensar que Mary Pitkins deve ter razão.

— Que disse essa solteirona intromettida?

— Disse... (bem sabes que Mary estudou muita psychologia e entende bastante dessas coisas) disse que, subconscientemente, já não gostas de mim.

— Bobagens, Bessie! Deves comprehender que isso são bobagens.

— Mesmo que o fosse, ella disse a todo mundo que já não somos idealmente felizes.

— Sou capaz de estrangulal-a! — declarou violentamente George. — Mas, para que diabo lhe mostraste meu telegramma?

— Ella o viu em minha penteadeira e o leu antes que eu lho pudesse impedir.

— Torcerei o pescoço dessa idiota!

— Mas, George, o mal está feito. As más linguas falam.

— Deixe-as falarem. Que perderemos com isso? Que nos importa?

— Para mim tem muita importancia.

George teve um sobresalto, vendo-se, de repente, deante de um novo e inesperado mysterio do caracter feminino.

— Sinto-o muito, Bessie — foi tudo o que pôde dizer.

— Mas isso não tira a má impressão. Não posso permittir que os outros falem á minha custa! Não posso!

— Que vou fazer eu? — exclamou George, com crescente resentimento.

— Pensei — respondeu Bessie, com a maior naturalidade — que o melhor seria que sahisses para uma nova viagem.

— Nova viagem?! — repetiu elle, espantado.

— Sim. Poderias ir a Nova-York por alguns dias... Não está bem? No fim de tres ou quatro dias, me passarias outro telegramma...

— Já comprehendo... — disse George. — Já comprehendo tua idéa. Eu poderia mandar-te outro telegramma que tivesse a palavra beijos no fim... Não é assim?...

— Exactamente — respondeu Bessie, com vehemencia. — E fica certo de que o mostrarei a Mary Pitkins!

— Sim — disse George. — E' uma bôa idéa. Mas, si eu fôr agora a Nova-York, não poderei comparecer ao jantar do club de golf.

— E que te importa isso? — perguntou a esposa. Que importancia tem um jantar comparado com a nossa felicidade?!...

Palavras duras, ferinas, acudiram em tropel aos labios de George, que não poude, no emtanto, pronunciál-as.

— Vinte annos! — pensou selvagemente. — Vinte annos de minha vida, em que te dei, sem reservas, todos os meus sonhos de juventude..., os beijos de outras mulheres..., mulheres formosas..., as delicias de meus companheiros queridos..., as aventuras..., a sublime embriaguez do amor... Troquei tudo isso pelo affecto que te dediquei! E tu, tranquilla, indifferente, talvez sem o saber, achando que ainda te devo tudo!

Mas um homem não póde dizer taes coisas a uma mulher que foi sua esposa durante vinte annos.

E, em voz alta, falou George Bentley:

— Muito bem. Farei o que desejas.

Aquella mesma noite George partiu para Nova-York. Na manhã do quarto dia de ausencia, Bissie recebeu o desejado telegramma. Dizia assim:

"Querida Bessie: Adeus para sempre. Sigo para o Alaska hoje. Beijos. George."

DANA BURNET

ATERRISSAGEM PERIGOSA — De J. G. Toudouze

BELLANGER fez um gesto de raiva e lançou uma formidavel maldição, que se misturou ao ruido do motor.

Pedro Le Coz inclinou-se para elle e perguntou, sem inquietar-se:

— Que ha?

O outro rompeu em novas maldições, ainda mais indignado pela calma paciente de seu companheiro.

— E' este condemnado motor de pacotilha que não serve nem para moinho de café!

— Christ! — troçou Le Coz. — Bem sabes que, si a gente quer obter alguma coisa dos motores, tem que lhes falar com toda a cortezia, para que elles não se zanguem...

— Idiota! — gritou Bellanger. — Sempre supponho que vaes dizer alguma coisa séria e sahes com uma imbecilidade! Estamos arranjados, sabes?

— Estou ouvindo-te — respondeu tranquillamente Pedro. — Mas, como não conheço muito estas coisas, não me impressiono tanto...

Bellanger mostrou, com um gesto, a selva que se achava a oitocentos metros a perigosa selva africana, que, nos arredores do 7.º parallelo, substitúe os bosques tropicaes, por meio de conjunctos isolados de árvores, mais ou menos densas, que se extendem até as areias do Sahara e da Mauritania.

Le Coz olhou aquelle eriçado tapete, e murmurou:

— Evidentemente, é um pouco rústico...

— Acredito! — respondeu o piloto, manejando diversas alavancas, sem que seu companheiro, que realizava sua primeira viagem de avião, comprehendesse nada de seu apuro.

— Creio — insinuou Pedro — que poderias encontrar um terreno cultivado onde poder aterrisar. O aviador rugiu:

— Terreno cultivado?... Gostas que te espetem, carinho?...

— Não — balbuciou Le Coz. — Mas, por que me perguntas isso?

— Porque, neste maldito paiz, os indigenas têm o bello costume de cortar as arvores a metro e meio do chão... Si desejas terminar teus dias espetado, é só aterrissar ahi... Prefiro outra coisa. Le Coz começava a comprehender que a coisa era mais grave do que a principio, julgára, e inquiriu:

— E parece-te imprescindivel a aterrissagem?

— Naturalmente — respondeu, sêccamente, o piloto.

E ambos permaneceram em silencio.

Naquelle avião, que voava pelo céo africano, iam dois camaradas em missão especial: um aviador, piloto recebido na França e destinado, havia pouco, ao serviço aeronautico da Africa Occidental, e o outro, um photographo estabelecido em Dakar e perfeitamente ignorante de tudo quanto se relacionava com a mecanica, excepto a dos obturadores.

Essas potencias vagas e longinquas, que se chamam autoridades metropolitanas, haviam tido necessidade — por motivos que não se dignaram explicar — de bôas photographias, tomadas de avião, da região de Bammako.

Pedro Le Coz fôra convidado a bater as chapas e havia embarcado — elle, o homem mais tranquillo e menos aventureiro do mundo — no avião pilotado por Bellanger, seu companheiro de regimento.

Os dois homens haviam partido muito satisfeitos, desenhando o piloto, no ar, todos os ziguezagues desejados por seu amigo o photographo.

Verdadeira carreira aerea, durante a qual o clac-clac do obturador se ouvia frequentemente.

Mas, aquelle dia, Bellanger tinha a quasi certeza de que seu motor ia pregar-lhe uma partida. Estavam bastante afastados da linha que o serviço de aviação tem estabelecida entre Dakar — Kayes — Bammako — Tombouctú, com centros importantes de provisão e de reparações de mil em mil kilometros e um terreno de aterrissagem de quarenta em quarenta.

Com uma olhadela de descontentamento, Bellanger inspeccionou a região, o mappa que tinha deante de si e a bússola. E disse:

— Ha um terreno de soccorro em Yofara, mas falta saber si poderei chegar até lá. Emfim, tentaremos. O avião, ligeiramente inclinado, virou, tornou a tomar o equilibrio e seguiu em direcção ao terreno.

— Aonde vamos? — perguntou Le Coz.

— A cento e dez kilometros daqui, a um terreno de aterrissagem... — respondeu o aviador. — Si é que ali chegaremos...

Le Coz comprehendeu, pelo tom da voz do companheiro, que a situação ia se aggravando. Não disse nada e, vagamente inquieto, se poz a olhar o céo.

A selva, sob elles fugia sempre, e o motor funccionava mal.

E assim funccionou até que Bellanger annunciou:

— O terreno!

Um quadrado esbranquiçado se destacava bem claramente, em plena selva. O avião desceu facilmente e a aterrissagem se fez suavemente, sem choques. Quando o apparelho se deteve, o piloto deu um suspiro.

— Agora estou tranquillo! — exclamou. — Vou reparar o motor.

— Queres que te ajude? — perguntou Le Coz.

Bellanger se poz a rir.

— Obrigado, velho! E's muito amavel, mas não entendes disto... Desce, fica na sombra e tira photographias. Ou então dorme... Tenho trabalho para, pelo menos, meia hora.

Le Coz tomou as machinas e se preparava para saltar, quando ouviu:

— Miarao... ao... aoooó!

O grito foi, a principio, muito suave e um pouco aflautado; depois mais forte, mais amplo, mais grave, para terminar em um verdadeiro rugido de sonoridades metálicas.

Le Coz permaneceu immovel, machina na mão, emquanto Bellanger se agachava.

— Miarao... ao... aoooó!

Outro grito mas não ameaçador, e sim de sympathia.

Le Coz, ao voltar a cabeça, viu, debaixo delle, uma leôa, que o olhava com uns olhos amarellos formosissimos, mostrando umas presas muito brancas e muito agudas.

Um cachorro que parecia um gato muito grande e muito alegre, disposto a brincar.

Reinou um profundo silencio; o piloto não se movia; o photographo permanecia em equilibrio. A leôa parecia, a um tempo, intrigada e divertida. Pedro viu, ao longe, uma choça, na extremidade do terreno. Era o posto de vigilancia que, no emtanto, estava fechado. E os descuidados aviadores não levavam nem fusil nem revolver!

De repente, se ouviu pequeno ruido sêcco: sob a pressão nervosa dos dêdos, o photographo havia feito funccionar a mola da machina.

A leôa, surprehendida, deu um salto para traz, como um gato brincalhão, e, em seguida, fez varias voltas em torno do apparelho, com cabriolas de contentamento. Bellanger, muito pállido, se endireitou, murmurando:

— Estamos perdidos!

Le Coz não pareceu ouvil-o. Tranquillamente, estava tirando instantaneos do animal.

— Mas, que diabo estás fazendo?

— Um trabalho magnifico e pouco vulgar! — respondeu o photographo.

— Phenomeno! — rugiu Bellanger.

— Concerta o motor em vez de conversar — replicou o companheiro, tomando a segunda machina.

Transcorreram minutos que pareceram ao piloto longos como seculos. Inclinado, elle trabalhava afanosamente no reparo do motor, ouvindo ruidos estranhos: galopes, grunhidos, gemidos e palavras pronunciadas por Le Coz.

Sem ver nada mais além de seu motor, Bellanger perguntou:

— Como?!... Estás falando com a leôa?

— Claro! — respondeu o photographo. — Este animalzinho é encantador.

Uma especie de intimidade se estabelecêra entre o photographo e a leôa: ella saltava, corria, fazendo graça como um animal de circo. E seus grunidos eram suaves, quasi carinhosos...

(Conclúe na pag. seguinte)

ATERRISSAGEM PERIGOSA

(CONCLUSÃO)

A féra divertia-se com o avião e seus occupantes.

Tão senhor de si como poderia estál-o no atelier, deante de uma freguezia, Le Coz tomava photographias alegremente.

— Em Paris me pagarão a *pose*. Tirarei duas duzias.

Afinal, a leôa se mostrou cansada. Deteve-se, inclinou a cabeça e lançou um rugido.

A passo furtivo, se aproximou, mostrando os dentes terriveis.

Le Coz retrocedeu e Bellanger levantou a cabeça molhada de suor.

— Cuidado! — disse. — Isto não está prompto ainda. Si salta, não temos salvação.

O rugido se tornava mais forte, mais alto, mais ameaçador. A leôa, depois de ter brincado, ficava de máo humor. Divertira-se com aquelles homens e agora queria que elles lhe pagassem o espectaculo.

O desesperado

QUANDO Pâncreas notou que não tinha dinheiro, trabalho nem esperança, resolveu morrer.

Pâncreas era um rapaz taciturno, que sempre tivéra idéas lúgubres. Da gaveta da mesinha de cabeceira tirou um revolver, poz a bôcca do cano junto á fronte e apertou o gatilho. Mas o revolver era uma arma muito velha, e o tiro não sahiu.

Pâncreas teve um sorriso de piedade, atirou seu revolver no balde do lavatorio e procurou outra coisa. Para se enforcar tinha o gancho da lâmpada que pendia do tecto. Apanhou uma corda, fez um nó corrediço, preparou tudo, e quando já estava suspenso no ar, a corda se quebra. Utilizou outra corda mais resistente, e dessa vez foi parte do tecto que veiu abaixo, com grande estrépito.

Pâncreas morava num quinto andar, e de lá se atirou ao solo. Mas não chegou a cahir. Ficou seguro no adorno de uma varanda do quarto andar, de onde o tiraram os bombeiros.

— Empreguei outro meio — disse Pâncreas.

Dirigiu-se á praia, e atirou-se ao mar. Mas, seu gesto foi presentido, e vinte pessôas se lançaram á agua para salvál-o, conseguindo-o.

— Resta-me o veneno — pensou Pâncreas.

Entrou em uma pharmacia e pediu alguma substancia tóxica para desembaraçar-se de um gato, segundo explicou.

O pharmaceutico ouviu-o com algum receio, mas, depois de reflectir, entregou-lhe um vidrinho com um liquido amarellento e espesso.

Pâncreas correu para casa e,

Alli estavam os dois, no avião immovel, indefensos...

A leôa aproximava-se, rugindo cada vez mais forte, mas, de repente, se deteve e escutou. Bellanger e Le Coz estavam immobilizados pelo terror. Depois a féra deu um salto e desappareceu na selva.

Ao mesmo tempo, ouviram-se gritos e passos precipitados. Quatro ou cinco homens armados, brancos e indigenas, chegavam correndo para o avião.

— Vimol-os descer — disse o chefe do posto — e corremos para recebel-os e auxilial-os.

— Onde estavam os senhores? — perguntou Bellanger. — Vimos o posto fechado.

— Tinhamos ido caçar um leão — respondeu o chefe. — Mas esses ditosos animaes nunca são encontrados.

— E' verdade — concordou gravemente. Le Coz, emquanto seu companheiro se agachava outra vez junto ao motor para dissimular o riso que lhe causára a innocente mentira do chefe e o médo dos habitantes do posto...

---

sem tirar o sobretudo, bebeu o conteúdo do vidro e aguardou seus effeitos. Estes foram bem diversos dos desejados, pois o pharmaceutico lhe vendêra um purgante.

— Decididamente, a morte não me quer! — gemeu o pobre Pancreas.

Nesse momento, bateram á porta. Abriu. Era o carteiro, portador de um registado para o nosso desesperado.

Páncreas abriu e leu:

"Cartorio de Santiago Cornavin. Rodolpho Páncreas, fallecido em Bombay... Hilario, unico parente... Herança de dois milhões".

Dois milhões!

Páncreas cahiu sem sentidos.

— Cavalheiro! — exclamou o carteiro. — O senhor não assignou o recibo.

Mas Hilario Páncreas não respondeu. Nunca mais respondeu. Não assignou o recibo do registado. A emoção o havia morto.

EUGENIO LANGE

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Cleopatra esquadrinhou o mundo em busca de unguentos que a embellezassem

Durante seculos, a influencia que a belleza feminina pode exercer sobre o homem, tem tido como principal exemplo o modo pelo qual Cleopatra captivou successivamente Cesar e Antonio. No emtanto, Plutarcho nos diz que a belleza desta famosa rainha do Egypto estava longe de ser perfeita. Mas Cleopatra conhecia tão bem os segredos de belleza do antigo Egypto, que isso lhe permittia tornar-se irresistivelmente attractiva

DAGELLE offerece agora tres magnificos preparados para aformosear a pelle

Para realçar a belleza de uma mulher, muito mais valiosos do que todas as formulas que se usavam na antiguidade, são os preparados que Dagelle offerece agora a um custo insignificante. Estes famosos preparados protegerão e accentuarão a sua formosura de tres differentes maneiras: 1. O Creme Evanescente de Dagelle, applicado antes do pó de arroz e da maquillage, resguardará a sua fina cutis do sol, do vento e do pó, durante muitas horas; 2. O Creme Perfeito de Dagelle, applicado generosamente no rosto, collo e braços, ao retirar-se, limpa a pelle e a aformoseia durante o somno; 3. De manhã, uma applicação de Vivatone, o tonico revigorante, fecha os poros e estimula o sangue, dando á epiderme o viço da juventude. Experimente estes tres preparados de belleza —envie-nos hoje mesmo o coupon para que lhe remettamos o Estojo Especial de Belleza.

DAGELLE

Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

¶ Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 *em carta com valor declarado.*

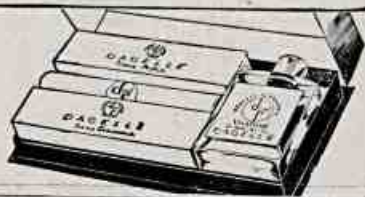
Nome...

Rua e No. ....

Cidade.................................... Estado.......................... F. F. - 1

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 20

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1932

A NOIVA DO MAR...

Um vulto branco, pequenino, uma silhueta de mulher, loira, menina ainda, menina e moça, a sobraçar um ramo de flores... O mar a rumorejar caricias, a derramar espreguiçamentos de volupia sobre a praia prateada de Copacabana... No alto, o velario azul do céo tropical, pintadinho de estrellas, como se fosse o manto symbolico de Nossa Senhora... O vultosinho mysterioso, o pequenino fantasma branco que comprime de encontro ao peito uma braçada de flores, manso e manso, num passinho meúdo de rola arisca e timida, vae marchando. Sob seus pés sobresalta-se, commovida, a areia prateada... Mas a areia prateada da praia não lhe podia gritar: "Meu pobre amor de filhinha, volta, volta, não te embales não, na canção de melancolia e de infinito amor que te cantam as ondas traiçoeiras do mar!" A figurinha loira e branca, da mulher, menina ainda, menina e moça, continúa, porem, a marchar... A marchar para a morte, sob o rythmo desordenado e profundo do mar... Que lhe importava a vida? Botão de flor, ainda, medrado no ambiente frio de sua patria distante, viu-se, um dia, transplantada para uma outra terra, a linda terra tropical em que ella — a pequenina estrangeira — iria viver a sua pobre vida de filha humilde de humildes emigrantes. E um dia, orphã e só, a apregoar jornaes, numa linguagem atrapalhada, com a sua vozinha de pequena vagabunda, encontraram-na a pervagar as ruas da capital paulista. Recolheram-na a um asylo, como orphã. De lá retiraram-na mãos amigas, corações que iriam suavizar um pouco a vida da pequenina abandonada. E, sob o sol ardente dos tropicos, ella se faz mulher, se faz menina e moça. Já não soffre o desconforto dos desamparados, a angustia dos immensos e dolorosos abandonos... Mas, bem dentro, bem no fundo do seu pequenino coração, Eva, que sorri e apparentemente se mostra feliz, guarda e alimenta a tragedia interior de sua alma. Nostalgia de uma outra patria, a sua terra nativa? A falta do regaço amigo e agazalhador de sua mamãe, ou do carinho sorridente e feliz dos olhos azues do seu papae?... Se não isso, uma desillusão de amor, um grito rebelde de paixão, a angustia da primeira fraqueza do coração?... Quem o saberá? Eva, uma pequenina estrangeira, mulher e flor, ainda em botão, transplantada para o sol ardente dos tropicos, um dia destes, sobraçando flores, sob o impulso de não se sabe que sentimento, que dor, ou que saudade, buscou, na paz infinita da morte, entregar seu corpo côr de leite á volupia fresca da caricia doida do mar rumorejante de Copacabana. E toda de branco, com o seu raminho de flores, lá se foi para o seu eterno noivado com Neptuno. Alguem, porem, um guarda importuno, sem saber se lhe faria um bem, se um mal, tolheu-lhe os passos, impedindo-a de realizar esse estranho e mysterioso casamento, que a Morte abençoaria, mas que a Vida condemnava. E Eva, a pequenina noiva do mar, voltou a viver na terra firme a sua pobre vida de florsinha transplantada, a alimentar seu pequenino coração de desilludida na seiva mesma do seu proprio soffrimento... Foi assim, mais ou menos assim, que os jornaes descreveram, um dia destes, o romance de Eva — romance que envolve o drama ou a tragedia de tantas vidas silenciosas e humildes...

ELCIAS LOPES

MERCANTILISMO

Dum paiz onde não ha leitores, e uma edição de tres mil livros constitue "um grande successo de livraria", a réclame gratuita, feita pelos jornaes, tem sido, até aqui, um inestimavel serviço prestado aos autores. Um serviço e um estimulo.

E esse serviço e esse estimulo são tanto mais preciosos quanto é certo que custam, na generalidade, o preço de meia duzia de exemplares da obra que se pretende diffundir. Mais ainda: custa uma série de pequenos favores, feitos, adeantadamente, ao amigo com quem se conta na redacção do jornal.

Sim, porque si não occorrem essas circumstancias, não se obtém nem mesmo um vago e simples registo da obra que se lançou ao mercado.

Ha casos mesmo em que a covardia e a inveja de alguns não vacillam em atirar o livro á cesta de papeis, sem uma referencia ao seu titulo. O mal não é de hoje. Elle sempre existiu. Porque tambem sempre houve, no fundo da redacção de um jornal, ou de uma revista literaria, um confrade mesquinho, invejoso, — capaz de boycotar os collegas, a proposito, até mesmo, de uma noticia de anniversario ou fallecimento.

Balzac, nas *Illusões Perdidas*, retratou, fielmente, a alma desses typos despreziveis e, *En exil*, a linda e commovente novella de Rodenbach, não é senão a historia de um autor que soffreu, em toda a sua vida, a mais feroz campanha da parte dos seus adversarios nas letras. Não é preciso mais descrevêl-os.

Mlle. Nair Cardia Sá, cujos olhos resplendem com o mesmo fulgor e a mesma graça do seu sorriso. Figura da nossa alta sociedade, mlle. Nair é, ainda, um nome prestigioso dos nossos salões elegantes.

Salientemos, apenas, que, por isso mesmo, é que a réclame gratuita da imprensa tem qualquer coisa de nobre e de infinitamente sympathico.

São tantas as percentagens que se pagam para a diffusão de uma obra, e tão onerada fica ella, que o autor seria reduzido á miseria, si ainda fosse custear a propaganda dos seus livros.

Pois não é que um escriptor acaba de abrir, entre nós, um pessimo precedente?

Antes de lançar o seu livro — elle, imbuido de idéas extremamente mercantis, — dirigiu-se á gerencia dos orgãos de publicidade e, ahi, pagou á linha os seus annuncios, como si se tratasse de uma "excellente pomada para callos" ou de uma fita de cinema.

E' verdade que nós outros da imprensa bem sabemos o valor literario dessa propaganda...

Mas, o publico é de bôa fé: crê nella, como acredita, piamente, que uma cartomante possa predizer o futuro...

E, de resto, o tal escriptor reclamista veiu crear, daqui por deante, uma nova fonte de renda para os jornaes — e um maleficio para os autores...

Y V E S

Para commemorar o 14.º anniversario da promulgação da primeira constituição poloneza, o ministro da Polonia, dr. Grabowski, offereceu, a 3 do corrente, na sede da legação daquelle paiz, uma recepção ao corpo diplomatico e consular, ás autoridades brasileiras e á sociedade carioca. E' um flagrante dessa festa diplomatica que focaliza a gravura acima.

O embaixador do Brasil em Lisbôa, dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, offereceu, em fevereiro ultimo, na sede da nossa embaixada naquella capital, um banquete em honra do ministro Magalhães Correia. O presente grupo foi tomado por occasião dessa homenagem, vendo-se, ahi, além do homenageado e do amphytrião, a embaixatriz do Brasil, a senhora Magalhães Correia e outros.

OS DOIS CORTEJOS

(SOULARY)

A dois cortejos se abre a igreja. Um em sombria
Tristeza vem; — conduz de um anjo o esquife es-
[treito;
Segue-o afflicta mulher, e quazi tresvaria,
Os prantos a afogar no escandecido peito.

E' o outro um baptizado; — e na faixa macia
Se agita o pequenito; a mãe com mimo e geito
Dá-lhe o ineffavel seio e o afaga e acaricia
E o abraça a rir, radioso o gesto, em triumpho o
[aspeito;

Do templo, baptizado e enterro vão-se embora.
Súbito as duas mães se encontram... Nesse instante,
Uma, furtivo olhar, no olhar da outra, demora.

E — dolorosa scena, ó lance edificante! —
A joven mãe, que ria, ao ver o esquife, chora,
E a que chorava ri, ao contemplar o infante!

ALCOVA FECHADA

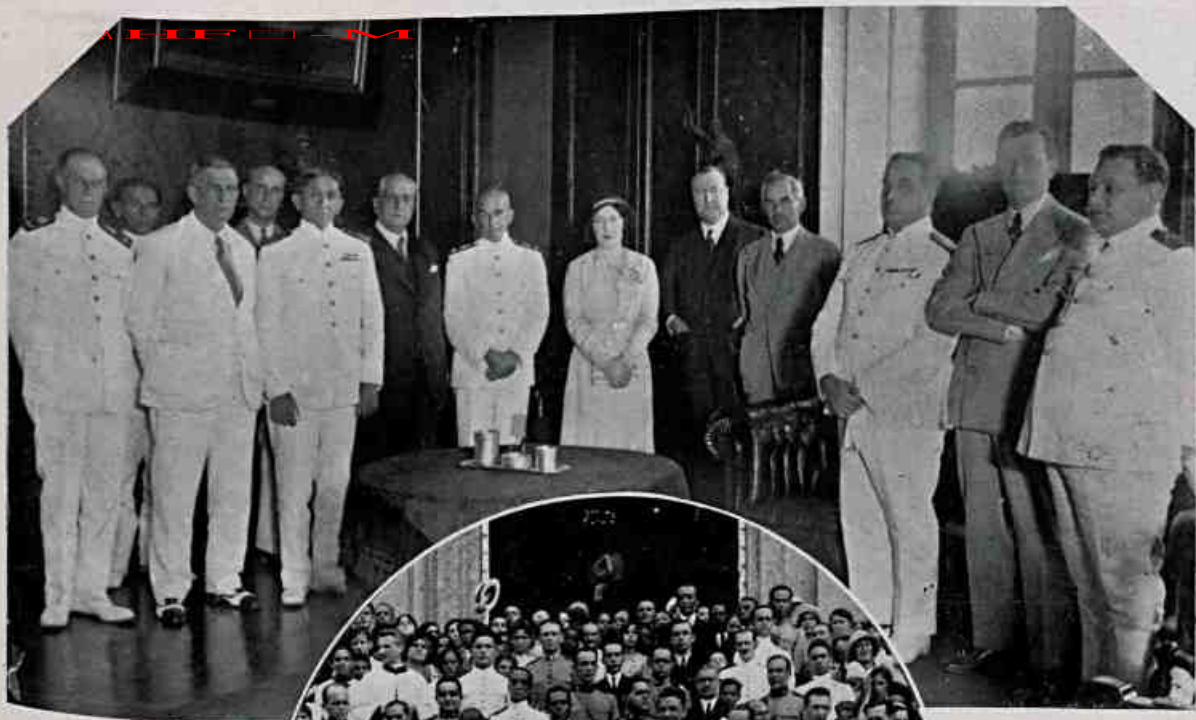
(André Payer,

Vives. Na tua alcova o teu viver não finda.
Taes com as mãos juvenis tu própria os dispu-
[zeste,
Vejo os objectos teus; vejo a sorrir-me ainda,
Na parede, o perfil da suave Beatriz d'Este...

Ha vida nesta alcova, e é só de ti provinda,
Pois nada existe aqui que não te manifeste.
Vives: dorme em teu leito a tua fórma linda
Dir-se-ai que o teu vestido ainda aqui te veste.

Inda por ver-te, o sol a tua alcova invade.
E aqui, a succumbir desta saudade ao peso,
Trago-te o coração — transbordando saudade.

E, ao partir, cauteloso, eu cerro bem a porta,
Para que fique eterno em tua alcova preso
Teu hálito aromal, ó minha Viva-Morta!

JULIO MACIEL

No alto: flagrante da ceremonia da entrega da chave do edificio da «Casa Marcillo Dias» á Marinha Nacional, representada pelo sr. ministro Protogenes Guimarães, que recebeu a alludida chave das mãos da exma. senhora Getulio Vargas, esposa do chefe do governo Provisorio. No medalhão: sua eminencia o Cardeal d. Sebastião Leme entre os officiaes do Exercito e da Marinha que tomaram parte na Paschoa dos Militares, commovente festa eucharistica, domingo ultimo realizada na matriz de Sant'Anna. Em baixo: grupo de médicos e autoridades presentes á solennidade inaugural da «Quinzena do Medico», brilhante iniciativa do Syndicato Medico Brasileiro.

Alto-Falante

RENATO VIANNA E O THEATRO BRASILEIRO

DISSE, um dia, nesta pagina, que Renato Vianna, com ser uma das figuras mais expressivas e fortes do scenario literario brasileiro, ainda não fôra nem bem julgado, nem, mesmo, bem comprehendido. E, no emtanto, ha muito que se dizer sobre elle, a respeito de sua obra, sobre o seu admiravel dynamismo espiritual, e, mais ainda, talvez, sobre o ingente, tenaz esforço e coragem com que, enfrentando um meio, se não hostil, quasi indifferente á ardua missão que tomou a hombros, buscou, carinhosa e intelligentemente, dar novos rumos, novas expressões, physionomia propria, emfim, ao theatro nacional.

Este, o grande idéal em torno de que se agitou seu espirito enthusiasta, sempre a acariciar a realização, concreta, objectiva, da nobre e formosa illusão que lhe alimentava os anseios e estimulava as forças: — a creação do nosso theatro de arte, do verdadeiro theatro que, um dia, honraria o patrimonio cultural do Brasil.

Para tanto deu-nos, logo, a admiravel revelação do seu valor como dramaturgo, como escriptor theatral, offerecendo-nos uma série de peças notaveis, que marcaram exito estrondoso no nosso meio, e que o marcariam, tambem, em qualquer meio culto europeu, tal a "performance", se se póde dizer, com que nol-as apresentou, seguro da sua arte e dos nobres objectivos que collimava.

E foi assim que, successivamente, com pequenas intercadencias nas suas varias tentativas de renovação do nosso theatro, Renato Vianna creou "A ultima encarnação de Fausto", "Fantasmas", "Na Voragem", "Gigolô", etc.

Para melhor identificar-se com o seu idéal, fez-se actor tambem, dando-nos em algumas de suas principaes peças interpretações felicissimas.

Ultimamente, depois de prolongada ausencia no norte do paiz, Renato Vianna tornou ao Rio. Novo emprehendimento. Nova tentativa. Elle e Céo da Camara voltam ao cartaz, annunciando o "Theatro de Arte" no João Caetano. "O homem silencioso dos olhos de vidro" é a peça de estréa. Acompanho, com satisfação, o novo esforço artistico que anima o idealismo do meu querido amigo e velho companheiro de jornalismo... Mais uma outra peça no cartaz... Depois, o silencio...

Contratempos? Desgostos? Desanimo? Desanimo, não, não podia ser: Renato era de uma fibra de combatividade extraordinaria e de uma fidelidade rara ao seu ideal, ao grande e generoso sonho de arte que constituiu, mesmo, o "leit motive" da sua forte e heroica espiritualidade.

Qual não foi, pois, a minha surpreza quando, com um carinhoso cartão do meu velho amigo, recebo as linhas commovedoras que se seguem, e que torno publicas, para que, como eu, os amigos e os admiradores de Renato Vianna procurem demovêl-o dos propositos que um momento de desfallecimento, de quebra da sua formidavel resistencia, trouxe ao seu animo de lutador inperterrito em pról da obra de renovação e soerguimento do theatro brasileiro.

"Meu caro confrade:

Doente, cinco dias retido numa cama, não me foi possivel cumprir immediatamente o dever de agradecer-lhe toda a generosa assistencia moral com que prestigiou a iniciativa do Theatro de Arte.

Venho fazê-lo hoje, tardiamente embora, pois que eu não quedaria tranquillo em consciencia se o não fizesse: devo á critica brasileira, na sua verdadeira expressão, tudo o que sou.

O Theatro de Arte foi a minha ultima illusão e o meu glorioso Waterloo... Empreguei ali toda a minha capacidade de resistencia para ser vencido honrosamente, graças á decidida solidarie-

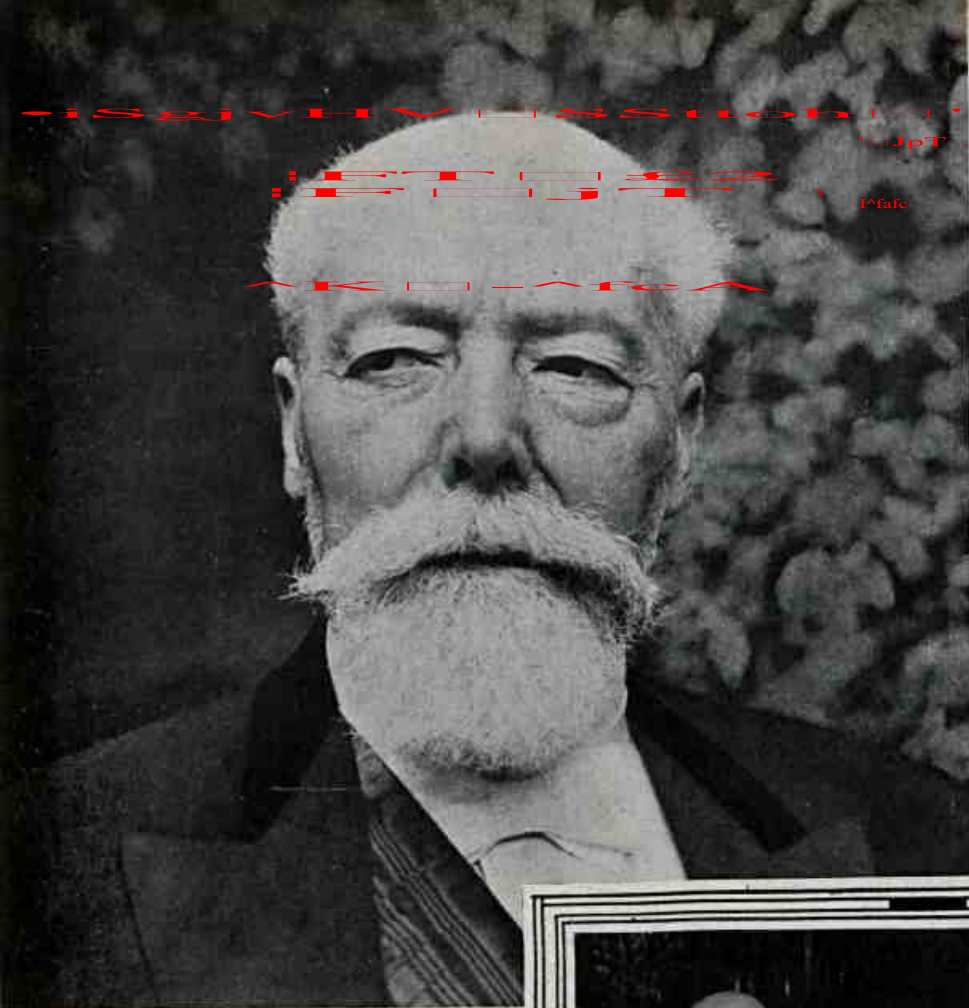
(Conclúe na pag. 36)

Olegario Marianno, o poeta glorioso de «Agua Corrente», depois de publicar «Destinos», offerece aos seus amigos e admiradores de todo o Brasil um lindo e encantador volume de theatro. «Ultimo Amôr», «O Preludio do pingo d'agua» e «Arlequinada» são os tres bellissimos «sketches» em verso que o grande cantor de «Cigarras» reuniu no interessante volume, que a «Editora Guanabara» acaba de publicar, e que já se acha exposto nas «vitrines» das nossas principaes livrarias. Com este primeiro volume de theatro, Olegario Marianno vae marcar um novo triumpho, a juntar aos muitos que já tem conquistado o seu grande espirito de illuminado. Resta, ainda, assignalar, com jubilo, a valiosa cooperação que o illustre poeta patricio traz ao theatro nacional, infelizmente tão pobre de elementos de valor, de theatrologos de merito, capazes de soerguerem o nivel intellectual e artistico da nossa scena. E são bem raros os que, como Renato Vianna e Claudio de Souza, defrontando difficuldades innumeras, tentam fazêl-o.

Festejando o noivado de sua gentil filha senhorita Nelly Ribeiro Cavalcanti, que acaba de contractar casamento com o engenheiro dr. Americo Pacheco de Carvalho, a exma. viuva Esther Ribeiro Cavalcanti offereceu, domingo passado, em sua residencia á rua Silveira Martins, uma recepção ás pessôas de suas relações. No grupo acima estão os jovens noivos acompanhados de seus paes e parentes.

A VIDA SOCIAL

A residencia do casal Porto da Silveira encheu-se, na noite de 5 do corrente, de distinctos elementos da nossa sociedade, por motivo da festa natalicia desse nosso brilhante confrade, que é uma figura prestigiosa de advogado e jornalista. A exma. sra. Porto da Silveira recebeu regiamente as suas visitas, a quem offereceu finos doces e bebidas e um saboroso perú, immolado em homenagem ao anniversariante. A reunião decorreu finamente cordial, palestrando-se sobre vários assumptos, menos sobre a idade de Porto da Silveira, que, aliás, não nega já ter completado um quarto de século... No jardim da vivenda da rua da Passagem, 226, foi tomado, então, este florido grupo de rosas vivas misturadas ás rosas do casal Porto da Silveira, que tambem ahi apparece acompanhado de seu intelligente filhinho Roberto.

O PRESIDENTE DOUMER

Estampamos, nesta pagina, a mais recente photographia de Paul Doumer, e um flagrante do presidente da França por occasião da ultima festa de Natal, no palacio dos «Champs Elisées», onde se reuniram, para receber bombons e brinquedos, innumeras crianças das escolas de Paris. No aspecto photographico apparece, tambem, madame Doumer, que fez a distribuição dos presentes a seus pequenos convidados.

NO seu leito de morte, saudamos com respeito e veneração a figura inconfundivel do presidente Doumer, victima dum attentado estupido e cruel. A consternação produzida no mundo inteiro pelo tragico fim do insigne estadista deu á sua nobre figura seu pleno relêvo final.

Paul Doumer era uma expressão legitima e completa do espirito francez, que se compraz na nobreza da forma, na proporção das medidas e na harmonia dos gestos. Nascido na provincia, num meio pobre, elle se elevou pelo trabalho, pelo estudo e pelo esforço proprio ás culminancias sociaes. Professor, jornalista, advogado, politico, diplomata, estadista, em toda a sua vida de acção e de honradez, dia a dia se elevou pela intelligencia e pela capacidade de trabalho. Defensor da ideologia radical e dedicado aos estudos financeiros, sempre o envolveu uma aureola de sympathia, nascida de sua inteireza moral, de sua simplicidade, do seu mérito real, da sinceridade de suas convicções e do seu nobre patriotismo, que não media sacrificios e defendia a França com o sangue de seus filhos.

Na presidencia da Republica, manteve a mais alta linha de discrecção e de dignidade, não procurando immiscuir-se nas lutas partidarias. E foi nesse posto de elevada significação para o mundo que a morte, desferida por um tresloucado, o veiu encontrar para sua maior glorificação.

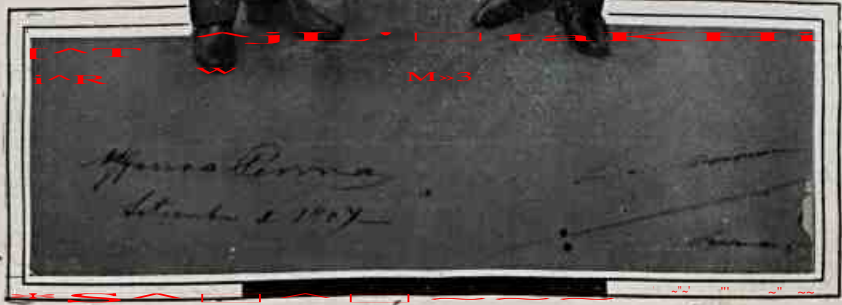
A Paul Doumer o Brasil estava ligado por laços de grande sympathia. Elle estivera no Rio de Janeiro e guardava de sua rapida visita uma impressão duradoura. Assim, é com grande magoa que registramos o seu fim, rendendo o preito de nossa homenagem aos seus despojos mortáes.

PAUL DOUMER NO BRASIL

Em setembro de 1907, Paul Doumer, então presidente da Camara dos Deputados franceza, visitou o nosso paiz, do qual sempre foi grande amigo, e onde permaneceu varios dias em contacto com os nossos politicos daquella época. Muitas foram as homenagens que recebeu, aqui, o illustre parlamentar, avultando entre ellas o almoço que lhe offereceu, no dia 11 de setembro daquelle anno, o então presidente da nossa Camara dos Deputados, dr. Carlos Peixoto.

São dois aspectos da visita de Paul Doumer á capital brasileira o que fixam as photographias desta pagina.

Em cima, o presidente da Camara franceza após o almoço offerecido em sua honra pelo seu collega brasileiro, vendo-se Doumer em companhia de Pinheiro Machado, Carlos Peixoto, James Darcy, Urbano dos Santos, Leão Velloso (Gil Vidal), Alvaro de Carvalho, Arthur Lemos, Antonio Azeredo, João Luiz Alves, Medeiros e Albuquerque e outros vultos da politica nacional.

Em baixo, Paul Doumer ao lado do presidente da Republica, dr. Affonso Penna, numa photographia em que se vêem os respectivos autographos.

(Photographias da Collecção Malta).

A NOVA DIRECTORIA DA A. B. I.

Teve a mais alta expressão a solennidade da posse, realizada sexta-feira penultima, dos novos conselheiros da Associação Brasileira de Imprensa, após o que foi procedida á eleição da nova directoria, que assim ficou constituida: presidente, Herbert Moses; vice-presidente, João Mello; 1.º secretario, Arthur de Guaraná; 2.º secretario, Nestor Guimarães; thesoureiro, Paschoal Ferrone; bibliothecario, Carlos Manhães; procurador, M. Paulo Filho. Toda a passada directoria foi reeleita, á excepção de um dos seus membros. Essa circumstancia vem demonstrar a brilhante actuação daquelles jornalistas, notadamente a do dr. Herbert Moses, que muito se tem batido em favor da classe que representa, agindo com elegancia e diplomacia, na solução dos casos mais difficeis. Notemos ainda que a permanencia do dr. Herbert Moses á frente da directoria da A. B. I. é uma garantia da execução do seu nobre projecto: a construcção da Casa do Jornalista, o velho sonho dos que moirejam na imprensa.

O nosso clichê focaliza: no medalhão, o dr. Herbert Moses, presidente da A. B. I., e, na outra photographia, um aspecto da reunião.

SUPERSTIÇÃO

O sapo canta, canta,
lá no fundo da lagôa enferma.
A solidão molle abafa a voz do sapo
p'ra que o seu canto estridulo, descompassado,
não amedronte as estrellas que tremem de frio no [céo alto,
espiando a terra escura e feia

A lagôa tem arrepios...
A aragem acaricia os junceaes,
alisando-lhes a cabelleira fulva.

A Lua, muito redonda e transparente,
caminha pensativa,
á procura do Sol fugidio
para aquecel-a...

O céo esburacado de estrellas
arqueia-se sobre o Mundo,
para melhor escutar os idyllios e os queixumes
dos que amam e dos que soffrem.

Misero, hediondo, disforme,
atolado no lôdo,
o sapo canta, canta, a noite inteira,
na estranha angustia de sua mágua
recondita, intraduzivel e enorme.

Menestrel do lôdo e das aguas paradas,
invejando as estrellas que piscam na escuridão da [noite,
o sapo queria ser, ao menos,
uma ave, um vagalume, uma flor,
sobrepairante á podridão do pantano.

A Terra scisma, bebeda de silencio...

As arvores, embrulhadas na Sombra,
dormem e sonham,
enterrando no ventre morno da Terra
as raizes avidas de seiva.

E o sapo desencantado coaxa,
num tumultuoso clamor incomprehendido,
maldizendo seu destino abjecto,
— paria da Natureza madrasta.

Uma estrella escorregou, de repente,
riscando o céo de alto abaixo.
A superstição ensina,
pela bocca anonyma da Lenda,
que isso é castigo de Deus:
a estrella enxotada, expiando culpas,
vae ser o sapo que canta, canta, a noite inteira,
atolado no lôdo...

NESTOR GUIMARÃES

A grande pintora Sarah Villela de Figueiredo, e um dos seus quadros expostos no 4.º Salão dos Artistas Brasileiros: «No balanço». Sarah Villela de Figueiredo é uma figura impressiva da arte nacional e um nome de prestigioso relêvo na nossa sociedade.

Inaugurou-se sabbado ultimo, na séde da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, o 4.º Salão dos Artistas Brasileiros, em que figuram varias dezenas de pinturas e esculpturas firmadas pelos nomes de mais destaque nas bellas artes nacionaes. A cerimonia da abertura desse salão, cuja iniciativa cabe á Associação dos Artistas Brasileiros, foi um legitimo acontecimento de arte e mundanismo, e teve a presença de elevado numero de figuras representativas dos nossos circulos culturaes e sociaes, além de autoridades e outras pessôas gradas, como documenta a photographia abaixo.

Toque de ruban ciré noir. Voilette bordée.

Chapeau blanc en paille garni de satin noir et de gros grain rouge.

Béret rouge et blanc en peau. Pois noirs et blancs. Écharpe de toile de laine blanche à pois noirs.

Toque vert opaline gros grains gaufré pointillé de noir.

Chapeau d'antilope noir garni de crosses beige dégradé. Écharpe de mousseline brochée.

Chapeau de breitzschwantz et feutre noir garni d'une boucle de cristal.

Chapeau de feutre vert amande.

(*Photos especiaes para FON-FON*).

ALTO FALANTE

(Conclusão)

dade de alguns companheiros dedicados.

Resolvo renunciar, com elle, aos meus ideaes de arte, e dou por encerrada a missão que a mim proprio impuzera no theatro brasileiro.

Seguindo o conselho do velho Socrates, é tempo, agora, de começar a difficil tarefa de morrer: tenho trinta e oito annos — vividos pelo dobro — e uma bagagem complicadissima para arrumar antes de partir.

Outros mais competentes e capazes realizarão aquillo que eu não consegui realizar, apesar de tremendos esforços e inacreditaveis sacrificios.

Espero, entretanto, que reconheçam a rigorosa honestidade desses meus quatorze annos de trabalho.

E' o unico premio que eu peço.

Seu confrade obrigadissimo, *Renato Vianna*."

MAX LINDER

Enlace da senhorita Rachel Saul com o sr. Mauricio Abramant, celebrado nesta capital, onde residem os noivos.

DO CYNISMO

Desgraçado do mortal em quem o cynismo fez quartel. Transfigurado moral, elle erra voluntariamente. Poder-se-ia rehabilitar; prefere, porém, continuar a ser hospede indesejavel de um mundo de chimeras ou de maldades, que a sua imaginação creou.

Não ha nada mais triste do que o homem cynico! Elle é inferior ao roble a que tivessem queimado o amago, porque assim mesmo a arvore daria sombra e serviria de estaca...

O cynico, em certas occasiões, supplanta o ladrão. São ambos prejudicialissimos, mas o ladrão, além de ser perseguido pela lei, acossado pela vergonha, perde o amor á liberdade e á vida, ao passo que o cynico, quanto mais vive, menos se convence de que está envergonhando o proximo.

ALEXANDRE PASSOS

Para commemorar as bôdas de ouro do venerando casal João Henriques Garcia-d. Rosa Garcia, foi celebrada, no dia 3 do corrente, uma solenne missa em acção de graças na igreja do Mosteiro de São Bento, que se encheu, por isso, de parentes e amigos dos festejados. O sr. João Henriques Garcia e sua digna esposa, que são muito estimados nesta capital, onde residem ha varios annos, apparecem, no grupo acima, cercados pelos seus filhos, netos e demais parentes, além de outras pessoas presentes á solennidade religiosa.

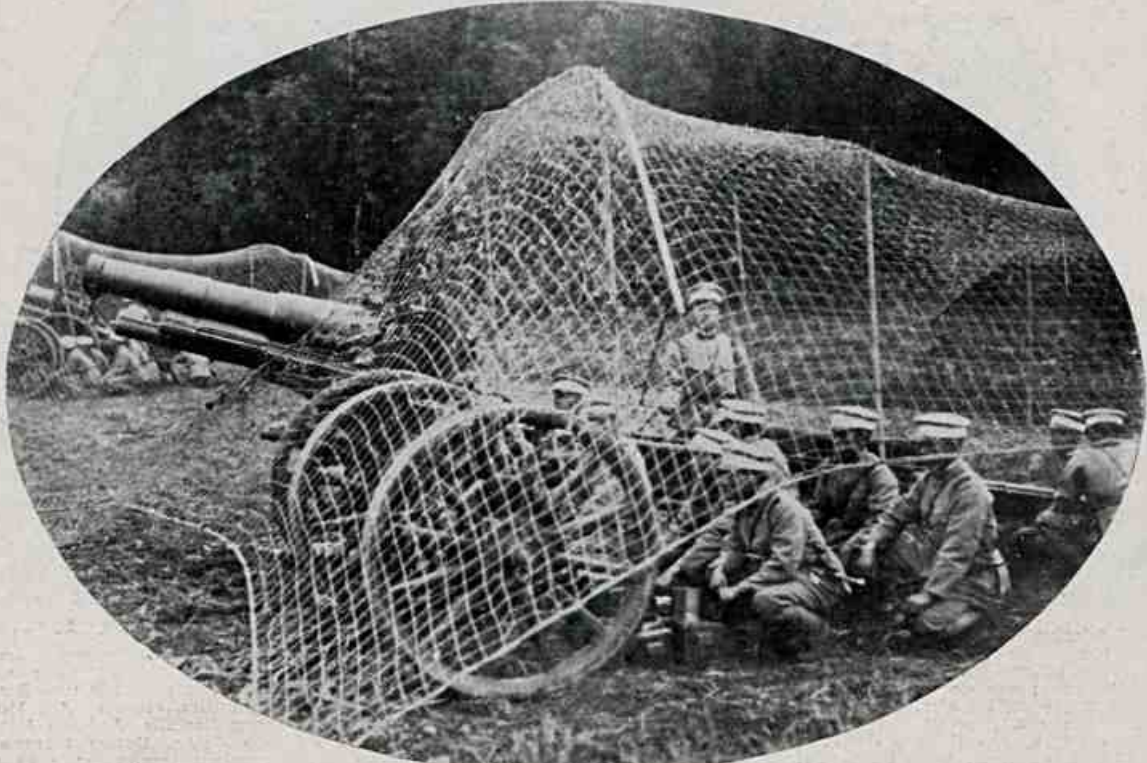
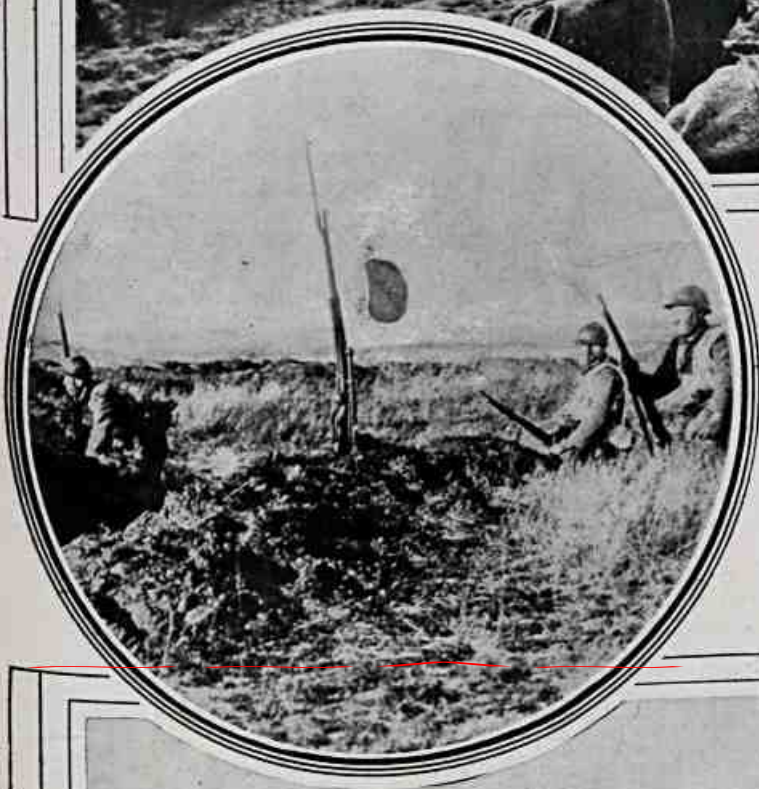
O commandante Alnaldo Muller dos Reis, do «Almirante Jaceguay», e uma das figuras mais illustres da Marinha Mercante Brasileira, reuniu, sexta-feira penultima, num almoço, a bordo daquelle luxuoso paquete do Lloyd, a directoria do Touring Club do Brasil e um grupo de jornalistas, muitos pertencentes ao Comité de Imprensa dessa sociedade e alguns acreditados junto ao Lloyd Brasileiro. Quiz assim o commandante do «Almirante Jaceguay» proporcionar aos representantes da imprensa e aos directores do Touring Club uma visita ao excellente navio que vae, em junho proximo, realizar o grande cruzeiro turistico Rio Grande-Manáos-Rio Grande, ao qual já tivemos occasião de alludir. A festa foi simples e cordial. Falaram o commandante Muller dos Reis, os drs. Pires Rebello e Berilo Neves, directores do Touring Club, e o dr. Herbert Moses presidente da Associação Brasileira de Imprensa. A photographia acima foi tomada no bar do «Almirante Jaceguay», minutos antes do almoço de sexta-feira.

Por iniciativa dos drs. Nelson Pinto, Reynaldo de Aragão e Povina Cavalcanti, acaba de ser creado o Comité de Imprensa do Automovel Club do Brasil, cuja installação se realizou segunda-feira á noite, num dos sumptuosos salões do palacio da rua do Passeio, com a presença de varios jornalistas, especialmente convidados para esse fim. Fazem parte do Comité, além dos directores do Automovel Club acima citados, os nossos confrades Berilo Neves, Porto da Silveira, Pereira Rego, Nestor Guimarães Aureliano Machado, Annibal Bomfim, Marcio Reis, Hugo Auler, Oscar Sayão, Waldemar Bandeira, Chermont de Britto, Mario Domingues, Martins Castello, Amorim Netto, Luiz Martins, Aureliano Amaral, Leão Velloso, Lycurgo Costa, Accioly Netto, Adolpho Aizen, Depuy Moreno e Martins Capistrano, pelo FON-FON. Alguns desses jornalistas apparecem na photographia acima, tomada ao ser installado o Comité de Imprensa do Automovel Club do Brasil.

Senhoras da alta sociedade de Tokio reunem-se, diariamente, no Comité Central, para fabricar os «cakes» que são enviados aos soldados japonezes, no «front» da Mandchuria.

MULHERES DE HOJE

Rosny Ainé fala das mulheres da actualidade desta linda maneira: "São mais decididas, promptas e livres em seus propositos, mas si tiverdes a sorte de passar com ellas alguns instantes sem que estejam presentes alguns rapazes vadios, então reapparece nesse tête-a-tête a mulher eterna com todos os prestigios que conservou através dos seculos. E, assim, nem cocktails, nem cigarros, nem pyjamas, nem modos desenvoltos significam grande coisa, pois guardam o seu caracter eterno para os que sabem e querem comprehendêl-as."

Essa opinião do chronista francez deve cahir no gôto das mulheres de hoje. A mulher ha de ser sempre a mulher, malgré tout...

Como os japonezes fazem a «camouflage» das suas baterias, no campo de batalha.

VISÕES DA GUERRA SINO-JAPONEZA

Tres aspectos da luta em Tsitsikar, que foi tomada pelas tropas japonezas, após violento encontro com o exercito chinez. As baterias nipponicas disfarçadas para o inimigo. Uma guarda avançada japoneza no ataque ás posições chinezas de Tsitsikar. Soldados da Cruz Vermelha Japoneza recolhendo os feridos chinezes, após a tomada daquella praça de guerra ao sul de Moukden.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

Caverna de Ali Babá

Das margens do Prata, carregado de novidades interessantes, regressou o escriptor Christovam de Camargo, que, em entrevistas aos jornaes, focalizou com precisão diversos aspectos da actualidade argentina. O que disse sobre a intensidade da vida literaria na nação vizinha, das facilidades que ali encontra o escriptor, é de deixar a gente com agua na bocca... A photographia acima é um instantaneo tirado nas margens do Nahuel Huapi, fronteira do Chile, por occasião da visita promovida pelo Touring Club Argentino á região dos lagos.

PROVERBIOS A'S AVESSAS

Ha passaros que cruzam o espaço e sujam as pennas.

Quem vê a barba do vizinho a arder deita-lhe um pouco de gazolina.

Existem cães que ladram e mordem.

Muitas andorinhas não voltam ao ninho.

De tal pae filhos differentes...

Peores cegos que os que não querem vêr são os cegos de nascença.

Muitos seméam ventos e colhem bons fructos.

Outros andam mal e acabam bem.

Quem casa ás vezes não quer casa.

Dize-me com quem andas e não poderei dizer que manhas tens.

Fala-se no máu e não se prepara o páu.

Ha gente que bole com muitas pedras e nenhuma lhe quebra a cabeça.

Ruim com elle e melhor sem elle.

Quem espera nunca alcança.

Mais vale quem cedo madruga do que quem Deus ajuda.

O ORPHÃO

Ha pessôas que têm cara de fera e que se pensa capazes de comer os outros vivos. Entretanto, possuem coração de assucar. Ha outras, pelo contrario, que escondem a crueldade e a infamia sob uma physionomia suave. Um desses inoffensivos apparentes foi levado á barra do tribunal e o juiz disse-lhe:

— O senhor é accusado de haver assassinado seu pae e sua mãe. E' um crime abominavel que não merece perdão. Que allega em sua defesa?

— E' verdade, senhor juiz, vossa excellencia tem toda a razão, respondeu o monstro, baixando os olhos.

— Bem — continuou o magistrado — que allega em sua defesa?

— Que vossa excellencia tenha compaixão de mim, porque agora sou um pobre orphão...

O dr. Edmundo Ferreira da Rocha, chefe do consultorio do Hospital da Misericordia e antigo jornalista, a quem o Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa acaba de conferir, por unanimidade, o titulo de «socio honorario» daquella instituição, em reconhecimento pelos grandes serviços que o humanitario clinico tem prestado á classe jornalistica. Por esse motivo, recebeu o dr. Edmundo Ferreira da Rocha expressiva manifestação de apreço dos seus collegas, amigos e admiradores.

O SILENCIO DE BERNARD SHAW

Ha muito tempo o velho humorista irlandês de cerebro sempre juvenil não publica nenhuma de suas costumeiras criticas mordazes aos norte-americanos e aos proprios inglezes. Está silencioso o autor do Carro de Maçãs e nem mesmo a sua face barbada apparece nos jornaes, acompanhando a sua imagem vestida de traje de banho ou de jogador de polo.

Quem sabe si nesse silencio Bernard Shaw não está preparando qualquer satyra derradeira e terrivel contra a pobre humanidade de que faz parte?...

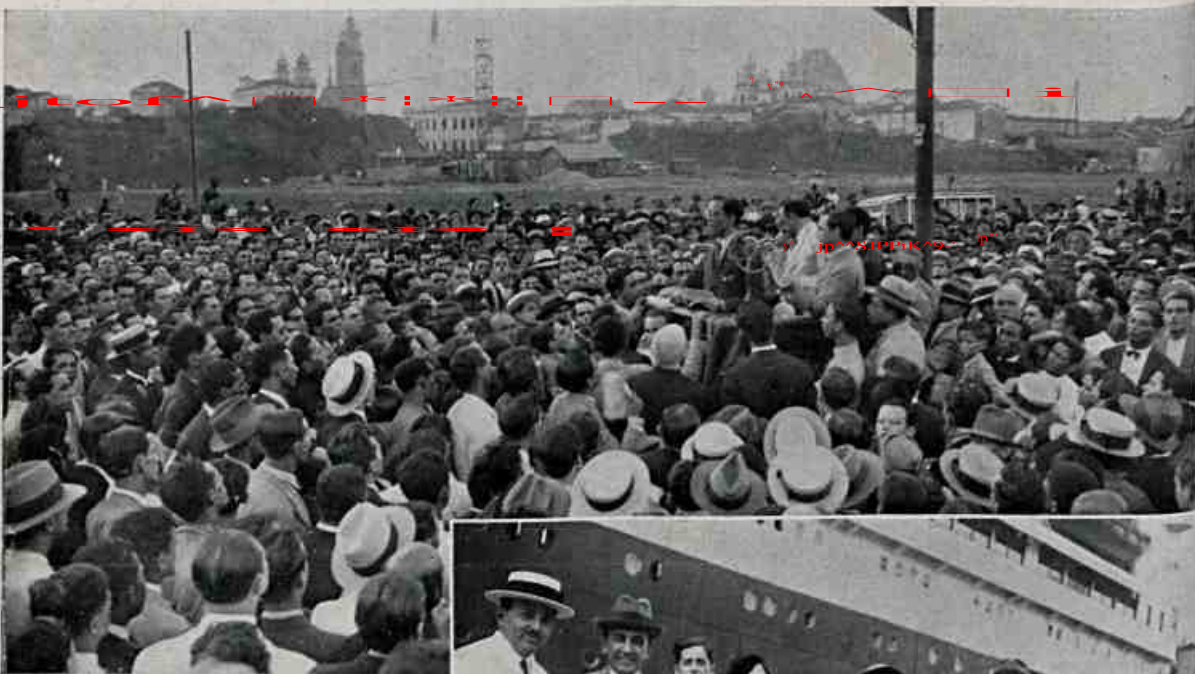
Sésamo

«FON-FON» EM POÇOS DE CALDAS

Santos Lobo e Elysio do Couto, posando para a nossa objectiva, naquella bella estação de aguas.

EURYCLES DE MATTOS

Os nossos collegas d'«O Globo», num movimento de piedosa saudade, muito sympathico e profundamente expressivo, promoveram, no dia 5 do corrente, diversas homenagens á memória de Eurycles de Mattos, extincto director-redactor-chefe d a q u e l l e vespertino. Além de uma romaria ao tumulo do grande jornalista, no cemiterio de S. João Baptista, realizou-se ainda uma missa na matriz de S. José, á qual compareceram os companheiros, a familia do morto e a exma. viuva Irineu Marinho. A nossa gravura nos mostra os vários aspectos das cerimonias em que foi relembrada a nobre e illustre figura de Eurycles de Mattos.

Grupo feito nos escriptorios da Fox-Film, por occasião da visita do dr. Getulio Vargas, chefe do governo provisorio, que se fez acompanhar de sua exma. familia. Achavam-se tambem presentes os representantes dos srs. ministros de Estado, que foram convidados, pela directoria da Fox, para assistir, no pequeno salão, á projecção de «Deliciosa», o film do nosso patricio Raul Roulien, que apparece no mesmo com Janet Gaynor e Charles Farrell.

Aspecto do comicio pró-Constituinte promovido sabbado á tarde, na esplanada do Castello, pela mocidade das nossas escolas superiores, vendo-se um dos oradores quando proferia o seu discurso.

Ao lado: o livreiro Freitas Bastos, acompanhado de sua exma. senhora, ao embarcar para Buenos-Aires, a bordo do «Cap Arcona».

FON-FON no cinema

Era uma creatura fascinante.

LUDIBRIADA

DA PARAMOUNT

com TALLULAH BANKHEAD e IRVING PICHEL

No decurso de uma partida de "chemin de fer", disputada num dos mais elegantes "yacht clubs" de Long Island, Elza Carlyle contrae uma divida de jogo de tal vulto que não ousa pedir o dinheiro necessario para o seu resgate ao marido, Jeffrey Carlyle, um corrector á beira da ruina. Livra-se da vergonha, assignando um vale que em tempo promette resgatar.

Na mesma noite, Elza, embora extremamente apaixonada por seu esposo, diverte-se tecendo uma intriga de amôr com um dos convidados, Hardy Livingston, um conhecedor de arte que viajou longamente pelas terras do Oriente. A antithese entre esse typo e o do seu marido, calmo e bonachão, exerce sobre Elza uma estranha fascinação, que não passa despercebida ao sinistro Hardy, imbuido das tradições e costumes do Oriente. Em breve concebe o seu espirito o proposito de subjugar e tornar sua aquella mulher audaciosa.

Apercebendo-se do interesse de Elza por Hardy, Jeffrey manifesta-lhe o seu resentimento e censura-a pelas visitas innocentes que ella faz frequentes vezes á casa daquelle individuo. Mas, em resposta, Elza limita-se a rir, affirmando ao ciumento Jeffrey que no seu coração não paira, nem jamais pairará, outra imagem de homem senão a delle.

Entrementes, o jogador, a quem Elza deve dinheiro, ameaça dirigir-se ao marido para cobrar-lhe a divida. Empenhada em salvar-se, Elza lança mão do dinheiro de uma obra philanthropica de que é thesoureira e dá-o a um amigo da casa, Terrell, para que o empregue numa especulação de que ella espera um retorno capaz de

Castigo brutal.

pôl-a a coberto de difficuldades.

Por occasião do baile de caridade, effectuado na residencia exoticamente decorada, da Hardy, encoraja-se este a proseguir na investida amorosa de que espera colher o premio com a rendição de Elza, mas esta o repelle, declarando-lhe que ama seu marido e que seria incapaz de o trahir.

No momento em que o baile está no seu auge, Elza recebe um telephonema de Terrell, a annunciar-lhe que a especulação no mercado de titulos absorveu até o ultimo "cent" do dinheiro que lhe foi confiado. A noticia precipita Elza em extremo desalento, pois ao dia seguinte tem ella que entrar com a somma de que lançou mão, na esperança de salvar-se. Desvairada, ella promette a Hardy que será sua se elle lhe dér o dinheiro de que precisa. Hardy a satisfaz com um cheque.

Quasi ao mesmo tempo, numa especulação, Jeffrey ganha cerca de um milhão de dollars. Calculando que agora póde alcançar o dinheiro necessario para pagar a sua divida e reembolsar Hardy, Elza recorre ao seu marido, o qual, seguindo vem a saber, já pagou, elle proprio, ao seu maior credor. Ella resolve então pedir-lhe apenas 1.000 dollars e, tão depressa attendida, corre á casa de seu astuto credor.

Suspeitando o destino com que ella sáe, Jeffrey resolve seguil-a até a casa de Hardy.

Hardy, firme em seu proposito de subjugar a Elza, recusa acceitar o cheque em pagamento do emprestimo que fez, e comprehendendo que a esposa de Jeffrey quer fugir ao seu trato, chama-a de mystificadora. Allucinado de cólera, aquece um ferro em braza e grava sobre um hombro de Elza as palavras "possúo-te". Desvairada por uma dôr indescriptivel, Elza apanha um revólver e, de um tiro, prostra Hardy no chão. Numa carreira louca, foge da casa, sem se aperceber de que Jeffrey acaba de chegar ao local. A fuga desatinada da esposa induz Jeffrey a penetrar na residencia de Hardy, e ali o encontrando em extrema agonia, immediatamente chama um medico, e entrega-se á policia, a quem declara haver sido elle, Jeffrey, o assassino. Hardy confirma essa declaração.

Elza vae visitar o esposo na prisão e declara-lhe estar resolvida a não consentir que elle se dê por autor do crime. Mas Jeffrey tanto insiste que lhe arranca a promessa de nada dizer.

Em ultimo recurso Elza vae supplicar a Hardy que retire a sua queixa, mas o perverso, ao contrario de enternecer-se, se rejubila pela desforra que a situação lhe offerece.

No tribunal, Hardy, inteiramente restabelecido, narra os acontecimentos, deturpando-os inteiramente, de sorte a comprometter irremissivelmente Jeffrey, que tudo confirma quanto elle diz.

(Conclue na pag. ...)

Interrogação dolorosa.

A tentação.

A justiça dum machado.

EMBAIXADOR BILL

(Ambassador Bill)

Da FOX :—: Direcção de Sam Taylor

com Will Rogers, Greta Nissen e Marguerite Churchill

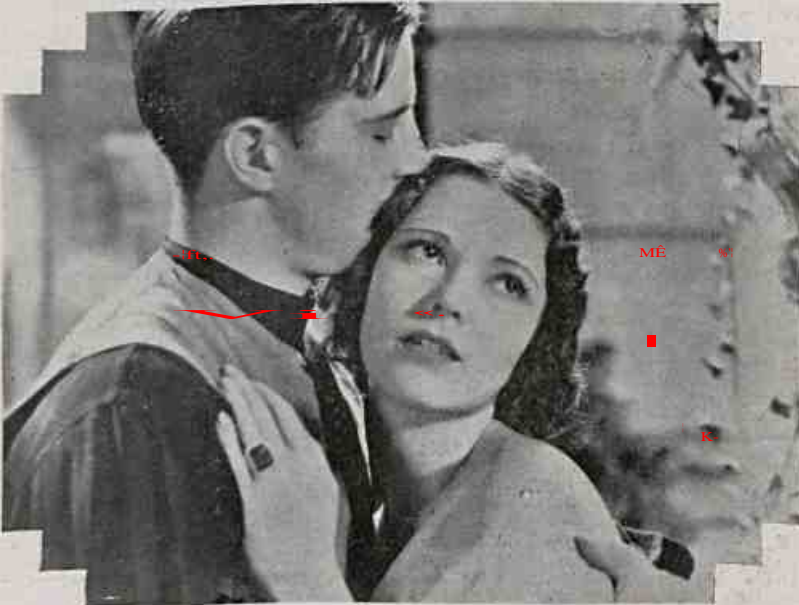
BILL HARPER fôra designado pelo governo norte-americano para ser embaixador junto ao reinado de Sylvania.

Portador das mais bellas credenciaes, Bill tornou-se logo uma "persona grata" na côrte da Sylvania. Tanto o rei Paulo como a graciosa rainha Margarida viram no sorridente embaixador o mais fiel representante diplomático.

Conspirava-se nos bastidores, para a deposição do rei Paulo sendo mesmo escolhido o nome do principe De Polikoff para dictador. Amigo de todos, Bill em pouco tempo estava senhor da amizade de todos os membros da casa real, e talvez por isto mesmo elle desconhecesse essas manobras revolucionarias.

Assim, foi com surpresa que, numa noite, Bill se viu obrigado a conceder abrigo e fuga á familia reinante. Vencendo a revolução, ficou o paiz entregue ao dictador De Polikoff e á princeza Teka, que, na verdade, era quem dava as ordens.

Bill entretanto reanima o povo para uma contra revolução e passa o pequeno tal como rei, pondo em fuga o dictador Polikoff e os conspiradores.

Entretanto, á Washington

O amôr não se importava com o mundo.

Que Romeu bisonho era o embaixador!

chegavam noticias desagradaveis quanto á conducta de Bill, por ter intervido numa luta politica e interna do paiz. Immediatamente, o senador Pillisburg parte para Sylvania afim de averiguar os acontecimentos.

Recebido festivamente, o senador Pellisburg constata a grande affeição do povo pelo sympathico Bill, e o proprio governo agora victorioso exige a permanencia de Bill Harper, como o melhor amigo, protector, e embaixador dos Estados Unidos junto ao pequeno e heroico reinado de Sylvania.

*

AS FLORES E OS ARTISTAS CINEMATOGRAPHICOS

Por Rachel Bilac

Será que todos os artistas cinematographicos têm sua flor favorita, assim como uma musica e um traje?

Será que as artistas gostam de rodear-se das delicadas margaridas e outras flores simples ou apreciam as flores raras de alto preço e importadas de outros climas?

Uma visita a um dos innumeros florestas de Hôllywood que serve a quasi todas as estrellas cinematographicas nos revela que os gostos das artistas a respeito das flores são tão differentes como suas personalidades.

Por exemplo, Norma Shearer prefere as flores modestas. Quando ella estava trabalhando em "A free soul" para a Metro-Goldwyn-Mayer, em que alcançou um grande exito, sempre tinha no scenario vasos cheios de violetas. As violetas e as espadanas côr de purpura são as flores favoritas de Norma Shearer.

Joan Crawford sempre está rodeada de flores que fazem sobresahir a sua vivida personalidade, seja no seu camarim ou no scenario onde trabalha. Um dos maiores floristas de Hollywood enfeita, duas vezes por semana, invariavelmente, a elegante residencia de Joan Crawford com as flores mais lindas. Para sua sala de visitas, que é decorada de branco, Miss Crawford escolhe geralmente os lyrios matisados de branco e amarello. A mesa da sua sala de jantar está quasi sempre com um vaso cheio de rosas amarellas. Nos seus vestidos de noite usa invariavelmente orchideas.

A orchidea tropical é tambem a flor «preferida de Greta Garbo. Quando Greta estava trabalhando em "Wild orchids", sempre estava cercada no scenario por uma exótica variedade de orchideas orientaes. Todas as noites, depois de finalizar seu trabalho, costumava levar essas flores para sua casa. Sua grande predilecção pelas orchideas, comtudo, não lhe fez esquecer a sua antiga flor favorita, o jasmim, que tem plantado numa grande extensão do seu lindo jardim.

Marion Davies adora as rosas de qualquer côr, mas tambem se dedica ao cultivo das orchideas. Em sua estufa, considerada uma das mais famosas pelas floristas profissionaes, encontra-se uma das mais raras collecções de orchideas do mundo.

Apesar das acacias serem consideradas antigas nesta época de rosas e orchideas, Anita Page sempre tem vasos cheios destas flores no seu quarto, de dormir, e que realçam a sua belleza.

Joan Marsh é outra lourinha que tem uma grande predilecção pelas orchideas e sempre as usa nos seus vestidos.

Quando Marie Dressler vae comprar flores... compra quasi toda a loja. Miss Dressler não tem preferencia por nenhuma flor determinada. Gosta de todas as qualidades, desde as florzinhas silvestres até as mais raras. Todos os amigos que sabem de sua grande predilecção pelas flores lhe enviam sempre uma quantidade dellas. Durante a sua recente enfermidade, o quarto que occupava no hospital parecia um verdadeiro jardim.

Não é sómente o bello sexo que tem o direito de se interessar pelas flores. O sexo forte tambem se interessa por ellas.

John Miljan, o celebre villão da téla, tem grande prazer em cultivar espadanas e tem na sua estufa mais de quarenta variedades.

Nos studios da Metro-Goldwyn-Mayer ha um homem que é encarregado exclusivamente de fornecer as flores necessarias para os films. Elle deve estar sempre prompto para a qualquer momento fornecer as flores adequadas para as scenas de casamento, banquete, baptizado ou funeral. Elle está sempre em contacto com as estufas mais famosas e póde obter qualquer especie de flores em qualquer estação do anno.

Além de ser o fornecedor das flores para os studios, elle tambem recebe pedidos particulares das estrellas, cujas residencias visita regularmente, provendo-as de flores que harmonizem com o estylo e a decoração de cada uma dellas. E muitas vezes é elle quem arranja os lindos "corsages" para os vestidos de noite das estrellas.

Para se dizer a verdade, as flores constituem uma parte indispensavel da vida das artistas cinematographicas.

«Duas» creanças.

NOTAS DE ARTE

ARNALDO REBELLO. — No I. N. M., em a noite de 28 de abril, apresentado pela Associação Brasileira de Musica, realizou o pianista brasileiro **Arnaldo Rebello** o seu concerto de estréa após estudos de aperfeiçoamento na Europa, como alumno do pianista francez Robert Casadesus.

Além de varios extra com Valse oubliée, de Liszt, e Estudo pathetico, de Scriabin, foi executado o seguinte programma: 1. J. S. Bach — Concerto italiano; 2. Schumann — Sonata, op. 22; 3. Poulenc — Les Biches; 4. D. de Séverac — Le retour des muletiers; 5. Villa Lobos — Farrapos; 6. Lorenzo Fernandez — Valsa suburbana; 8. Dohnányi — Capricho.

Infelizmente, a realização simultanea do recital do pianista e do concerto do Coro Madrigal de Hamburgo, não nos permittiu ouvir integralmente nem um nem outro. Dahi não estarmos presente á audição do Concerto italiano nem aos dois primeiros tempos da Sonata. Mas o que ouvimos foi o bastante para reconhecer que o joven artista patricio fez novos progressos, aperfeiçoou sobretudo a sua technica, revelou-se mais do que vulgar pianista de grandes effeitos de força e velocidade. Falta-lhe agora attingir em colorido, em conto interpretativo, o mesmo grão a que já chegou como pianista de bravura, e depois fazer crescer pari-passu as duas qualidades de modo a merecer integralmente o valioso juizo de Casadesus: «Vous méritez une place de premier ordre comme artiste et comme professeur...»

Si tivessemos de assignalar das peças que ouvimos as que mais nos impressionaram, citariamos: Les Biches, Valsa Suburbana e os dois extras de Liszt e de Scriabin. Especialmente encantadora e muito brasileira a composição de Lourenço Fernandez. Lamentamos apenas que o nome seja... um epigramma. Como é musica sentimental, reveladora da sensibilidade ingenua mas pura, peculiar ao coração não pervertido pelo primitivismo de sonoridades ancestraes e selvaticas, abusiva e mentirosamente chamadas modernistas, o A. alcunhou-a com a denominação sarcastica, querendo significar-lhe a inferioridade social. Porque a Valsa urbana, a musica da sociedade elegante, é a dança primitiva e tumultuosa, muitas vezes desbragada, que subiu do cabaret ao salão... Como quer que seja, foi a execução da Valsa suburbana um dos mais ruidosos triumphos de A. R. na sua victoriosa estréa. Foi enthusiasticamente bisada. Autor e interprete ardentemente ovacionados.

Não se deve esquecer de assignalar a grande, a extraordinaria concurrencia. Mais de mil pessôas assistiram com sympathia e enthusiasmo ao recital do pianista brasileiro.

NUCLEO ARTISTICO NICIA SILVA. — No Studio Nicolas, em a noite do 3 de abril, teve lugar o 4.o concerto do N. A. N. S., offerecido á Cruzada de Alphabetização — instituto digno de todo applauso e incitamento, desde que se alphabetiza educando, pois á instrucção sem moral, é preferivel a ignorancia moralizada. Não se esqueça que os males sociaes provém mais dos lettrados que dos analphabetos; são aquelles e não estes que têem governado ou desgovernado o mundo...

Foram executadas peças de canto, com musica e letra quasi todas de autores brasileiros, por alumnas da prof.a Nicia Silva, acompanhadas pela pianista prof.a Julieta Gomes de Menezes: **A engeitada e a orphã**, de Felix Otero e João de Deus, pela sra. Henriqueta Vieira Ferreira (curso inicial); **A casinha pequenina**, harmonizada por Ernani Braga; **Felicidade**, de Barroso Netto e Nosor Sanches, por Zacharias Rego Monteiro (curso inicial); **Numa concha**, de Souza Lima e Olavo Bilac, e **Soneto** de Alberto Nepomuceno e Coelho Netto, pela sra. Aida Machado (curso médio); **Pelo Amôr**, de Leopoldo Miguez e Coelho Netto; **Paixão**, de J. Octaviano e Solfieri de Albuquerque, **Viola**, de Villa Lobos e Sylvio Romero, pela sra. Lais Wallace (curso superior); **Num postal**, de Celeste Jaguaribe de Mattos e **Miragem**, de Abdon Milanez e E. Galvão, pela sra. Jacyra de Albuquerque Lima (curso superior); **Crepusculo**, de Edgard Guerra, e **Si tu me amasses**, de Arthur Napoleão e Luiz Guimarães, pela senhorita Gilda Abreu, medalha de ouro do I. N. M. (curso de aperfeiçoamento).

Todas as alumnas interpretaram com mais ou menos pericia, de accôrdo com o gráo de adeantamento de cada uma, os numeros que lhes foram confiados. Dentro dessa relatividade quasi nada ha que distinguir. Mas em relação á impressão produzida não seria justo esquecer tres numeros que foram merecidamente muito applaudidos, ruidosamente bisados e que aqui enumeramos na ordem do valor crescente: **A casinha pequenina**, muito expressivamente cantada pelo sr. Zacharias Rego Monteiro; **Num postal**, em que a sra. Jacyra de Albuquerque Lima mostrou não só possuir bellas qualidades vocaes, mas tambem accentuado temperamento dramatico, o que lhe deu ao canto movimento e vida; e **Crepusculo**, que Gilda Abreu, mais mestra que discipula, viveu com arte invulgar, agradando, encantando, enfeitiçando o auditorio. Foi de empolgante effeito o fio de voz com que rematou a bella composição de Edgard Guerra.

Explicando a consagração do concerto á C. A., dizendo summariamente da musica brasileira e recitando uma das suas bellas poesias, ouviu-se a palavra communicativa da sra. Elza Machado. Embora nem sempre de accôrdo com os conceitos da illustre poetisa sobre a musica brasileira, applaudimo-lhe sempre o enthusiasmo e a convicção com que os emittia.

Terminou a festa com duas palavras de agradecimento do presidente do C. A. ao N. A. N. S.

OSCAR D'ALVA

LUDIBRIADA

(Conclusão)

Mas Elza, não podendo por mais tempo ficar impassivel ante o sacrificio do seu esposo, põe-se de pé e refere ao juiz toda a verdade do occorrido, exhibindo no hombro nú o estygma ominoso que Hardy ali gravou.

Essa declaração provoca grande tumulto no tribunal. A multidão ameaça linchar Hardy. Depois que serenam os animos e Hardy, acovardado pela attitude dos presentes, é retirado da sala do tribunal, o juiz profere a sua sentença innocentando Jeffrey.

E ao som dos applausos da multidão, Jeffrey e Elza se abraçam, confiantes no seu amôr, que triumphou da dura prova, mais forte do que nunca.

Novidades Literarias da Europa

YVONNE SHULTZ

LE SAMPANIER DE LA BAIE D'ALONG

Librairie Plon
8 Rue Garancière
PARIS

Roman in 16. 12 Fcs.

Um telegramma de Londres annuncia que o celebre premio *Northcliffe*, distribuido annualmente ao melhor romance apparecido, vem de ser dado ao escriptor francez Jean Schlumberger, pelo seu livro "Saint-Saturnin", que foi um dos "papaveis" do premio Goncourt de 1931. "Saint Saturnin" é a historia de uma propriedade e um livro de notavel valor na opinião da maioria dos criticos francezes. O seu enredo, de resto, foi o mesmo que na presente estação inspirou dois bellos livros: "Le royaume près de la mer", de Mazeline, e "Sabine", de Lecretelle.

Florence Barclay é a representante maxima da sensibilidade ingleza. Romancista de popularidade mundial, depois da publicação do *Rosario*, romance editado em todas as linguas, é considerada como um dos autores mais lidos do universo. A livraria Plon acaba de editar com immenso exito a traducção do seu novo romance *L'Aureole Brisée*, do Saint-Segond, que obtém um successo invulgar. Trata-se da historia de um joven medico pobre, Dick Cameron, que luta contra a mediocridade do seu destino, preso pelo amor a uma doente que elle trata. E' um romance simples, mas cheio de sentimento e vida, e que constitúe um admiravel exemplo de moral.

A *Nouvelles Litteraires* resolveu indagar dos autores mais em voga como elles escreviam e escrevem. O ultimo numero dessa interessante revista traz a resposta da famosa condessa de Noailles a essa enquête. Diz a autora de "Honneur de Souffrir".

"...*Rien ne me gêne pour travailler. Si peu distraite que je sois, dans mon cercle familier, je le deviens immédiatement quand je veux écrire, en hate, dans un cahier ou sur une feuille de papier, les vers qui me hantaient, sans doute, depuis longtemps. Les conversations qui continuent autour de moi, les questions que l'on me pose et auxquelles je réponds ne sont pas pour moi un obstacle, si fort chante en mon esprit la phrase qui l'occupe. D'où vient l'inspiration? Chaque instant de ma vie, le perpétuel accueil que je fais à toutes choses travaillent évidemment pour moi. Je ne fais que raconter ce que l'univers, à travers moi, parle sans cesse vers mon coeur, aisément envahi.*"

PIERRE BENOIT
De l'Academie Française

L'ILE VERTE

Roman

O melhor e o mais bello romance do immortal autor de «Atlantide».

Editions Albin Mitchel
22 Rue Huyghens
PARIS

15 Fcs.

A administração dos Correios da Italia vem de pôr em circulação uma serie de 18 sellos differentes, contendo cada um, um desenho relativo a "Divina Comedia" de Dante. O fim dessa emissão philatelica é de, com o seu producto, servir á propaganda em favor da sociedade nacional "Dante Alighieri".

Ha muitos annos que um romance humoristico e satyrico não fazia o successo que vem de alcançar *La fin de Paris* ou *La revolte des statues*, de Marcel Sauvage, onde se vê a *debacle* e fim de Paris, a capital do mundo, feito pelas suas estatuas em revolta.

George Raeders é um dos escriptores francezes que mais se têem dedicado á propaganda literaria brasileira na França. Preceptor do filho de d. Pedro, acompanhou o herdeiro presumptivo do throno brasileiro quando da sua visita ao Brasil, e enamorou-se do nosso paiz. Varias traducções tem elle feito de nossos autores e innumeros são os seus artigos referentes á nossa literatura e arte. Agora vem elle de lançar um novo livro, um romance de estudos sobre um Brasil maravilhoso, que obtém grande exito de livraria — *La Derniére des Amazones*.

LUDWIG LEWISOHN

CRIME PASSIONNEL

Traduzido do inglez por Bernard Steele e Artaud. Cerrada critica ao amôr e puritanismo na America do Norte.

Denoel et Steele
19 Rue Amelie
PARIS

16 Fcs.

O rei da Italia vem de nomear os membros que faltavam á Academia Italiana para completar o numero de 60 que compõem as 4 secções daquella agremiação. Um só titular foi designado para a secção de Letras, que se acha, dest'arte, completa. Trata-se de Giulio Bertoni, professor de literatura latina da Universidade de Roma e autor de innumeros livros sobre literatura, romance, critica, poesia e theatro.

Uma placa de marmore acaba de ser collocada na casa numero 26 de Nelson Square, em Southwark, onde viveu, durante muitos annos, o grande poeta Shelley.

Annuncia-se de Roma que Gabriel D'Annunzio passará o proximo verão em Paris e Londres, afim de terminar um novo romance.

BRICIO DE ABREU

Escriptores e livros

Frederico C. Eyer — O DENTISTA NÃO PRECISA SER MEDICO — Edição do Inst. Freuder — 1932

PROFESSOR de clinica odontologica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o sr. Frederico Eyer, desejando firmar doutrina sobre a orientação ao ensino dessa especialidade em nosso meio, ao assumir, em 1930, a presidencia da Assoc. Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas, interpellou os collegas sobre si os dentistas precisam ser medicos, como pensaram os estomatologistas francezes e belgas. A questão, mais tarde, foi agitada no Senado Francez, dando margem a largos debates. Coincidindo a proposição victoriosa do prof. Marfan com as idéas defendidas pelo autor, entendeu o mesmo divulgar em folheto a conferencia que tanto interesse despertára entre os dentistas brasileiros, em 1930.

Trata-se de um trabalho technico de valor e que reflecte o merito profissional do illustre prof. Eyer.

Jorge Murad — ARAK-SAID — Rio 1932 — 48

O sr. Jorge Murad é um eximio imitador de turcos e syrios, o que faz com a maior naturalidade e perfeição. A maioria dos monologos, poesias e anecdotas que diz através do radio, são de sua autoria. A pedido de amigos, reuniu taes trabalhos em um volume. Parece-nos que foi mal aconselhado. A coisa escripta perdeu 50% do valor da graça. O successo da imitação está mais na desenvoltura da interpretação pessoal do imitador, que não existe ou desapparece através da leitura.

Candido Motta Filho — UMA GRANDE FIGURA — Editorial Politica — São Paulo — 1932

HA figuras da nossa historia politica que o tempo não conseguiu destruir. Bernardino de Campos é uma dellas. Varonil. Digna de respeito. Desde creança habituei-me a veneral-a, quando cursava a Escola Modelo Caetano de Campos, no meu S. Paulo. Já então nascia o culto civico ao estadista que revolucionava o ensino, imprimindo-lhe nova feição firmado em base solida, firme, gigantesca para o tempo. Bernardino de Campos vinha de uma geração de Homens, formando, com Prudente de Moraes, Campos Salles e Rodrigues Alves, o *naipe* de ouro da politica nacional. Bernardino de Campos não tinha ainda sido estudado por uma penna brilhante, que viesse mostrar ao publico toda a grandeza da sua alma, a belleza da sua intelligencia, que viesse narrar em linguagem serena a biographia de um dos maiores estadistas do Brasil. Essa lacuna acaba de ser preenchida pelo sr. Candido Motta Filho, herdeiro de um nome digno de respeito. O estudo biographico de Bernardino de Campos, traçado pelo sr. Candido Motta Filho, foge, afasta-se da monotonia habitual das obras de tal genero.

Documentando, illustrando, o autor faz o exame de fóra a existencia politica dos primordios republicanos, com um espirito de analyse livre, independente, scintillante por vezes, quando o assumpto deixa margem para o escriptor divagar. *Uma grande vida* é obra que focaliza o seu autor entre os bellos espiritos da actual geração paulista.

Leão de Vasconcellos — CANTO NOVO DO MEU AMOR — Edições Pongetti — Rio — 1931

QUANDO Leão de Vasconcellos surgiu no jardim da poesia, com o livro *Poemas para Esquecer*, a critica foi-lhe prodiga em elogios. Medeiros e Albuquerque, que tambem é um delicioso poeta, assignalando a estréa de Leão de Vasconcellos escreveu: "Guardem o nome do autor: é Alguem!"

Publicando *Canto novo do meu amor*, o poeta confirma e justifica plenamente o enthusiasmo da acolhida.

Pertencendo a uma familia de bellos talentos, o autor se destaca entre os novos do Ceará, pela sua fina sensibilidade.

Enche-te do tépido silencio do teu isolamento
E nelle recorda o teu amor incomparavel, recorda...
A lembrança é um vinho delicioso e subtil...
Sorve-o todo e te embriaga...

Singular *maneira* de compôr o verso! O mesmo processo, delicioso, de dizer, em *A unica*:

Tu és a que ha de vir, a que esperava,
Ha quanto tempo inquieto e inutilmente...
O teu ser os meus sonhos enflorava
Dentro da vida — mysteriosamente...

És o aroma e o sol, és a semente
Da illusão, e eu desvairado te buscava,
És a que ha de vir — a que esperava —
Ha quanto tempo inutilmente, inutilmente...

Vinhas para ficar... e tu partiste...
(E eras tão linda! Tão linda!)
Ficou-me a tua saudade — sombra triste!
E esta esperança de rever-te ainda...

O *intimismo* é traço caracteristico do poema, que teria de transcrevel-o quasi, si quizesse ressaltar as paginas de maior encanto.

Muito embora dispondo de vocabulario limitado, no seu manejo o artista se revela, impressionando pela plasticidade das idéas.

Da sua delicadeza de expressão, diz bem a poesia intitulada: *Ama-se*.

Ama-se sem saber porque...
Por um olhar distrahido
Que alguem nos deu ao passar...
Por um sorriso... (Fingido?)
(E quem é que nelle não crê?)
Por um gesto commovido...
Pela musica do andar...
Ama-se sem saber porque...

Eu te amei por tudo isto...
Pelo gesto, pelo olhar...
Pelo teu sorriso mixto
— Mixto de sol e de luar...
Eu te amei por tudo isto...

E ainda sem nada disto havia de te amar...

[illegible signature]

A ESTRANHA VOZ

— JULIÃO, escuta-me!

Do corredor, escuro e lóbrego, veiu a voz desconhecida.

— Quem é? — gritei.

Ninguem respondeu. Cahia a chuva sobre o *cottage*, e seu ruido monótono me exasperava. Accendi um cigarro. Augmentei a luz da lampada. Tomei um livro, ao acaso.

— Ora! — pensei. — Estou tão nervoso, que sinto e vejo coisas estranhas...

Estava sentado de costas para a porta e senti, de repente, um calafrio. Pareceu-me que se abria a porta, que alguem entrava, que me olhava a nuca...

— Julião, escuta-me!

Voltei-me. A porta estava aberta, mas não havia ninguem no aposento. O corredor estava escuro. Confesso que fiquei nervoso. Os rapazes sabem que eu não gosto destas pilherias, que me fazem mal...

— Basta de chistes! Que se aproxime quem quer que seja... Entre! Estou enfermo... Eu...

Julião dormia profundamente. Eu estava lendo o seu diario e minha curiosidade era enorme. Conhecia Julião havia muitos annos. Fomos collegas, no internato Grant. Elle fôra um menino nervoso, raro, doente. Sua cama ficava ao lado da minha e muitas noites tive eu de levantar-me para despertál-o: elle gritava, chorava, queixava-se e depois, ao despertar completamente, passa o resto da noite chorando. E chorava com uma pena tão profunda, com uma angustia tão sincera e tão timida, a um tempo, que eu me commovia. Como eu era mais velho, tinha que consolál-o.

— Já não sonhas... Que tens? Por que choras, agora?

Ainda me lembro da cara molhada em lagrimas, do soluço profundo, do rictus da bôcca infantil quando me respondia:

— Não sabia isso... Não sabia!

— Mas... que é que não sabias e agora sabes?

— Tudo...

E continuava chorando.

Tudo isso recordei fielmente muitos annos mais tarde, quando, já homens feitos, nos tornámos a encontrar com Julião. Seus cabellos se haviam obscurecidos. Era alto, delgadissimo, nervoso.

— Lembra-te de tuas choradeiras?

A pergunta o fez livido. Vi que lhe tremia a bôcca e eu senti ter-lhe aborrecido.

— Perdôa-me, Julião!

— Por que? Tu é que deves perdoar-me. Estou um pouco nervoso... Desculpa-me...

E partiu.

Eu estava jantando, no hotel, tranquillamente, quando um empregado, com cara estranha, commovida, se approximeu de mim, apressado.

— Senhor... Chamam-no do Hospital Cairo. Uma desgraça...

Eu sabia que me encontrava só na cidade. Sabia que não tinha ninguem de minha familia perto. No emtanto, levantei-me de um salto e corri ai apparelho.

— Alô! O senhor é amigo de Julião Montano?

— Exactamente. Que houve?

— Elle está internado aqui, em estado bastante grave. E pede que o senhor venha até aqui. Póde vir?

— Si ainda hoje estive com elle!

— Uma coisa imprevista... Um ataque de coração... Sabe si elle tem familia?

— Não, não tem familia. Vou immediatamente ahi...

Quando lá cheguei, o encontrei febril, mas calmo. Tremiam-lhe ligeiramente as palpebras.

— Já reagiu — disse-me um dos medicos.

— Póde ser conduzido para sua casa?

— Amanhã, si o senhor o desejar. Mas é preciso salientar que elle é só e agora não está em condições de ser desatendido. Ao contrario necessita tranquillidade e cuidado... Numa palavra: precisa de uma pessôa a seu lado.

— Estarei eu, doutor. Somos companheiros de infancia.

Quando sahi do hospital, me dirigi para a casa de Julião. Tudo estava em ordem. O *cottage* era sombrio, desagradavel... Fui até a mesa onde trabalhava meu amigo. Abri as gavetas. Na do centro, um pequeno caderno com capa de couro de búfalo me chamou a attenção. Abri-o: faltavam-lhe muitas folhas. Só estava escripta uma pagina. Metti-o no bolso.

No dia seguinte, levámos Julião para sua casa. Elle já estava melhor, mais animado. Sentava-se na cama, mas tinha uma voz tremula, uma voz moribunda, que me confrangia o coração.

INSTANTÂNEO

Pela moldura da janella aberta,
vejo o teu vulto. Estás de verde, debruçada
na varanda... E como és linda
assim!

Suggeres-me ao olhar vadio e tonto
a volupia de uma taça de absyntho,
toda verde, entornada para
mim...

AMÉRICO DE OLIVEIRA

De Silvia Guerrico

quando eu a ouvia. Ao chegar a noite, meu amigo ficou mais inquieto. Subiu-lhe a febre. Fiz-lhe a medicação ordenada, até que, passada a meia noite, elle adormeceu. Baixei a luz da lampada e sentei-me perto do leito. Tirei, então, do bolso, o caderno encontrado na mesa de meu amigo e me puz a lêl-o. Por que teria elle arrancado as primeiras folhas? Que coisa mysteriosa lhe teria occorrido no momento em que, enlouquecido, terminava: "Entra! Estou enfermo... Eu..."?

Senti um movimento no leito de Julião. Meu amigo estava desperto, ligeiramente inclinado para meu lado. Seus olhos tinham um brilho estranho. A bôcca pállida tentava um sorriso triste. Extendeu-me a mão.

— Perdôa-me, Santiago!

— Perdoar-te o que, homem? Amanhã estarás bom e nos divertiremos maravilhosamente.

— Com és bom!

— Não o creias, porque tenho a negra intenção de fazer-te correr com as despesas.

— Já não gastarei nada.

— Vaes, então, dedicar-te á economia?

Eu não podia comprehender por que motivo procurava responder em troça suas palavras. O accento de Julião tinha um não sei que de emoção, de despedida, de ultima coisa...

— Dá-me a mão, Santiago.

Sua mão estava fria e humida. Apertou a minha com força.

— E's o unico amigo que eu tive... O unico. Embora hajas estado longe de mim muitos annos, foste o unico affecto verdadeiro de minha vida.

E accentuava a palavra *unico* insistentemente.

— Acompanhar-me-ás tambem agora, no transe difficil...

Elle estava um pouco fatigado. Eu já começava a ficar nervoso.

— Deliras, Julião.

— Não comprehendes? Vou morrer...

— Bebe isto... Verás o bem que te fará.

— Mas não comprehendes, Santiago. Digo-te que vou morrer...

Com a mão que lhe estava livre, me arrebatou o caderno.

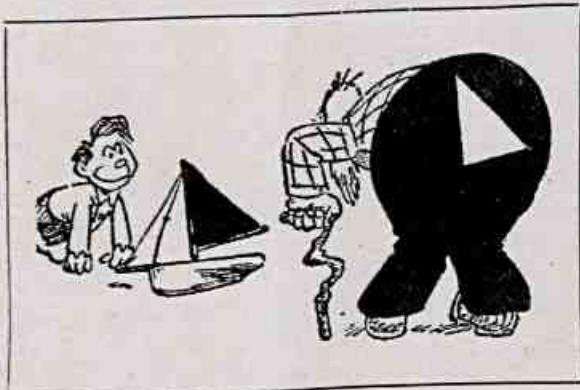
— Atira-o fóra... Não o leias.

— Por que? Já li essa pagina.

— Sinto-o. Perdôa-me, Santiago. Eu não queria que alguem soubesse nada...

— Nem eu?

— Nem tu... Para que? Ias soffrer...

Tive medo. A penumbra do aposento, a voz de Julião, suas mãos frias...

— De onde tiraste esta fazenda tão bonita para a vela?...

— Lembra-te de quando eu chorava no collegio? Verás... Eu contemplava as flôres do jardim, encantado de sua frescura, de sua côr, de sua belleza... E uma voz que só eu escutava, uma voz grave, sussurrava a meu ouvido: "Amanhã estarão apodrecidas... Teus pés as pisarão... Estarão desfeitas na terra... Suas pétalas serão apenas um pouco de barro..." Então, eu olhava as flores bellas, que ainda não haviam perdido sua frescura, e atraz dellas via o barro... Meus sonhos de menino, um a um, foram destruidos pela estranha voz que só eu escutava... Amava o mar, o céo, as nuvens, as estrellas... mas estava a verdade atraz da belleza...

— Choravas por isso?

— Sim, chorava por tudo o que sabia, por tudo o que jamais desejaria saber... "Olha — dizia a voz, um dia, — tu serás, tambem, pó. Teus ossos apodrecerão em um pedaço de terra..." Comprehendes minha tristeza? Assim me fiz homem... Apaixonei-me... E quando tive em meus braços o corpo amado, a voz maldita me falou novamente: "Debaixo dessa carne, pensa o que ha. Tudo é immundo, sujo..." Morreu meu desejo. Subitamente, eu me vi abraçado a um montão de ossos... Do fundo do crâneo pellado, esbranquiçado... dois olhos me olhavam amorosamente... Comprehendes meu fracasso? Até agora... Não escutaste? Disse-me que vou morrer... Por que? Eu quero viver! Quero ignorar tudo!... Ajuda-me, Santiago, ajuda-me!

Levantei-me. Julião havia cahido violentamente sobre os travesseiros.

— Julião! Julião!

Elle não respondeu. Estava morto.

Agora, quando digo que a morte é o unico caminho que Julião percorrerá com os ouvidos cheios de paz, riem de mim.

Si soubessemos!...

Seara alheia

Auto - retrato

Quem sou?... Um dos quatro filhos de um tenente-coronel reformado. Orphão, aos sete annos, criei-me no meio de estranhos. Não recebi educação nem mundana nem scientifica. Não tive grandes bens de fortuna, nem situação social, nem nunca soube o que eram principios.

Transportei-me para o Caucaso para fugir aos meus credores e ahi, aproveitando-me da velha amizade que sempre uniu meu pae ao commandante do regimento consegui que me transferissem para os batalhões do Danubio.

Aos vinte e seis annos era, assim, um aspirante sem dinheiro, sem protectores, sem saber viver, sem capacidades praticas mas, em compensação, dotado de um immenso amôr proprio.

Passemos, agora, á minha pessôa. Sou feio, rude e mal educado no sentido social da palavra. Sou irrascivel, fastidioso, vaidoso, intolerante, timido como uma creança. Ignorante, o pouco que sei aprendi por mim mesmo. Sou inconstante, indeciso e expansivo como todos os fracos. Minha vida é desordenada e minha preguiça é tão grande que o proprio ocio se converteu para mim numa preguiça invencivel. Sou intelligente, apesar de não haver posto ainda á prova a minha intelligencia.

Creio ser honesto, quero dizer, amo o bem, porém, mais que a este, amo a gloria. Sou tão ambicioso e tão pouco tenho satisfeito esta ambição que, supponho, se me fosse dado optar pela gloria ou pela virtude, decidir-me-ia pela primeira. — LEÃO TOLSTOI.

UMA SURPREZA

PERSONAGENS: LAURA, CELINA e OCTAVIO.

LAURA. — Cinco annos, sim, filhinha, cinco... Parece-me que foi hontem!... Como passa o tempo!... O que me causa estranheza é que te hajas recordado.

Celina. — Como ia esquecer-me? Pois si são as "bôdas de algodão"...

Laura. — De algodão?... Não, filhinha, de crystal.

Celina. — De algodão!

Laura. — De crystal!... Então eu não sei?... Olha: um anno, de papel; cinco annos, de crystal; dez annos, de nickel; quinze annos, de estanho; vinte annos, de cobre... Porque vão assim, de cinco em cinco annos...

Celina (*querendo fazer-se de sabia*). — De lustro em lustro... Pois eu estava firmemente convencida de que eram as de algodão...

Laura. — Sejam o que forem. O certo é que estou contentissima... E tuas flôres, uma preciosidade. Não avalias quanto tas agradeço... E's sempre tão bôa, tão delicada...

Celina. — E Octavio?

Laura. — Está em seu escriptorio... Elle não me quiz dizer nada, mas estou certa de que me prepara alguma surpresa... Elle se faz de dissimulado, mas eu o conheço... Sou capaz de apostar como anda por ahi á procura de alguma coisa que me agrade.

Celina (*com um pouco de inveja*). — Filha, que sorte tens! Porque é muito raro que os homens celebrem anniversarios... Eu, a Henrique, tenho até que lembrar o dia em que elle nasceu... Tambem elles têm tanta coisa em que pensar que é natural que se distraiam.

Laura. — Hum!... Eu sempre julguei que essas "distracções" fossem falta de amor.

Celina (*vivamente*). — Henrique gosta de mim...

Laura. — Sim, filhinha, sim... Mas, como vocês estão casados ha quinze annos, esse amor já é outra coisa... O mesmo se passará commigo... Não sei... não sei... Octavio dá muita importancia a isso. Escuta: o anno passado, mamãe, suppondo que elle se esquecera, lhe lembrou, e Octavio se offendeu muitissimo... "Por quem

O QUE SE DEVE SABER

O AZUL DO CÉO

Sir William Bragg, realizou notavel conferencia, na "Royal Institution", sobre a diffusão da luz, thema cuja historia se acha intimamente ligada á daquella famosa instituição scientifica. Na sua fórma primitiva a conferencia versava praticamente explicar a côr azul do céo e do mar.

O professor Tyndall e o hoje fallecido lord Rayleigh figuravam entre os primeiros e os mais notaveis collaboradores para a solução do problema. Rayleigh apoiou sua theoria sobre uma solida base, explicando com precisão a razão porque a côr azul é mais capaz de diffusão que as outras. Igual explicação applicou ás côres do nascer e pôr do sol, indicando que não havia necessidade de verificar-se a presença do vapor d'agua: bastavam as moleculas do ar para explicar a diffusão observada.

Nestes ultimos annos augmentou o interesse sobre o assumpto, graças ás investigações de Sir C. V. Ramau, de Calcutá. Este sabio acabou por demonstrar a existencia de uma outra classe de diffusão até agora não observada. Parte da luz incidente é diffundida com mudança de côr, sendo possivel submetter esta variação de côr a medidas de toda precisão. Muitos investigadores de diversos paizes ampliaram as descobertas de Ramau e abriram novo e suggestivo campo de estudos. A mencionada variação depende da natureza das moleculas e atomos dispersivos. Além disso, as novas explicações recebem mais facil expressão dentro da theoria corpuscular da luz, por meio da qual se dá maior realce ao tão attrahente mysterio da natureza da luz.

---

a senhora me toma? — disse-lhe. — Porque, para mim, o 4 de novembro é uma data inolvidavel!... Eu já havia encommendado o presente para Laurita, mas queria fazer-lhe uma surpresa...'" E ficou tão resentido, que mamãe teve de pedir-lhe desculpas...

Celina (*suspirando*). — Um marido assim é unico!... Tu sempre foste a mulher de bôa estrella...

Laura (*muito satisfeita*). — Talvez o mereça...

Celina. — Tambem o mereceu outras e, no emtanto, o marido não se lembra dellas sinão para insultal-as... Emfim, destinos, filha, destinos...

Laura. — Vamos até a varanda, esperar Octavio?... Elle não deve tardar... Chega sempre ás seis e meia e são seis e trinta e cinco... (*Dirigem-se á varanda e ali ficam conversando longo tempo*). Mas como está demorando Octavio!...

Celina. — Não te impacientes... Bem conheces como está o trafego... Hontem, para ir á casa de tia Pilar, levei uma hora e meia...

Laura. — Eu já imagino o que se terá passado... A' procura do presente que me quer trazer, o pobre deve estar cansando os pés por essas ruas... Tens razão... Um marido assim!... (*Inclina-se*). Ah!... Ahi vem elle... Quasi correndo!... Octavio querido!... Olha, olha... Traz dois embrulhinhos!... Eu não te dizia?... Como poderia esquecer-se elle, que é a delicadeza em pessoa!... Que me trará?... Que será?...

Celina (*morta de inveja*). — Jesus, filha! Já o veremos...

Octavio (*entrando, muito alegre*). — Laurita, perdão, si te fiz esperar...

Laura (*beijando-o*). — Não importa, meu thesouro...

Octavio. — Oh, Celina!... Mas que surpresa!... Não a tinha visto... Você perdoará estas effusões conjugaes. O costume as estabelece...

Laura. — E o amor as conserva...

Octavio. — Quá! Quá!... Pois venho contentissimo... Trago-te uma coisa, ou melhor, duas coisas...

Laura (*tocando em Celina, com o cotovelo*). — Deveras, querido?

Octavio. — Sim... (*Desamarra os pacotes*). — Nunca são demais em uma casa... Toma Laurita... Recommendaram-me que trouxesse... Um pó especial para matar baratas e uma pasta sueca para limpar talheres.

FANFRELUCHE

BRUTALIDADE...

ELLA nascêra em noite de gelo e horror, em região deserta da Russia. E, desde pequenina, abysmada na contemplação de seres mysteriosos, que desfilavam dia e noite pela sua porta, ella, sem comprehender a razão d'aquillo tudo, tinha, de vez em vez, um clarão de alegria a illuminar seu semblante pállido, um fremito de incontido anseio a percorrer o corpinho magro, quando um ou outro d'aquelles seres mysteriosos deixava cahir u'a moeda tinindo nos degraus da escada. Ella, a olhar aquelle que entrára ou sahira, apanhava de mansinho a moeda que ficava a luzir nas suas mãosinhas trementes. E sonhava... Recordava a vitrine grande da cidade monstro, onde um dia estivera com seu pae — um olhar firme e severo para todos, um sorriso bom e doce para sua pequenina Rosie — e via a boneca loura, toda enfeitada, a rir, a rir perdidamente como uma figura de carnaval... E pensava nas montras deante das quaes tantas vezes se detivéra contemplando cobiçosa, bombons e guloseimas... E Rosie continuava no seu sonho de creança ingenua e confiante.

No emtanto, quão tetrico o meio em que vivia. De ha muito, pelas portas escancaradas de par em par, penetrára no lar, que fôra ditoso, a megera intrusa, atrevida, trazendo no seu bojo a perdição. Aquella casa se transformára... Uma atmosphera de nuvens carregadas... Rosie, pobre Rosie.

Um dia, sem ar e sem luz, como outro qualquer, o homem velho que lhe trouxéra um vestido berrante ficára a contemplál-a, demoradamente. Ella notára um sentimento novo, mixto de revolta e de pejo. O que desejariam uns olhos assim duros, perversos? E o homem conversára por longo tempo com sua mãe alcoolica. E Rosie casára-se.

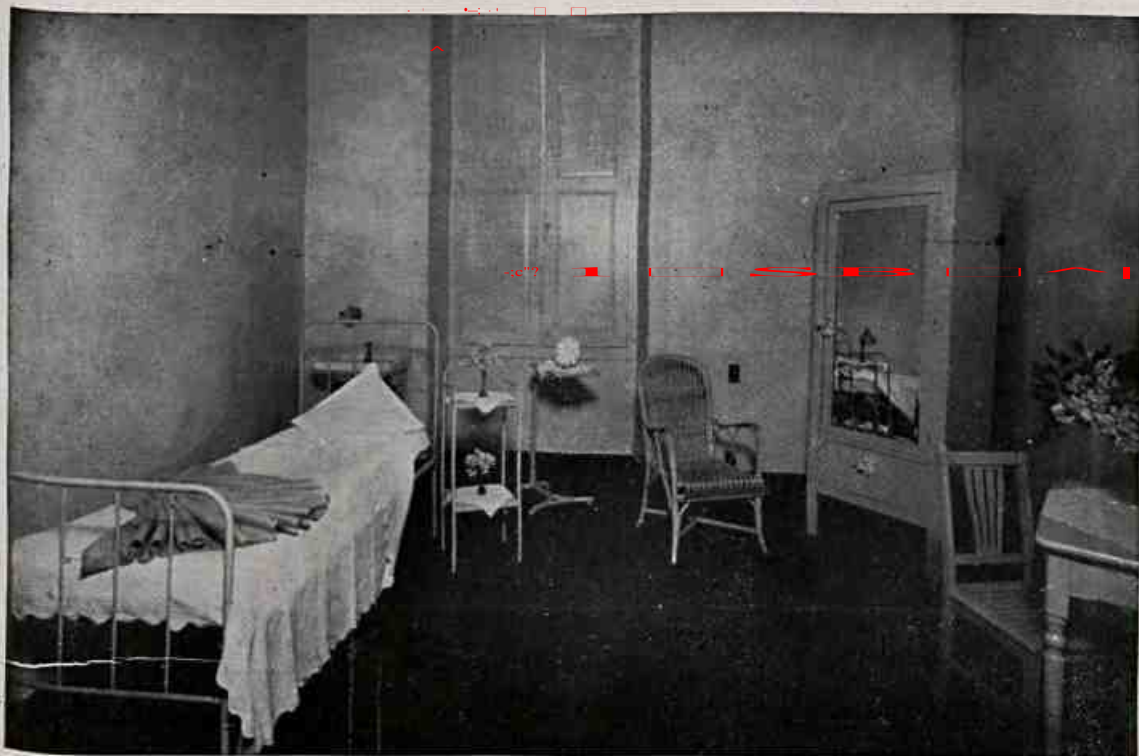
Nem mesmo soubéra comprehender o que se passára. Tão pequenina, tão timida, fragil bibelot perdido em recanto duvidoso, sem um amigo, sem um amparo, sem u'a mão protectora, ella não ousara reconhecer a brutalidade da vida, fazen-

De A. Beltran Sousa

do-a presa facil d'aquelle typo quasi disforme, nojento. E partira. Fôra por ahi além, arrastada, quasi sem sentir, sem vontade, atirada aos azares da vida, que é sempre fertil em tocaias, ardilosa e destestada.

E uma noite, morna e clara, a cidade-mulher, a cidade com que não sonhára, Rio de Janeiro!

Rosie crescêra. Era já a mulher de contornos suaves, fina, quasi perfeita. E no contacto rude de toda as horas aprendêra a sorrir amargamente. Não se abysmava na contemplação dos semblantes mysteriosos que cruzavam pela sua via... Não demorava mais seu olhar pelas confeitarias, repletas de guloseimas, de bonbons de preços fabulosos; já se perdia na admiração de joias, vestidos, exhibindo-se tambem, em attitudes provocantes. Vestidos, collares, transparencia... Rosie sentia a tentação do luxo. E a revolta surda explodiu, emfim. Então, estava condemnada a viver eternamente ao lado do ente asqueroso a quem o destino sempre ironico a entregara, de pés e mãos atados, como presa vulgar? A felicidade que outros conheciam não deveria existir tambem para ella? Si outros sorriam, viviam horas e horas de prazer, porque ella se arrastaria, jungida ao typo que a comprára por moedas miseraveis atiradas á mulher que as transformára em liquido causticante? Por que? E se fôra. Buscava o aconchego de outro antro, sequiosa de uma alegria menos duvidosa, ansiando por uma felicidade que lhe fugia. No emtanto, pobre andorinha a tatalar as azas de beiral em beiral, em busca de pouso seguro. A vida amarga, licôr a distillar gotta a gotta, tem suas victimas predilectas. E Rosie continúa por ahi além a sua peregrinação, lutando n'um desespero infindo, supplicando um pouco de felicidade... de felicidade...

O destino é sempre ironico e se compraz em fazer soffrer. Homens e mulheres... unidos ás vezes... separados quasi sempre...

A CAÇADA DE JACARÉS

A proposta partiu da um official do navio de guerra "Pelicano", ancorado perto do nosso, no golpho de Panamá, e eu a acceitei com enthusiasmo. Tratava-se de organizar uma caçada de jacarés em vasta escala; uma fórma de sport perigosa, que me recordava minhas antigas caçadas de elephantes. Depois de assentados os detalhes da caçada, se juntaram a nós o consul inglez e alguns officiaes de meu navio, além do nosso machinista e da nave de guerra.

Preparámos uma embarcação, um *cutter* de corridas, e o navio de guerra offereceu uma lancha.

Marcámos a nossa partida para uma hora da manhã, pois deviamos navegar mais de vinte milhas antes de penetrar no rio, e pelo menos outras vinte milhas para chegar ao tão conhecido banco lodoso onde, segundo os pilotos locaes, formigavam os jacarés.

Quando partimos, éramos vinte e dois, sem contar os dois pilotos e doze remadores. Cada um ia armado de carabina remington ou winchester, além dos respectivos revolveres.

A' uma e meia partimos, com bom vento e tempo favoravel. Appareceu a lua e innundou de claridades a agua em torno de nós. O ar era cálido, mas não com excesso.

Chegámos sem incidentes ao rio quando despontava a aurora. Baixámos as vélas, e começaram a trabalhar os remadores. O rio se estreitava gradualmente, as margens estavam cobertas de luxuriante e tropical vegetação, onde cantavam milhares de pássaros. Começámos a vêr alguns jacarés aqui e alli, tomando sol. Mas, ao notar-nos, mergulhavam nas aguas, com tremendo ruido, e appareciam mais longe, como troncos fluctuantes.

Os jacarés cada vez se tornavam mais numerosos. Alguns tinham mais de seis metros de comprimento. A largura do rio não attingia a trinta metros, e por elle chegámos a uma especie de tanque ao qual affluiam numerosos riachos e arroios em todas as direcções. Embocámos, um dos riachos, e bruscamente appareceu uma vasta extensão de lodo coberta por uma viva massa de jacarés que devia passar de uma centena. Nenhum de nós vira jamais um espectaculo tão assombroso.

Era como um movimento continuo de escamosos saurios, grandes e pequenos. Produzia a impressão de que seria possivel caminhar sobre os repis sem necessidade de pôr os pés na terra.

O extraordinario do espectaculo produziu um estremecimento de horror e de emoção em todos os nossos corações.

Procurámos dirigir as embarcações para a enorme massa de jacarés. Mas, sendo baixa a agua, corriamos o perigo de encalhar.

Começára a batalha. Levantámo-nos gritando, e entrámos a disparar com a maxima rapidez.

Fiz meu primeiro disparo. Mas parecia que esquecêra os conselhos recebidos sobre a maneira de atirar nesses animaes. O projectil tocou o saurio no dorso, mas resvalou e se desviou immediatamente, deixando um signal branco na pelle escamosa. Em seguida, uma nutrida descarga partiu do outro barco, e o resultado se póde expressar dizendo que é melhor imaginado que descripto."

Convém pensar que até aquelle momento não nos haviamos apercebido do cuanto era horrivel nossa situação. Encontrava-nos entre o grande banco dos jacarés e o rio principal. De modo que si aquelles quizessem salvar-se de nós pela agua, deviam atropelar-nos infallivelmente. Era, em verdade, uma situação espantosa, porque, mal descarregámos nossas armas sobre os reptis, o bando inteiro avançou para nós de maneira irresistivel. As duas embarcações, ao retroceder,

— João: si a barca se afundasse, a quem salvarias primeiro: a Joãozinho ou a mim?

De Frederico Singer

entraram na parte lodosa do rio. Além disso, o que complicava ainda mais a situação, os jacarés pareciam multiplicar-se entre seus mortos.

Era, realmente, um espectaculo sinistro e extraordinario. Centenas e centenas daquelles espantosos animaes avançavam do lôdo, com os pescoços levantados e as bôccas semi-abertas. A' nossa direita, dez ou doze jacarés se retorciam na agonia da morte. Emquanto os monstros se aproximavam, os viamos caminhando literalmente um em cima do outro, em sua pressa de pôr-se a salvo. Alguns se acercaram tanto de nós, que tivemos que alvejál-os, com nossos revolveres, nos olhos e nas fauces abertas. A scena era terrorifica. Meus companheiros e eu mediamos perfeitamente o horror da situação, e esperavamos que nossas embarcações seriam viradas de um momento para outro.

Alguns dos animaes se haviam submergido no lôdo, sob nossos barcos. De repente, nos vimos rodeados pelos terriveis reptis. Um homem cahiu á agua, com um tremendo ruido, que assustou os jacarés. Estes rapidamente procuraram devorál-o, mas nosso cerrado fogo os afastou por um momento. Só pelo peso dos barcos e dos tripulantes sobre o lôdo pudemos salvar-nos. E assim os barcos não foram virados.

Os jacarés, em seu desejo de fugir, puzeram-se, com seus pescoços, a procurar que a agua se filtrasse pelas capas espêssas de lôdo, operação asquerosa, que fazia cahir sobre nós chuvas de lôdo verdoso e negro, com seu máo cheiro insupportavel.

Um homem que se achava a meu lado disparou seu revolver para dar o tiro de misericordia em um monstro de cinco metros, quando outro dos jacarés, moribundo quasi, lhe destroçou o braço.

Lentamente, mas sem pausas, a espantosa torrente de jacarés ia deslisando. Depois, os monstros se apressaram de tal fórma, que alguns pequenos reptis, lançados ao ar pelos velhos

Gerente — Já lhe disse o caixa o que tem a fazer aqui?
— Sim, senhor: despertál-o quando chegasse o patrão...

em sua fuga, cahiam em nossos barcos, devendo nós deitál-os á agua ou matál-os de um tiro nos olhos. Quanto a mim, eu me ia tranquillizando, quando um monstruoso jacaré agarrou, com a bôcca, a beira da embarcação e a pôz em imminente perigo. Ao mesmo tempo, outro gigante sahiu do lôdo pelo outro lado do barco e deu-lhe um empurrão espantoso.

Perdi o equilibrio e cahi no lôdo, com o terror de que o jacaré me agarrasse por uma perna.

Felizmente, fui salvo, mas em lamentaveis condições.

A agua escasseava já no riacho, mas, graças a Deus, a maior parte dos reptis fugira para o rio principal. Quando um dos menores nos passava perto, conseguimos capturál-o lançando-lhe uma corda ao pescoço. Era de um metro e meio e muito maligno, e só fazia abrir a bôcca quando nos aproximavamos delle, movendo os olhos de uma ferocissima maneira. Ao subir a agua, procurámos tirar-lhe, com uma bôa lavagem, o espêsso lôdo que o cobria, e nos preparámos para a viagem de regresso.

Esta não foi agradavel. Nuvens de mosquitos nos cercaram, picando-nos as mãos e a cara, que atravessavam com suas trombas, selvagemente.

Inutil é dizer que todos nós ficámos mais do que fartos da caçada de jacarés.

Não obstante a limpesa a que nos submettemos, nossos trajes desprendiam terrivel máo cheiro. E, ainda por cima, tinhamos os olhos inchados e o nariz duas vezes maior, por causa do ataque dos mosquitos.

Quando chegámos a bordo dos navios, fazia trinta e cinco horas que os haviamos deixado.

AH! AS MULHERES...

LUXUOSO reservado de um restaurante de primeira classe. Mesa coberta com alvissima toalha. A luz da lampada electrica esbate-se nas paredes, suavemente, illuminando, á esquerda, a reproducção, em miniatura, de "La maja desnuda", de Goya. Até o reservado chega, abafado, o ruido de gargalhadas e de talheres a bater na louça.

Personagens: ella, 22 annos loiros e desenvoltos, olhos pretos, de brilho intenso, faces carminadas, labios rubros, enverga uma azulada "toilette" de baile; elle, 40 annos ainda plethoricos de mocidade, cabellos levemente grisalhos, o peitilho branco e luzidio da camisa a destacar-se da negridão do "smoking"; o "garçon", figura discreta.

Elle (*solicito*). — Queres fumar?

Ella. — Sim.

Elle. — Um "Camel"?

Ella. — Não. Prefiro um "Abdullah". E' mais elegante. E faz sonhar, pensar no impossivel...

Elle. — Romantica!

Ella. — Estás enganado! Vivo na época. E portanto, sigo o convencionalismo, que elegeu esse detestavel cigarro como sendo o unico que merece ser apresentado na bôa sociedade.

(*Elle puxa da carteira de prata com incrustações de ouro. Tira um cigarro, que põe na bocca da companheira. Accende-o. Elle tambem fuma. Permanecem em silencio, vendo a fumaça, em voluptuosas volutas, ascender ao tecto, confundindo-se no espaço em convulsões diabolicas...*)

Elle (*sahindo da momentanea abstracção*). — Bebes?

Ella (*um quasi-nada assustada*). — Que dizes?

Elle (*agastado*). — Não prestas attenção ás minhas palavras. Estás distrahida. Que se passa?

Ella (*com enfado*). — Não sei o que tenho. E' um mal indefinivel. Não te molestes por minha causa. Passará. Que querias?

Elle. — Perguntava si desejas beber.

Ella. — Beber? Oh! Sim, quero beber.

Elle. — Champagne?

Ella. — Tenho horror pela champagne. Prefiro whisky. Si a champagne é mais capitosa, o whisky serve para aclarar as idéas. O seu amargor delicia-me. A sua embriaguez dá-me sensações estranhas, superiores á causada pela morphina e pela cocaina. Os vapores do whisky fazem-me subir a regiões desconhecidas, allucinadoras, onde se vive uma vida melhor. Depois, passado o effeito que causa, o whisky deixa-nos leves, ethereos, mantendo-nos bem longe deste planeta...

A Sergio Silva

Elle. — Estou te estranhando. Acho-te esquisita...

Ella (*num gesto vago*). — O'ra...

(*Decresce o som das gargalhadas que vem de fóra. Elle toca a campainha, que retine ao longe. Pouco depois, no humbral da porta surge a figura alta e imponente do "garçon".*)

Garçon. — Chamaram-me?

Elle. — Sim. Queremos whisky.

Ella. — Sem syphão, está ouvindo?

Garçon. — Pois não.

(*Sae o "garçon". Ella, cerrando os olhos languidamente, continúa a puxar a fumaça do cigarro. Elle, consternado, observa-a*).

Elle. — Edith, por mais que o queira, não posso comprehender-te.

Ella (*sarcastica*). — Vocês, os homens, alguma vez foram capazes de comprehender a nós, as mulheres?

Elle. — Nada de brincadeiras. Falemos sério. Desejo, de uma vez por todas, esclarecer e saber o que te apoquenta. Que soffres, eu sei. Fazes-me pensar, ás vezes, que não és feliz...

Ella (*atalhando-o e falando num tom mordaz*). — Feliz?! Sou até demasiadamente feliz!...

Elle (*impaciente*). — Duvido.

Ella. — Por que?

Elle. — Sei que não és sincera ao affirmar que és feliz. A verdadeira felicidade não deixa tempo para ficarmos tristes. A felicidade absorve-nos de tal modo — alma, corpo e tudo o mais — que a ella nos identificamos completamente, vindo a reflectir-se nos olhos, exteriorizando-se no rosto e até nos nossos movimentos fica impressa.

Ella (*com ironia*). — Nos movimentos?

Elle. — Isso mesmo: nos movimentos. Si observares uma pessôa feliz verás, facilmente, que os seus gestos são rapidos, ageis, continuos, sem cadencia. Ao contrario, na que não é feliz, os gestos são dolentes, monotonos, quasi enfadonhos, demonstrando á evidencia o não desejo de viver.

Ella. — Prosiga. Estou gostando de tua prelecção psychologica.

(*O homem vae retomar a palavra, mas o "posso entrar?" do "garçon" interrompe-o. Depois de pousar os copos e a garrafa de whisky sobre a mesa, o "garçon" retira-se. Os dois levam os copos aos labios.*)

Ella (*após um momento*): — Delicioso...

Elle. — O whisky deveria ter sido a bebida dos deuses.

Ella (*num sorriso a brincar-lhe nos labios vermelhos e carnudos*): — A felicidade! Todos nós procuramos a felicidade. Conheço, nos livros, algumas centenas de definições acerca da felicidade. Os poetas dizem-n'a em nós mesmos; outros affirmam que ella se en-

CAIXA DE

PORQUE SE CHAMA TABACO A' PLANTA DE NICOT? — E' este um problema muito difficil. Os mexicanos chamam á nicotina *tabacum*; os quavbielt; os russos, *tiutiom*; os circassianos, zehichir; os caraibas, youli.

Segundo uma das versões chamou-se *tabaco* á nicotina por ser a planta originaria da ilha de Tabago.

Outros affirmam que o nome de tabaco se deriva de *tabago*, que é uma especie de cachimbo usado pelos indios.

Quando Christovam Colombo descobriu o Novo Mundo ve-

De Stopinsky

contra ao nosso alcance, sem que possamos apanhál-a; e eu, quando a quero perto de mim, junto a mim, no meu sangue, sei onde deva buscál-a: num copo de whisky!

Elle. — Felicidade... Bem sei que não és feliz. Os teus olhos, fieis espelhos negros que são, traem a todo instante o verdadeiro estado de tua alma. Tudo, em ti, denota pesar. Ninguem, melhor do que eu, sabe disso. E o teu soffrimento tambem me faz soffrer. A' noite, ao deitarmos, espreito-te. E comprehendo, que, para não me affligires, te finges adormecida...

Ella. — Não é verdade, Paulo!

Elle. — Deixa-me falar. Chegou o momento de entrarmos em explicações definitivas e cabaes.

(*Elle torna a encher os copos e sorve o whisky voluptuosamente, sendo acompanhado pela mulher.*)

Elle (proseguindo). — A tua vigilia vae até a madrugada, quando o livôr da madrugada entra pelo nosso quarto, onde ainda resôam os beijos ardente que trocámos. Durante essas longas horas, soluças baixinho, choras silenciosamente, de teus labios sáem, em surdina, lamentações doridas e algumas vezes teus olhos chegam a deitar lagrimas!...

Ella (ansiosa, pondo-lhe uma das mãos na bocca). — Eu te peço; não continúes!

Elle (esquivando-se). — Embóra a contragosto, sou obrigado a fazêl-o. Sopitar o que ha tanto tempo desejo externar, tornar-me-ia a vida um tormento. Ha dois annos vivemos juntos. Rodeio-te de conforto e carinho. O teu menor pedido é uma ordem para mim. Tens tudo o que desejas. Uma rainha não seria assim tratada. Nada te falta. Mesmo o meu amôr cresce dia a dia, hora a hora, á medida que mais convivemos sob o tecto que compartilhamos. Nossa união, na verdade, não é legal.

Ella. — Que importa?

Elle. — Sim, nada importa. A paixão que nutro por ti supre a certidão do casamento e a benção do padre. Antes, com o teu marido, eras feliz? Sempre disseste que não. E si assim é, por que andas triste agora? Responde, amôr.

Ella. — Dá-me whisky.

Elle. — Estás bebendo muito.

Ella. — Que tem isso, si me sinto bem?

(*O homem dá-lhe mais bebida. A' medida que bebe, nas pupillas da mulher divisa-se um fulgor estranho.*)

Ella (com exaltação). — Queres explicações amplas? Dar-te-ei todas. Sei que minha conducta, nestes ultimos tempos, vem te ralando. E ha razão para a tua afflicção (*Leva o copo aos labios, novamente.*) Como já te confesei diversas vezes, casei-me por amôr. Tal qual acontece a todas as jovens, a todas as noivas que acabam de deixar um collegio, antes dos esponsaes julgava o meu futuro marido de modo differente do que realmente elle era. Sabendo dissimular, não se mostrou o que seria quinze dias após as nupcias. Ciumento, caracter irascivel, propenso a explosões, em qualquer homem que me fitasse via um amante meu. Votou-me, então, a uma completa reclusão, que acceitei estoicamente. Conformei-me com os máus tratos. Fazia o que podia afim de não lhe despertar infundados temores. Sahia de casa, de longe em longe, mas sempre acompanhado por elle. E nessas occasiões meu martyrio attingia o auge. A' volta, interpellava-me brusca e brutalmente, affirmando que eu dirigira luxuriosos olhares a este e áquelle. Como eu silenciasse, de seus olhos desprendiam-se chispas de odio... e batia-me! Sim, batia-me! Nevropatha, não supportava o meu mutismo e chegava a injuriar-me, apontando-me de infiel. E empregava termos de baixo calão, que me fazia o rubor subir ás faces. Resignada, tratava de acalmál-o, querendo fazer-lhe vêr o quão injusto era nos seus furores. Nada adeantava. Sua agitação crescia, sua ira attingia o paroxysmo... Assim se passaram os mezes e os annos, constantemente vigiada pelos criados, cuja espionagem meu esposo comprava a troco de largas sommas de dinheiro. Foi nesse periodo, um dos mais agudos de minha vida, que eu te vim a conhecer.

Com tuas palavras persuasivas, bondosas, quentes, ás quaes meus ouvidos não mais se adaptavam, conseguiste fazer-me tua amante, não sem primeiro fugir ao jugo de meu marido. Do inferno, abruptamente passei ao paraiso; tiraste-me dos espinhos e levaste-me num caminho alcatifado de rosas. E dahi o ser gratissima para comtigo.

Ao bem que me causaste, procurei retribuir com amôr... Mas...

Elle. — Ha um mas? Então, não estás contente ao meu lado?

Ella. — Sim, ha um mas, porque me falta, a despeito de tua solicitude e do teu carinho, alguma coisa.

Elle (ansioso). — Que é que te falta?

Ella (num suspiro longo, doloroso). — O meu marido!...

(*Calam-se. Ella continúa a beber, procurando afogar suas mágoas no whisky dourado. Elle, consternado, cerra as palpebras. E, de longe, chega o éco de um relogio a bater as duas da madrugada...*)

SURPREZAS

rificou que os indigenas fumavam em enormes cachimbos as folhas de uma planta. Chamavam *tabago* a isso, mas não se póde comprovar se se referiam á planta ou ao cachimbo.

*

A PALAVRA PONTIFICE — Do latim "pontifex", palavra que vem de "pontis" e "facere" — fazer pontes. Isso porque os pontifices construiram a "Ponte Sullicia" do Tibre, afim de atravessarem commodamente este rio e irem assistir aos sacrificios nos templos situados em uma e outra margem.

A MELHOR SCIENCIA

De Ahtima R. de Nunez Rojas

SEU nome é Maria, mas, desde pequenina, a chamavam, carinhosamente, de Maricota.. Não é bonita. Entretanto, o parece, porque é sadia, alegre e delicada.

Antes do casamento, elle lhe fez suas ponderações: ganhava pouco e não poderiam ter todas as commodidades que desejaria proporcionar-lhe e que, talvez, ella sonhasse.

— Não importa: viver a teu lado é meu sonho!

Já casados, fazendo contas até com os dedos, convenceram-se de que os quarenta mil reis para pagar uma empregada não appareciam de modo algum.

— Melhor, Jorginho. Uma criada é uma testemunha, que ainda come e dispendiça...

— Sim, mas...

— Tolinho! Não ha mas, nem meio mas!...

E, abraçando-o, sussurrou-lhe:

— Verás como te servirá bem tua Maricota!

E, depois do *mare-magnum* dos primeiros dias, ella pela manhã, deixa o *pequeno ninho* com a maior precaução para não despertál-o (e elle, *matreiro*, como se conserva de olhos fechados para simular que dorme!...) põe um avental de quadrinhos, arranja a roupa de cama para que elle fique commodo, nas pontas dos pés, vae para o pateo.

Quanto pódem as mãos da mulher que maneja o amôr! Num abrir e fechar de olhos está tudo varrido, a mesinha de pinho coberta com uma primorosa toalha, que ella bordou sonhando. No centro, um floreiro remendado com gesso, mas tão cheio de flôres, que o remendo não se vê, nem se vê a vergonha do pobrezinho, quando Maricota colloca perto delle o riquissimo apparelho de chá (presente de casamento) e as lindas chicaras de porcelana. Uns pedacinhos de pão cortados em rodelas e dois pratos.

Observa attentamente. Nada falta no lindo caramanchão coberto de madresilvas. Entra na cozinha, e dentro de poucos minutos sáe desconhecida: trocou o avental por um bonito kimono côr de turqueza, que lhe senta admiravelmente; os sapatos por uns chinellinhos de cinco mil reis, que nada ficam a dever aos de vinte; passa o polidor pelas unhas, e, mirando-se no vidro da porta, retoca as ondas de sua bem cuidada cabelleira, e corre ao dormitorio.

O *maridinho* está dormindo. Uma pancadinha suavissima no braço, e, com assucar na voz:

— Sua Excellencia... são horas de levantar!...

Elle abraça-a cheio de carinho, fazendo-a sentar-se a beira da cama. E entre beijos e mimos vôam os minutos. De repente, ella exclama:

— Batem a campainha.

E corre para a porta.

Quando volta, Jorge está vestindo-se *desesperadamente*.

— Que é isso?

— Querida! Faltam vinte minutos para as oito!

E elle, que é tão elegante e vaidoso, embora bastante feio, graças a Deus, sae vestindo o paletó, não sem que, antes, Maricota lhe tenha collocado um jasmim á lapella, e elle lhe haja enchido a bocca de beijos.

Emquanto isso, todos os preparativos morrem de riso, e a pobre moça não comprehende como hoje despertou Jorge meia hora mais tarde.

— Não. Foram as melosidades. Amanhã o despertarei da porta... Somos muito felizes!

E bebe o chá sozinha, pensando em preparar para Jorge algum rico prato, que o recompense da falta do café matinal.

Elle chegou ao escriptorio contente, apesar de tudo. Como é bôa sua mulherzinha! E pensa levar-lhe chocolate, já que não póde comprar bombons, para consolál-a, por ter tomado o chá sozinha.

— Amanhã não acontecerá isso! Levantar-me-ei cêdo.

E assim, em dois annos, vae occorrendo a mesma coisa: quasi diariamente elle sae correndo e ainda vestindo o paletó, e os chocolates não chegam.

Mas nenhuma felicidade é duradoira. Chega um ex-companheiro ao escriptorio e diz-lhe que esteve em sua casa e a criada lhe communicou ser difficil encontrál-o alli.

Elle tossiu, pigarreou e respondeu-lhe qualquer coisa. Mas, ao ficar só, pensou:

— A criada? Que criada?

E ao chegar em casa, como riu Maricota quando elle lhe contou a revelação do amigo!

No emtanto, outro dia, em que tambem sahiu correndo, esqueceu a chave da secretária e mandou um rapaz buscál-a em casa.

Volta este, e Jorge, que estava impaciente pela demora, lhe diz:

— Nem que houvesses ido á lua!

— A culpa não é minha. Attendeu primeiro a criada, e só vinte minutos depois sua senhora trouxe a chave.

Elle. — Vi-a esta manhã banhando-se com um hypopótamo de borracha.
Ella. — Perdão, cavalheiro. Não era hypopótamo: era minha mãe...

O pobre Jorge apenas poude responder uma palavra qualquer, e um frio de desencanto circulou-lhe as veias. Não poude disfarçar! Então era verdade! Maricota, sua Maricota, a quem adorava, tinha, nas horas de ausencia, sua, uma criada! E de onde tirava o dinheiro para pagál-a? Era capaz de enganal-o assim?

— Parece mentira! — exclamou, com amargura. Sem mais reflexão, vae ao chefe e pede dez minutos de licença. Põe o chapéo e, com o coração apertado, se dirige para casa.

Bate nervosamente. A porta se abre.

— Oh!...

E Maricota tira, precipitadamente, o gorro.

Elle fica immovel e, mau grado seu, um sorriso de contentamento lhe illumina o rosto.

— Maricota!

E abraça-a, estreitamente. Depois, exclama:

— Nunca te vi tão linda! Mas, por que fazes isto?

— Parece-me que trabalho mais a gosto e, ao terminar e vestir-me de *senhora*, para esperar-te, me sinto mais feliz, Jorge...

Emquanto regressa ao escriptorio, vae pensando em como é bôa aquella mulherzinha que vive unicamente para elle.

E como não vae ser um bom empregado, como não vae chegar sempre sorrindo ao escriptorio, si, desde que abre os olhos, bebe com elles carinho e alegria? E não por que os dois não tenham defeitos. Ambos têm genio. No emtanto, dois segundos, e ella, sempre ella, se aproxima, devagarinho, e lhe arranca um cabello, que lhe obriga a soprar, ou lhe toma os labios, com os dedos, pedindo-lhe que diga "Maricota"... E ambos riem a bom rir, porque nos dois o amor é a perfeição.

Onde quer que esse homem chegue tão asseado e risonho, vae dizendo, com seu aspecto, que tem uma bôa esposa.

Quando chegam ao escriptorio esses companheiros com cara de poucos amigos e protestando por qualquer bobagem, elle os lamenta, porque sabe que lhes falta a paz da alma.

Quando Maricota ouve outras mulheres dizendo que são infelizes, pensa:

— Não sabem querer! Não ha lar desgraçado si nelle existe amor! O homem é bom si é bem-amado!

Quando Jorge se refere a ella, diz, apenas:

— E' uma sabia.

E' verdade! Ella sabe o que ignoram mil mulheres, e que é a melhor sciencia: sabe amar a seu marido!

— E por que te queres divorciar?
— Por incompatibilidade de genios.
— Mas, por que não entras em accordo com tua mulher?
— E' impossivel um accordo: eu quero o divorcio, e ella não o quer!

A SEGUNDA ESPOSA

QUASI todos os passageiros haviam abandonado o tombadilho. As ameaças do horizonte carregado, as hordas de ondas agitadas assaltavam o grande transatlantico que, vindo de Nova-York, ia entrar no canal da Mancha. Quebravam-se as grandes columnas de agua nos costados do navio, deixando espessos copos de espuma. Assobiavam as rajadas bretãs, mais fortes á medida que o cahir da noite absorvia os rubores crepusculares e que os pharóes, de quando em quando, começaram a pestanejar.

Uma pequena silhueta feminina, envolta em um abrigo de pelles raras, permanecia no tombadilho, obstinadamente, immovel, com os olhos fixos nas aguas encrespadas.

— E' mrs. Rice, a mulher do "rei do petroleo"... E' franceza, como nós... Veiu em viagem de recreio á Europa... Uma viagem de recreio para uma pessôa tão rica, como deve ser deliciosa!... Ah, si tivessemos nós a centesima parte do que ella possúe!... — disse a fina senhora Morel a seu esposo, que se bamboleava como ella, emquanto se dirigia para a escada que conduzia a seu camarote.

— Seriamos, acaso, mais felizes?... Vem, desçamos, afim de prepararmos as valises... Dentro de algumas horas estaremos em Cherburgo... Olha: aquelle relampago que volteia lá longe é o Creach, o grande pharol da ilha de Ouessant... Já nos encontramos em aguas francezas... Diabo! O tempo é que está estragando tudo... Vem, querida!...

O casal Morel desceu, e a silhueta escura da senhora Rice ficou só na sombra, sob o vento cada vez mais furioso...

Aquella viagem de *recreio* era devida á brutalidade, á imbecilidade, ás bebedeiras de seu marido. Embarcára de accôrdo com elle, deixando com o pôker e as *chorus-girls* esse James Rice, gigante, vermelho, gordo e cynico... Americana da California, sem fortuna, ella, para casar com o "rei do petroleo", havia desfeito seu noivado com um joven engenheiro francez, Mauricio Hucques, representante de uma importante firma de Lyon na America do Norte.

Como se arrependia desse momento de irreflexão!... Havia sido brinquedo de uma temporada. Um brinquedo pago muito caro... A desolação da noite e das ondas não era mais terrivel do que a sua...

— Isabel!... Isabel!... A voz de Mauricio!... Ao voltar-se, não suppoz que viria mais que os brancos cortinados do salão... Mas não: elle estava, realmente, alli!... Elle, Mauricio! Delgado, envolto em um abrigo cinzento, com um feltro de viagem cahindo sobre sua fronte de quasi adolescente. Em seu rosto resplandecia sempre a mesma febre de enthusiasmo...

— Isabel... Faz dois annos que você se casou... dois annos... e eu nem siquer tentei esquecêl-a... Sabia que seria impossivel... — disse elle, com voz dolorosa, que, por causa do vento, teve que forçar. — Sempre me occultei á sua passagem, quando você ia para o theatro, ou ás compras... Contemplava-a durante alguns segundos. Isso era, a um tempo, amargo e doce para mim. Nunca você o soube. E, na ultima semana, quando os jornaes annunciaram sua partida para a Europa, a paixão foi mais forte do que eu... E parti tambem, para não ficar longe de você... E com passagem de segunda, para que você não me visse... Como esta noite o tombadilho da primeira estivesse deserto, eu...

Ella o interrompeu com um gesto e quiz responder. Mas estava muito emocionada para poder falar. Moveu os labios, que permaneceram mudos, e nos quaes havia um brilho de lagrimas...

— Você não deve seguir-me, Mauricio! — falou ella, por fim. — Eu tambem não esqueci... E' de sua recordação que me afasto... de meus remorsos... Em minha inquietação, fui impellida tenazmente para esse casamento monstruoso... Suppunham agir em meu favor... Eu era pobre... Elle comprou-me para exhibir-me... Eu era, para elle, como uma propaganda original, um pouco mais cara que a corrente... Ah! Sei agora muito bem o que significa esta riqueza!... Fui culpada a meus olhos, mas já estou duramente castigada... Deixe-me com minha soledade e com o meu immenso pesar...

O ruido das ondas e do vento era já tão ensurdecedor, que, para que ella o ouvisse, Mauricio teve que gritar e inclinar-se:

— Como poderia eu deixál-a, quando nos encontramos quasi em um paiz que é o meu, aonde sonhei que chegariamos casados?... Onde ha, talvez, um pouco de felicidade para nós... Oh! Não peço impossiveis: quero apenas ficar a seu lado e mostrar-lhe um pouco da belleza desta França nossa!...

Com a cabeça, lentamente, ella disse, por duas vezes: "Não!"

— Minha vida terminou, Mauricio... Acceitei a fortuna desse homem e devo-lhe uma fidelidade não somente real, mas tambem apparente, ainda que elle... Mauricio, a felicidade que não se soube reter não volta mais...

— Depende de nós... Somos nós que a creamos... Não depende sinão de nossa vontade, e quando...

Um choque brutal os atirou um contra o outro sobre o passadiço repentinamente transformado em terrivel pendente... O navio trepára, com um espantoso ruido de madeiras, numa rocha. Ficou immovel, com a prôa no ar, sob o tumultuoso assalto das ondas. Cessaram as pulsações das machinas. Mauricio e Isabel se agarraram desesperadamente a um banco para não rolar até as espumosas cataratas, onde desapparecia a pôpa... Officiaes e marinheiros surgiram e fizeram seu dever, subindo como puderam. Mas a extrema inclinação do navio tornava completamente inutilizaveis as embarcações... Deitaram balsas ao mar, ao mar furioso, cujo formidavel bramido era, de quando em quando, dominado pelos gritos dos passageiros.

* * *

Agora, sobre o oceano livido da aurora e tumultuoso, oscila um racimo humano. Emerge uma viga, á qual aquelles que puderam alcançál-a se agarram desesperadamente. E' o resto de uma balsa excessivamente carregada. Procurando não deixar deslisar, estão até as cadeiras mettidos na agua luzmovel. E, a cada momento, uma onda mais forte os submerge, os traga completamente, descobrindo-os depois, como faria com os arrecifes costeiros...

Mas o instincto de conservação lhes dá uma força extraordinaria. Em vão o rythmo do mar levanta o racimo humano para o céo pállido e o baixa até as ondas para tornar a levantál-os sem deixál-os repousar. Não se soltam...

Mauricio, experto nadador, salvára Isabel durante o naufragio. Esteve junto della na balsa. Estreitava-a para que ella sentisse menos frio. Defendia-a offerecendo do seu corpo aos furiosos embates das columnas de agua que se quebravam sobre seu busto...

Ali tambem se achavam os Morel. O marido delirava: "Minha esposa e eu não temos familia... Somos ambos orphãos... Não te-

nos amigos na França... Ha mais de tres annos que viajamos constantemente... Quem nos dará roupa sêcca e um copo de punch?... E fogo... fogo..." Um pouco mais tarde, elle disse a Isabel: "Senhora, quer segurar-me esta carteira? Não é muito pesada... Assim poderei sustentar melhor minha esposa, que tem os olhos extraordinariamente fixos..."

Quando o sol indeciso se tornou transparente na agua, a balsa se afundava menos: só conduzia alguns naufragos.

* * *

— Seu marido reage... A cafeina produz effeito... Fique tranquilla, senhora Morel!...

Mauricio notava um pouco de claridade através de suas pálpebras semi-cerradas. Tacteou: uma cama!... Abriu os olhos: um quarto bretão e, no quadro da janella estreita, um recanto do porto, marinheiros semi-nús, barcos de pescadores balançando-se suavemente... A seu lado: Isabel e um medico da marinha...

— Está salvo. Mas, por prudencia, voltarei novamente á tarde... Até logo, senhora Morel...

Fechada a porta, Isabel apertou a cabeça de Mauricio contra a sua, e murmurou:

— E' necessario que o saibas depressa... Estamos em Ouessant... Quando a lancha de guardas-marinha nos recolheu, tu estavas sem sentidos havia já muito tempo, mas consegui amarrar-te os punhos com um lenço á madeira... Quando o senhor Morel verificou que sua mulher estava morta, mergulhou com ella... E ahi está a explicação de tudo. Eu disse a todo mundo que nós eramos o casal Morel... Tenho todos os documentos que o acreditam... Estão na carteira que me confiou o senhor Morel... Si não te oppões, continuaremos a ser o senhor e a senhora Morel... A senhora Rice e Mauricio Hucques pereceram no naufragio e, certamente, apparecerão na lista das victimas. Terás, como eu, a coragem de romper com todos os laços da vida passada?

Mauricio quasi desmaiava novamente, mas então de alegria... Seus olhos brilharam... Isabel o embalava como a um menino enfermo...

* * *

Fazendo parte de uma casa nova, o appartamento dava para a estação de Batignolles. Apitos e rechinar de locomotivas. Crepúsculos tingindo de púrpura os trilhos espelhantes.

O senhor e a senhora Morel moravam alli, felizes, havia tres annos, com todos os seus documentos em ordem. Não falavam a ninguem do naufragio, nem de nada que se relacionasse com o passado: eram uns Morel quaesquer. A propria vulgaridade do nome os dissimulava. Mauricio, que partira muito moço para a America, não conservava em seu paiz natal nenhum amigo que pudesse identifical-o. Só teve que pôr ao conhecimento do segredo sua velha mãe uma bôa senhora sentimental, a quem enthusiasmava aquella novella e que encerrava a felicidade de seu filho entre os véos de seu luto activo...

Mas, como o pobre e authentico Morel nunca possuira titulos universitarios, Mauricio teve que abandonar sua profissão de engenheiro por outra: a de agente de annuncios, que, com o seu conhecimento dos methodos norte-americanos, lhe deu bastante resultado.

Isabel, pessôa fina, silenciosa, cuja belleza chamava a attenção dos transeuntes, na rua, levava assim uma vida de pequena burgueza, com uma criada bretã e tres vezes por semana uma mulher para os trabalhos mais pesados.

Lendo, aquella manhã, as noticias sociaes de um grande diario norte-americano, unico laço que conservava de sua antiga existencia, estava em um riso nervoso, cuja persistencia surprehendeu Mauricio. Não poude explicar-se verbalmente. O riso, um riso em que não se notava o menor traço de alegria, a dominava. Ella marcou com o indicador esta noticia: "Mister James B. Rice acaba de chegar ao hotel Regina, em viagem de nupcias com sua joven esposa".

E rindo sempre, rindo interminavelmente, ella repetiu:

— Casou-se... Casou-se novamente...

E pela primeira vez, depois da tempestade á vista de Ouessant, Mauricio experimentou uma dessas apprehensões que sempre precedem a desgraça.

Um almoço por causa de negocios e occupações inadiaveis o retiveram quasi todo o dia fóra de casa. Ao regressar, encontrou sua mulher quasi tão tranquilla e affectuosa como de costume. Nenhuma allusão á noticia do jornal durante o jantar. Mas, ao sahir da mesa, disse ella:

— Mauricio, vamos até o Regina... Eu gostaria de ver, ainda que fosse de longe, a cara da segunda senhora Rice...

Elle nada objectou. Aquella crise devia vir tarde ou cêdo. Ninguem se desprende tão brutalmente de um trecho de vida, sem reacção. Mauricio poz o sobretudo. Antes de transpôr o humbral, olhou o pobre appartamento suburbano, a bretã que tirava a mesa com grande ruido de vidros e talheres, os moveis modestos e amenos, a tranquillidade daquelle quinto andar sem elevador. Em Nova-York, Isabel tivéra um palacio, onze criados e tres automoveis...

O grande salão de jantar do Regina: brilho de toalhas adamascadas, scintillar de prataria, longos passos abafados dos *maitres d'hôtel*...

Isabel e Mauricio sentaram-se prudentemente em uma saleta de leitura, de onde se podiam ver os commensaes.

O olhar da esposa percorreu as mesas uma a uma. Suppoz, a principio, que James B. Rice não se encontrava ali e que sua vinda fôra inútil. Mas, de repente, o notou, mais pesado, mais vermelho, mais adiposo ainda que outróra, deformando com sua enormidade um smoking bem talhado. Sentada a seu lado, uma joven loira de belleza sensacional, de claros olhos atemorizados, literalmente coberta de diamantes, fazia questão de não comer o fiambre com o garfo de peixe, e em responder a seu marido com o cuidado de não desgostál-o...

Isabel reconstruiu a historia. Elle puzéra os olhos nessa pequena que pertencia a uma familia pobre e a comprou para esposa... Exhibil-a-ia emquanto ella fosse novidade... Já se viam nella os traços da subserviencia. Quasi não ousava falar. Melhor educada, mas pobre tambem, Isabel fôra, como aquella mulher, um objecto de ostentação, e tratada como tal, como um quadro de alto preço, como um cavallo de raça, sem que julgasse que merecia maiores contemplações. Aquella moça devia sentir subconscientemente que não seria mais do que o divertimento que dura uma estação. Explava já seu casamento sem amôr. Ah, sim, o conforto norte-americano, as joias!... Mas Isabel sabia que conforto e joias não são incompativeis com o desespero...

— Vamos, querido, regressemos... de bonde... — disse ella, tomando o braço de Mauricio.

E, com um olhar de piedade para a segunda senhora Rice, accrescentou:

— Pobre mulher!...

J. J. Renaud

O DIADEMA DE BERYLOS

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

— Ah! Deus lh'o pague! Faz tudo quanto póde em favor d'elle e de mim. Mas é ardua a empresa. E d'ahi, que ia elle ali fazer? Se era innocente o seu intuito, por que é que não declarou?

— Ahi me ajuda. Mas se fôsse elle o delinquente, não teria inventado uma historia qualquer? O silencio de seu filho póde interpretar-se de dois modos. Este caso representa dois pontos qual d'elles mais singular. E a policia, que diz do tal ruido que o acordou ao senhor?

— Opinam elles que seria provavelmente Arthur a fechar a porta.

— Um tanto inverosimil! Como se um homem, prestes a commetter semelhante abuso de confiança, fôsse atirar com uma porta para acordar toda a gente no predio! E da desapparição das pedras, que dizem?

— Ainda andam a sondar moveis e soalhos, esperançados em encontral-as.

— E não têm feito pesquizas cá por fóra.

— Têm. Desenvolveram extraordinaria actividade. Revolveram de alto a baixo o jardim.

— Ora vamos, meu caro senhor, pois não se lhe está mettendo pelos olhos que o caso envolve muitissimo mais mysterio do que aquelle que a principio, quer o senhor, quer a policia lhe suppunham encontrar?

O senhor á primeira vista pensou que era simples o negocio. Pois a mim, pelo contrario, afigura-se-me algo complicado. Se não, veja o que implica a sua theoria.

Suppõe que seu filho se ergueu do leito, arriscando-se a entrar no seu quarto de vestir, e abrindo a sua secretária para se apoderar do diadema e partir-lhe um pedaço; que foi esconder, em outro qualquer sitio, tres das trinta e nove pedras, e que effectuou com tamanha habilidade, que ninguem foi capaz de dar por ellas; que voltou em seguida com as trinta e seis pedras restantes para aquelle quarto onde havia todas as probabilidades de ser descoberto. E agora, pergunto eu, é sustentavel semelhante theoria?

— E qual é a sua, então? acudiu, desesperado, o banqueiro. Se o não fez com más tenções, por que é que não se explica?

— E' a nós que cumpre encontrar o motivo do seu silencio, replicou Holmes. Iremos ambos a Streatham, e gastaremos meia hora a examinar o logar.

O meu amigo insistiu commigo para que fizesse parte da expedição, convite, aliás, á medida dos meus desejos, visto que a minha curiosidade e a minha sympathia se achavam excitadas quanto possivel pela historia que acabavamos de ouvir. Confesso que a culpabilidade do filho do banqueiro se me antolhava tão evidente como ao proprio pae, mas era tal a confiança que eu depositava no discernimento de Holmes, que principiei a sentir-me esperançado a par d'elle.

Não abriu a bôcca, sequer, durante todo o percurso, reconcentrado e muitissimo pensativo, cabisbaixo e com o chapéu derrubado sobre os olhos. O nosso cliente dir-se-ia haver recuperado um tanto o animo, perante o vislumbre de esperança que lhe haviam deixado antever, e até conversou commigo a respeito do seu caso.

Um breve trajecto em caminho de ferro, um passeio a pé ainda mais curto, e eis-nos em Fairbank, modesta residencia do opulento financeiro.

Fairbank era uma casa quadrada, de dimensões avantajadas, de cantaria, um tanto arredada da estrada. Uma dupla alaméda transitavel ás carruagens, contornando um terreiro relvado, todo elle branco da néve, dava accésso a dois portões largos, de ferro. A' mão direita, um postigo de madeira, facultando entrada para um caminho estreito, com cercas de um e outro lado, e indo dar á porta da cozinha; era a entrada de serviço. A' esquerda, um passadiço para serventia das estrebarias. Este passadiço ficava, porém, fóra do predio, e era do dominio publico, supposto que pouco ou nada concorrido. Holmes apartou-se de nós, á entrada do portão, e foi rondar o exterior da casa com todo o seu vagar, veiu outra vez para a rua, e, tomando pelas estrebarias tornou a entrar pelo passadiço. Demorou-se tanto que mister Holder e eu fomos para a sala de jantar, esperar por elle ao pé do fogão. Ali estavamos, momentos havia, eis se abre a porta, dando entrada a uma joven. Era de estatura um pouco acima de mediana, delgada, com olhos e cabellos escuros, sobresahindo muito a tez alva e transparente. Não me recordo de ter visto pallidez egual em mulher alguma. Eram brancos os proprios labios, e os olhos vermelhos de muito chorar. Quando a vi entrar, silenciosamente, afigurou-se-me divisar-lhe vestigios de um desgosto mais pungente ainda que o do proprio banqueiro, e tornava-se isto tanto mais notavel quanto parecia ser mulher de caracter, dotada de uma força de alma nada commum. Sem que a acobardasse a minha presença, veiu direita ao banqueiro, confiando-lhe os cabellos com meiguice de todo o ponto feminil.

— Já deu ordem para que soltassem o Arthur, não é assim, meu tio?

— Não dei, não, minha filha. E' preciso tirar de todo a limpo este negocio.

— Mas se eu tenho a certeza de que está innocente! E' um instincto de mulher, e nada mais, sem duvida. Sinto que não fez mal nenhum, e que o tio ha de ainda arrepender-se de o ter tratado com tanta rispidez.

— E porque se nega elle a falar, se está innocente?

— Quem sabe lá? Talvez que ficasse irritado por lhe lançarem suspeitas.

— E como lh'as não haviam de lançar, ao ver-lhe entre as mãos o diadema?

— Ora! Pegara-lhe apenas com a tenção de o observar. Por tudo quanto ha lhe peço, acredite-me, pois lhe affirmo que está innocente. Ponha uma pedra sobre o caso, e não se fale mais em semelhante coisa. E' tão horrivel pensar que se acha preso o nosso Arthur!

— Não mandarei suspender as pesquizas, emquanto não forem encontradas as pedras. Antes d'isso, de modo nenhum, Mary! O affecto que consagras a Arthur céga-te ao ponto de te levar a esquecer as terriveis consequencias que para mim resultariam d'este caso? Muito longe, até, de querer abafar o caso, trouxe commigo de Londres uma pessoa, que me vae ajudar a levar muito mais longe ainda as investigações.

— E' o senhor aqui presente? perguntou ella, voltando-se para mim.

— Não é este senhor mas sim um seu amigo. Pediu-nos que o deixassemos sozinho. Metteu-se pelo passadiço e foi dar uma volta em redor da casa.

— Pelo passadiço?

Contrahiram-se-lhe os negros sobr'olhos.

— E que espera elle encontrar por ali? Ah! Elle ahi vem, se não me engano. Espero, senhor, que conseguirá provar, aquillo de que estou aliás convencida, isto é, que meu primo Arthur está innocente do crime.

— Perfilho cabalmente a sua opinião, respondeu Holmes, indo ao capacho sacudir a neve das botas. Supponho ter a honra de estar falando com miss Mary Holder. Permitte-me que lhe faça uma ou duas perguntas?

— Com mil vontades, senhor. E' desejo bastante que possam concorrer para derramar luz sobre tão triste caso.

— Não sentiu coisa nenhuma, a noite passada?

— Absolutamente nada, até o momento em que meu tio levantou a voz. Ouvi-o e desci logo escada abaixo.

— Foi quem fechou as janellas e as portas á noite. Tem a certeza de as ter fechado bem?

— Certeza absoluta.

— E acaso o estariam ainda esta manhã?

— Estavam.

— Uma das suas creadas não teria um namorado? Creio que disse hontem a seu tio que a rapariga tinha sahido para ir ter com elle.

— Tem, e foi ella propria que veiu servir o chá á sala. E' possivel que tenha ouvido o tio referir-se ao diadema.

— Ora ahi está! Deduz-se, pois, do facto, que essa creatura pode muito bem ter sahido para avisar o namorado e que, entre ambos, combinassem o roubo.

— Mas para que servirão tantas conjecturas, exclamou, impaciente, o banqueiro, se eu lhe confirmo que vi Arthur com o diadema entre as mãos?

— Espere um pouco, senhor Holder, que já lá vamos. E quanto á rapariga, presumo que miss Holder a veria entrar outra vez pela porta da cozinha.

— Vi. Quando fui verificar se a porta ficára ou não bem fechada, lobriguei-a, a esgueirar-se para o interior da casa. Distingui tambem o homem na escuridão.

— Conhece-o?

— Perfeitamente, é quem nos vende legumes. Chama-se Francisco Prosper.

— Parava á esquerda, proseguiu Holmes, e um tanto desviado da porta.

— A' esquerda, sim, é isso mesmo.

— E tem uma perna de pau!

Pelos olhos da joven perpassou um lampejo de mêdo.

— O senhor será feiticeiro, porventura? perguntou ella. Onde é que foi saber tudo isso?

Sorriu-se Mary Holder, porém o magro e expressivo semblante de Holmes permaneceu impassivel.

— Agora desejaria ir lá acima ao primeiro andar, disse elle. Mas antes disto terei talvez necessidade de tornar a sahir. Ah! vou inspeccionar as janellas do rez do chão.

Observou de corrida uma e outra, e deteve-se, depois, um pouco mais a considerar o portão largo que dava accesso do vestibulo para o passadiço. Abriu-o e submetteu a minucioso exame através da lente as arestas dos postigos.

— Agora vamos lá em cima, disse por fim.

O quarto de vestir do banqueiro era mobiliado com singeleza, alcatifado de cinzento, e tinha a um lado uma secretaria, grande, e um espelho alto, de vestir. Holmes, foi direito á secretária e examinou a fechadura.

— Com que chave a abriram?

— Com aquella a que meu proprio filho se referiu, a do armario do quarto do despejo.

— Tem-n'a comsigo?

— E' aquella que está em cima da pedra do lavatorio.

Sherlock Holmes pegou na chave e abriu a secretária.

(Continúa na pag. seguinte)

— E' uma fechadura silenciosa. Não admira que o não tenha acordado. O diadema, supponho eu, estará dentro d'aquella boceta? Vejamol-o.

Abriu o estojo, e tirando a joia poisou-a em cima da mesa.

Era um magnifico specimen de arte de joalheiro, e as trinta e seis pedras as mais formosas que me lembro de ter visto. Um dos lados fôra entortado; na extremidade faltava-lhe um pedaço, o proprio, exactamente, em que se achariam encastoadas as tres pedras desapparecidas.

— Veja, senhor Holder, observou Holmes, este canto corresponde ao pedaço que infelizmente se perdeu. Dá-me licença para o partir?

O banqueiro horrorizado recuou.

— Nunca, acudiu, nem sequer me atreveria a tentar semelhante coisa.

— Pois bem, atrevo-me eu.

Holmes, comtudo, por mais força que empregasse, não obteve o minimo resultado.

— Senti que dava de si um quasi nada, declarou elle; mas apesar de ter os dedos rijos, como poucos, necessitaria de muito tempo para o partir. Um homem de medianas forças jamais o conseguiria. E se eu o quebrasse, senhor Holder, qual seria, na sua opinião, o resultado? Um estampido como o de um tiro de pistola? Dir-me-ha ainda que se deu tudo isto a dois passos do seu leito, sem que o senhor ouvisse coisa nenhuma?

— Nem sei o que pense. Tudo me parece cada vez mais obscuro.

— Tudo virá porém a esclarecer-se, á proporção que formos examinando o caso. Que diz a isto, Miss Holder?

— Confesso que participo da perplexidade do meu tio.

— Seu filho não trazia botas ou chinellos?

— Nada mais absolutamente além da camisa e de uma calça.

— Muito obrigado. Veiu, sem duvida, favorecer-nos, em todo este nosso inquerito, uma sorte extraordinaria, e se não attingirmos á verdade inteira e completa, será por nossa culpa. Com a devida venia, senhor Holder, vou continuar lá fóra as minhas investigações.

Foi sozinho, por assim o exigir, allegando haver encontrado pégadas recentes que poderiam difficultar-lhe a tarefa. Volvida uma hora, ou mais, talvez, voltou com os pés cheios de neve, e o semblante mais impenetravel do que nunca.

— Creio ter visto até agora tudo o que tinha que vêr, senhor Holder, affirmou; e ser-lhe-ei mais util recolhendo-me á minha casa.

— Mas as pedras, senhor Holmes. Onde estão ellas?

— Não lh'o sei dizer.

O banqueiro contorcia as mãos, clamando:

— Nunca mais as tornarei a vêr! E meu filho! Não me dá nenhuma esperança?

— A minha opinião não se acha alterada em coisa nenhuma.

— Então, em nome de Deus, que tenebrosa tragedia foi esta, que se representou em minha casa a noite passada?

— Se quizer dar-se ao incommodo de vir até á minha residencia, em Baker-Street, terei muito prazer em lhe explicar tudo minuciosamente. Se é que entendi bem, o senhor concedeu-me carta branca para proceder em seu nome, contanto que eu encontrasse as pedras, e não me fixou limite ás despesas?

— Daria quanto possuo para encontral-as.

— Muito bem. Examinarei a questão entre hoje e amanhã. Até mais vêr. E' muito possivel eu ter de voltar aqui antes de anoitecer.

Para mim era ponto de fé que a opinião do meu companheiro se achava já formada, supposto que eu nem por sombras eu entrevisse a solução. Por mais de uma vez, durante o trajecto, tentei sondal-o; elle porém mudou desde logo de assumpto, até que vim a desistir. Ainda não eram tres horas, quando chegámos a casa. Foi direito ao seu quarto, e voltou d'ali a minutos, trajando como qualquer vagabundo: gola levantada, a jaqueta lustrosa nas costuras, lenço encarnado ao pescoço, botas velhas, o typo completo de vadio.

— Creio que está perfeito, disse, mirando-se ao espelho do fogão. Estimaria que pudesses vir commigo, Watson, receio porém que seja nociva a tua presença. Terei encontrado o verdadeiro rastro, ou será um logro apenas? Em qualquer dos casos sabel-o-hei brevemente. Não conto demorar-me.

Foi ao bufete e cortou uma fatia de assado frio, intercalando-a á feição de sandwich entre dois pedaços de pão, e enfiando no bolso o tosco acepipe, partiu a caminho da sua expedição.

Acabara eu de tomar o meu chá das cinco horas, quando voltou, de muitissimo boa catadura, e trazendo dependurado n'um dedo uma botina velha, de elastico.

Atirou-a para um canto, e serviu-se de uma chicara de chá.

— Isto foi só tocar no ferrolho, declarou. Vou continuar.

— Onde?

— Para a banda de além do West-End. Ignoro a demora que terei. Escusa de esperar por mim.

— E que tal lhe vae correndo o negocio?

— Hum! Assim, assim. Não tenho razões de queixa. Desde que d'aqui sahi, voltei a Streatham, mas não entrei no predio. Era um problemazinho bem bonito, e estimo immenso ser-me dado resolvel-o.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500